

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO e MONTEIRO LOBATO

SUMMARIO

A RUSSIA SOVIETISTA E A POLITICA INTERNACIONAL	Oscar Siegel	97
A CHIMICA ORGANICA NO NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA DO SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO	Affonso d'E. Taunay	109
A MELANCHOLIA	Rodrigues de Abreu	118
O TRIANGULO, ESTADO AUTONOMO	Mariz e Barros	120
CASA DE OIRO	Almachio Diniz	122
EDUCAR-SE PARA EDUCAR	Francisco Venancio Filho	133
ABAIXO AS ESCOLAS!	Antonio Salles	139
CRONICA PARISIENSE	Sergio Milliet	144
CAPITULOS DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS	Eudoro Berlinek	146

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUISAS
— NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO



20306

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Útil aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10\$000

Explicações Praticas de Escripção Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10\$000

Noções de Calculos Commercias e Financeiros. É indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6\$000

Problemas de Escripção. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois

trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em Jex volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prelo: *Contabilidade das Empresas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoral; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

Pedidos á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
 Praça da Sé, 34 São Paulo

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

EDITORES: RUIZ HERMANOS, Madrid — FELIX ALCAN, Paris — NICOLA ZANICHELLI, Bolonha — WILLIAMS NORRIDGE, Londres — WILLIAMS & WILKINS Co., Baltimore — RENASCENÇA PORTUGUEZA, Porto — THE MARUZEN COMPANY, Tokio.

“SCIENTIA,”

Revista Internacional de Synthese Scientifica
Publicação mensal (Cada numero 120 paginas)
Director: **EUGENIO RIGNANO**

É a única revista que tem verdadeiramente colaboradores em todo o mundo.

É a única revista de circulação mundial.

É a única revista de synthese e de unificação da sciencia que trata de todas as questões fundamentais: historia das sciencias, mathematica, astronomia, geologia, physica, chimica, biologia, psychologia e sociologia.

É a única revista que por meio de investigações entre os mais eminentes sabios e escriptores de todas as nações (sobre os principios philosophicos das diferentes sciencias; sobre as mais importantes questões astronomicas e physicas do dia e especialmente sobre a relatividade; sobre a contribuição dos diferentes países ao desenvolvimento das rammas da sciencia; sobre as maiores questões biologicas e, particularmente, sobre vitalismo; a questão social; as grandes questões ecitadas da grande guerra) estuda todos os problemas fundamentais que possam interessar aos sabios e aos intellectuaes de todo o mundo e ao mesmo tempo constitue a primeira tentativa de organização internacional do movimento philosophico e scientifico.

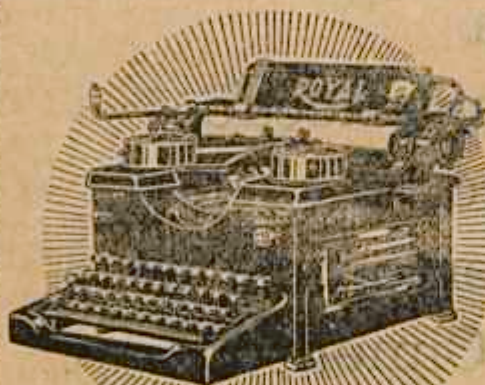
É a única revista que conta com a collaboração dos mais illustres sabios do mundo. Todos os fasciculos levam o nome de mais de 350 collaboradores.

Os estudos são publicados na lingua nacional de seus autores e cada caderno tem anexo um supplemento levando a traducção franceza de todos os estudos cujo original não é francez. Por isto a revista pode ser lida pelos que conhecem unicamente o francez. (Peçam exemplares gratuitos de amostra ao Secretario Geral da “Scientia”, Milano, enviando a titulo de reembolso dos gastos do correio e envio, 1 peseta em sellos postaes).

Assinaturas: 100 liras italianas.

OFFICINAS DA REVISTA: Via A. Bertani, 14, MILANO (26)

Secretario Geral da Redacção: Dr. PAOLO BONETTI



Em cada ramo de industria, ha sempre um artigo que na lucta renhida de concorrência conquistou uma posição superior a todos os seus congeneres. — — —

Na industria do Machinas do Escrever é a

“ROYAL”

N. 10, “
modelo Mestre

que em pouco mais de uma decada subiu á alta posição que occupa. Isso devido ás suas excellentes qualidades, como o comprovam todos os possuidores de machinas ROYAL.

AGENTE EXCLUSIVO: CASA ODEON
RUA SÃO BENTO N. 62 • TEL. CENTRAL 4608 • S. PAULO





BIOTONICO

FONTOURA

FORTIFICANTE EFFICAZ

PARA

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS



Consagrado pelas maiores notabilidades medicas em virtude do valor de sua formula e da seriedade de sua fabricação, de accordo com a mais rigorosa technica scientifica, sendo o remedio indicado para todos os organismos enfraquecidos que necessitam de um reconstituente de acção rapida e segura.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

ESTÁ NO PRELO

PROBLEMAS DE ANTHROPOLOGIA SOCIAL

de OLIVEIRA VIANNA

Os assumptos versados pelos PROBLEMAS estão em plena actualidade, principalmente depois que os paulistas resolveram-se a desinteressar da immigração italiana e que o prof. Miguel Couto abriu campanha contra o immigrante japonês. Os PROBLEMAS trazem a solução scientifica da questão.

EDIÇÃO DA

COMPANHIA GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO



SYPHILIS!!!

Abortos! Chagas! Invalidez!
Rheumatismo! Eczemas!

UM HORROR!!!

A syphilis produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destrói as Gerações, faz os filhos Degenerados e Paralyticos. Produz Placars, Queda do cabelo e das unhas, faz as pessoas Repugnantes! Ataca o Coração, o Baço, o Fígado, os Rins, a Boca, a Garganta, produz o Rheumatismo, Purgações dos ouvidos, Eczemas, Erupções da pelle, Feridas no corpo todo, a Cegueira, a Loucura, enfim, ataca todo o organismo. Elimina a Syphilis de casa porque não havendo Saúde não ha Alegria.

ELIXIR 914

É o melhor depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Bóla.

AINDA MAIS!...

O ELIXIR 914

não é só um grande Depurativo como um energico preparado contra a Syphilis, porque contém Hermophenyl o qual destrói os microbios do sangue. É o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua acção bactericida e porque não ataca o estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, secca e faz desaparecer as feridas. Não contém arsenico nem iodureto, sendo inoffensivo ás creanças.

O que a dornte sente com o uso do **ELIXIR 914:**

Appetite, regularidade dos Intestinos, melhorando os que soffrem de prisão de ventre. Desapparecimento de todas as manifestações syphiliticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Olhos; finalmente a saúde em pouco tempo.

ATTESTADOS:

É o unico Depurativo que tem attestados dos Hospitales, de especialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphilitica.

CASAMENTOS:

Não se case sem primeiro tomar 6 vidros de **ELIXIR 914.**

É o mais barato de todos os Depurativos porque faz effeito desde o 1.º vidro.

Não deixe para amanhã, **ELIXIR 914.**
comece hoje mesmo a tomar o

Vende-se em todo o Brasil e nas Republicas do Prata.

NOTA: — Enviaremos GRATIS um livrinho scientifico sobre a syphilis e doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos a GALVÃO & Cia. — CAIXA 2-C. — SÃO PAULO.

A NOVA REMINGTON N. 12



Com todas as vantagens REMINGTON, mais a acção silenciosa de que V. S. tem sempre sentido falta.

Quatorze dispositivos atenuadores de Ruido.

Queira pedir uma demonstração pratica sem compromisso á

CASA PRATT

Praça da Sé, 16 — Caixa Postal, 1419

SÃO PAULO

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Fundador: SILVIO DE ALMEIDA

Diretor: MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO



REVISTA DO BRASIL

A RUSSIA SOVIETISTA E A POLITICA INTERNACIONAL

O trabalho que se vos lêr devemos-o a distincto cidadão russo, que, conhecendo de perto a politica do "Soviet", pôde apresentar-nos um quadro exacto do injusto movimento anti-russo a que todos assistimos. Publicamol-o conforme a redacção do autor, apenas alterando aqui e ali frases em que não nos pareceu muito explicito o seu pensamento. Não é um lavor titerário, mas apresenta singular interesse.

Observa-se tanto por parte de individuos, como por parte de grupos sociaes, certa hostilidade para com a Russia. Esta anti-pathia nasceu durante a revolução de Novembro de 1917, fortificou-se e, finalmente, transformou-se num verdadeiro movimento anti-russo.

Certamente, havia para isso causas politicas, economicas, pessoas e mesmo ideologicas, mas todas causas locais, que não bastavam para tanto barulho no mundo inteiro.

O certo é que pessoas interessadas prepararam habilmente o terreno e esforçaram-se para attrahir o mais possivel o elemento inconsciente, tão necessario para os seus fins. Este elemento foi, effectivamente, encontrado em quantidade sufficiente para sustentar e alimentar o movimento anti-russo e isso automaticamente, sem nenhum interesse pessoal. Este elemento, inconsciente como é, tem ridiculisado a Russia actual, e cuspidido sobre ella, como elle tem ridiculisado em todos os tempos toda e qualquer innovação, quer na arte, quer na sciencia.

Não me proponho criticar os actos dos dirigentes russos nem as formas sociaes em vigor na Russia. Deixemos isso ao futuro historiador, sem duvida mais imparcial nos seus julgamentos de que nós, contemporaneos.

O que me interessa é analysar, na medida do possível, a questão russa, do ponto de vista da politica e economia internacional.

Afim de chegarmos a conclusões mais ou menos objectivas, precisamos libertar-nos um pouco das impressões, recebidas de fontes duvidosas, deixando, pelo menos temporariamente, sympathias e antipathias e procurando unicamente a logica.

Embora atrasada politicamente, a Russia desempenhava, antes da guerra, papel preponderante na vida politica e economica da Europa, graças ao seu territorio, que occupa a 6.^a parte da superficie continental, á sua população de 150 milhões, ás suas fontes inesgotaveis de riquezas naturaes e finalmente, graças tambem á cultura das suas classes intellectuaes.

Politicamente, a Russia era antes da guerra uma monarchia despotica e governava-se pela familia de Romanoff (nos ultimos tempos, pelo monge Rasputin), os quaes opprimiam os seus subditos, deixando a massa do povo na miseria e ignorancia. As riquezas nacionaes e os empréstimos externos gastaram-se conforme fantasias da corte. Para sustento artificial do poder monarchico, precisava-se ter em pé um formidavel exercito, uma numerosa policia e prisões especiaes.

Eis dois factos historicos para illustrar como o governo do tzar tratava o povo.

Em 1896 effectuou-se a coroação de Nicolau II. O campo de Chodinsky, nas vizinhanças de Moscou, foi designado para as festas populares. Mas, o campo estava cheio de grandes buracos. Afim de se evitarem catastrophes, foi assignada uma somma discreta para reparal-o, mas o dinheiro foi roubado e os reparos só foram feitos apparentemente. No dia da coroação, quando começou a distribuição dos presentes do tzar no campo onde se haviam reunido centenas de milhares de pessoas, houve um panico indescriptível. Milhares de pessoas caíram nos buracos, enquanto o resto fugia, louco de terror. Ficaram no campo alguns milheiros de victimas, asfixiadas ou esmagadas, cujos restos carregaram-se em carroças durante um dia inteiro. Assim começou o reinado de Nicolau II.

Em 1905, o padre Gapon, pondo-se á testa de uma multidão de operarios de Petrogrado, entre os quaes muitissimas mulheres, cujos maridos estavam na guerra russo-japoneza, conduziu-os ao Palacio Imperial promettendo-lhes uma graça do Tzar. Chegaram ao Palacio e supplicaram, de joelhos, uma melhoria de situação. A



resposta foi laconica: fogo, e alguns milhares de pobres operários desarmados foram mortos a bala diante do proprio palacio.

Assim correu o reinado de Nicolau II e o seu fim foi a entrada da Russia na guerra mundial, que a arruinou definitivamente, pois para as despesas da guerra chegou a gastar cerca de 45 bilhões de rublos e a sacrificar alguns milhões de vidas.

Entretanto, as relações entre a Russia e as demais potencias eram normaes. Em virtude das convenções existentes, ninguém intervenha nos negocios internos russos, ninguém criticava os actos dos dirigentes russos; nem o militarismo russo, que era então o maior perigo para a paz mundial; nem o imperialismo russo, que se fazia sentir mesmo na Europa constitucional; ninguém, finalmente, se interessava pela sorte de diversas populações da Russia, oprimidas e perseguidas. Os representantes do despotismo russo eram em toda parte recebidos do mesmo modo que os das repúblicas livres.

Tal tratamento não era naturalmente o resultado de sentimentos amigaveis para com o despotismo russo. Procuravam-se simplesmente certas vantagens materiaes, alvo de toda e qualquer diplomacia. A Inglaterra procurava na Russia um alliado contra a Alemanha, cuja hegemonia começava a inquietar-a; a America do Norte, um alliado contra o Japão, etc. Além disso as principaes potencias europeas, temendo sempre maiores exigências de direitos politicos e civis por parte das classes inferiores, bem como protestos contra o militarismo e imperialismo europeu, tinham interesse em sustentar o visinho monarchismo russo, considerado como um meio de se conservar o equilibrio politico.

Sucedeu a revolução de Novembro de 1917. A attitude para com a Russia mudou immediatamente. A Russia ficou como um foco de peste, isolada do mundo, por um muro de bloqueio. Esforçavam-se em apresentar a Russia nova como um paiz de mysterios e monstruosidades, onde só se matava e roubava, onde as mulheres ficaram propriedade do estado. Accusavam a Russia de traição, de aventurismo e de fanatismo contrario á civilisação.

Interessante é que a propria guerra mundial esteve longe de deixar aquelle antagonismo e hostilidade que se manifestaram em relação á Russia por causa de sua revolução social.

Quando, porém, passou a embriaguez da guerra e se fizeram sentir as suas funestas consequências, começou-se a enxergar a verdadeira phisionomia da guerra e as suas verdadeiras causas. Os homens ficaram desconfiados e perceberam que, mesmo na campanha contra a Russia, devia haver alguma trama. Começaram a descobrir que essa campanha fôra iniciada e sustentada por causa de petroleo, minas e florestas russas e não por algum ideal, como os adversarios da Russia se esforçavam por demonstrar. Houve



a mesma coisa que se deu por ocasião da guerra, a qual teve a sua origem simplesmente na concorrência, no desejo de conquistar e não em motivos de alta moral, protesto contra o imperialismo e contra o militarismo, desejo de salvar a civilização, como se annunciava patheticamente, invocando-se o patriotismo da massa do povo. Tudo isso ficou perfeitamente provado em seguida, pela politica colonial da Europa — a attitudo da Inglaterra para com Mossul, Constantinopla e Smyrna; a occupação do Ruhr pelos francezes; a politica dos estreitos, os acontecimentos na India, no Egypto e em Marrocos — bem como por um algarismo interessante: 1.303.921, que corresponde ao augmento do exercito nos paizes alliados em comparação com o anno de 1913, isto é 42 %. Tal politica complicou ainda mais a questão nacional dos povos dependentes das grandes potencias europeas, provocando um movimento nacionalista na Irlanda, India, em Marrocos e no Oriente proximo, paizes que esperavam ganhar, com a guerra, liberdade e independencia.

Descobriu-se pouco a pouco que toda a politica aggressiva contra a Russia tinha por fim quebrar a frente unica russa bem fortificada em toda a sua extensão para não livrar a Russia do poder do capital estrangeiro. Isso foi provado pelas aventuras de Wrangel, Koltchak, Judenitch e outros, para as quaes certas potencias chegaram a gastar cerca de 5 bilhões de dollares. Emfim, ficou de manifesto que todas as phrases sonoras do vocabulario internacional de grandes ideas não correspondiam á realidade.

Quando se falla e se escreve da Russia actual, insiste-se sempre na dictadura do proletariado, monstro que deve espantar o mundo. Vejamos o que nisso ha de contrario á humanidade actual. Digamos que a dictadura é um poder illimitado e irresponsavel de uma minoria. Será uma coisa nova? E o absolutismo russo não foi todo o tempo a dictadura de uma determinada classe? Entretanto, não impedia que a França republicana estivesse em relações de amizade com a Russia e organisasse até festas nacionaes em honra dos dictadores russos. Nos tempos presentes, conhecemos a dictadura de Mussolini, de Primo de Rivera e, olhando-se com attenção, descobre-se a dictadura de "Wall Street" nos Estados Unidos, e outras bem diversas dictaduras de classes, partidos e mesmo grupos, com poder illimitado e que têm do seu lado a lei, igreja e exercito, tudo fóra do povo propriamente dito.

Não se trata, portanto, de dictadura e sim da dictadura do proletariado; antes, toda a questão está no proletariado.

Surge então a questão: porque a classe dos trabalhadores, classe dos productores de todos os valores, devê ter menos direito a existencia e poder de que outras classes e grupos, cujo



sucesso é raramente o resultado de trabalho ou mesmo de intelligencia?

Quanto á questão si o proletariado russo está na altura de assumir o poder ou si os dirigentes actuaes russos são verdadeiros representantes desta classe — são da competencia dos tratados internacionaes, do mesmo modo como nunca fôra de sua competencia a questão da origem ou da conducta dos Romanoff ou Rasputin.

Conforme tratados internacionaes, um paiz não tem direito de intervir nos negocios internos de outros e assim deveria ser tratada a Russia, estivesse lá o absolutismo, o fascismo a constituição, a republica ou o socialismo.

Aqui surge, naturalmente, a questão da propaganda bolchevista no estrangeiro e da falta de pagamento das dividas antigas, dois traços essenciaes com os quaes querem caracterizar a Russia para distingui-la dos outros paizes.

Quanto á propaganda, creio que o medo é exaggerado. Para acreditar que o proletariado russo e seus dirigentes tenham uma influencia extraordinaria sobre os operarios francezes, inglezes ou italianos e sobre seus leaders, é preciso admittir que esses estejam num grau de desenvolvimento e consciencia inferior ao dos russos. Ora, é difficil acreditar que o operario europeu esteja menos consciente de que o russo e que o socialista europeu conheça menos Marx de que o bolchevista russo. Ora, admittindo-se que a situação politica nos paizes europeus esteja tão pouco segura que a propaganda de qualquer estrangeiro possa apresentar um perigo, a culpa naturalmente, não é da Russia. Tudo isso não pôde escapar á attenção dos estadistas europeus e, se elles attribuem á propaganda russa uma significação especial, fazem isso antes no interesse de sua politica anti-russa. Vejam-se as coincidencias suspeitas: o tratado anglo-russo proposto por Macdonald coincide com a carta de Zinovieff e a chegada do ministro russo Krassin a Paris com as manifestações dos communistas na França.

Como se descobria, a carta de Zinovieff era necessaria aos conservadores inglezes para a campanha eleitoral; porém, quando o governo russo exigia que se fizessem averiguações, insistindo que a carta era forjada por inimigos da Russia, o Sr. Austin Chamberlain, o velho diplomata inglez, declarava, de modo pouco diplomatico, que o governo de Sua Magestade não estava disposto a discutir este assumpto.

Quanto ás manifestações communistas, eram necessarias aos conservadores francezes para a agitação contra Herriot e contra o reconhecimento da Russia soviética. O que é certo é que os esforços para ligar o bolchevismo russo e a chegada de Krassin com as manifestações communistas na França não foram produc-



tivos. Na lista das pessoas expulsas ultimamente de Paris por causa das ultimas desordens, não figura nenhum russo.

A acreditar, porém, nas versões officiaes, resulta que, em ambos os casos, os russos se puniram a si mesmos: Zinovieff dirigia expressamente a carta ao proletariado inglez afim de que a Inglaterra recusasse o emprestimo solicitado pela Russia, enquanto Krassin organisou desordens em Paris no dia seguinte ao da sua chegada para que os francezes reconsiderassem o reconhecimento do soviet tanto almejado pela Russia.

Em geral, tomando-se em consideração toda a politica russa exterior, seria absurdo que a Russia, que tanto necessita dos demais paizes para fortificar a sua economia nacional e que se esforce para reatar relações com elles, enviasse seus representantes com a missão especial de fazerem a propaganda bolchevista, indispondo assim os de que ella precisa neste momento para uma pacifica collaboração economica.

Quanto á falta de pagamento das dividas antigas, é uma questão bastante delicada e longe de ser tão simples como parece para a maioria. Examinando-se os materiaes concernentes a esta questão, de fonte russa e estrangeira, apparecem muitos pontos sujeitos a discussão. Como já mencionei, desde a revolução de Novembro de 1917, a politica da Europa para com a Russia era manifestamente aggressiva. Conforme accordos internacionaes, não se deveria intervir nos negocios russos; a Russia foi então posta fóra da lei e certas potencias europeas, como se soube mais tarde, ajudaram material e moralmente exercitos brancos que atacaram a Russia com o fim de se apoderarem do governo. Essas aggressões causaram colossaes damnos materiaes á Russia além de numerosas victimas humanas. Uma commissão composta de sabios e especialistas está trabalhando em Moscou, colhendo materiaes para poder estabelecer exactamente quantas vidas humanas custou a intervenção estrangeira na Russia. Quando se debate a questão das dividas de guerra, a Russia expõe suas contra-pretensões e exhibe contra-contas, mas não se recusa ao pagamento das dividas antigas communs. Do tratado anglo-russo, publicado em jornaes russos e inglezes, vê-se que a Russia necessita do emprestimo, pois de outro modo não pôde desenvolver sua economia sufficientemente para pagar as dividas antigas.

Preciso accrescentar que não ha nenhum exaggero nas contra-propostas russas nem no seu desejo de conservar intacto o seu territorio.

E' evidente que a guerra deixou a Europa em tal situação que ninguém pôde pagar as suas dividas, quer os vencedores quer os vencidos.



Não somente a Alemanha vencida e arruinada não paga as dividas antigas e recebe um emprestimo novo dos Estados Unidos e da Inglaterra, como tambem a França vencedora não está em condições de amortisar a sua divida antiga para com a America e a Inglaterra, de 30 bilhões de francos ouro e consegue um novo emprestimo de 100 milhões de dollares.

A Russia pede um emprestimo de 40 a 60 milhões de libras para prompto restabelecimento da sua economia. A Russia concorda em pagar juros mais altos do que a Inglaterra reclama, applicando-se a differença para a amortisação das dividas antigas. Ao mesmo tempo a Russia está disposta a começar a liquidar as dividas antigas particulares e a entrar para tal fim em relações directas com os interessados.

Quanto ao emprestimo para a Russia, oppoem-se todos os obstaculos. No decorrer do anno passado foram subscriptos na Inglaterra emprestimos para a Checo-Slovakia, Japão, Austria e Hungria. O emprestimo hungaro de 10 milhões de dollares foi subscripto e garantido pela Liga das Nações dentro de duas horas. Mas contra o emprestimo á Russia levantaram-se protestos na propria Inglaterra. A causa é simples. Os banqueiros inglezes não estão acostumados a conceder emprestimos aos estados que não se deixam converter em colonia britanica. Eis porque esses banqueiros tanto se oppõem ao tratado com a Russia proposto por Macdonald e que é vantajoso para ambas as partes. Quanto aos banqueiros americanos, possuidores dos depositos mundiaes de ouro, na opinião dos economistas russos, esperam, sem reconhecimento dos soviets, explorar a Russia por intermedio da Alemanha onde, graças ao plano Dawes, a America deverá ter uma influencia preponderante, tanto economica como politica.

Como se vê, trata-se sempre de negocios, de vantagens materiaes e não de principios moraes. Se o governo dos soviets cedesse os seus poços de petroleo, suas minas e renunciasse ao monopolio do commercio exterior, ninguem fallaria no bolchevismo russo.

A proposito pôde-se lembrar a declaração feita por Ismet Pachá a J. Zauervein, correspondente do "Matin" em Lausanna; disse elle que a crise que está atravessando a conferencia não teria lugar si a Turquia cedesse aos inglezes na questão do petroleo de Mossul. — Embora a Russia não esteja de nenhum modo disposta a renunciar a todos os seus direitos e victorias, ainda ha quem nutra esperanza e faça planos para arrancar della algum pedaço succulento.

Podemos acrescentar que, em geral, as potencias europeas não vêm interesse em ter como visinho uma Russia unida e forte

que não concorda mais, como se vê, com a sua politica aggressiva e imperialista.

Quando se falla e se escreve sobre a Russia, imputa-se a ella além da dictadura do proletariado, da propaganda bolchevista e da falta de pagamento das dividas antigas, ainda o facto de sustentar-se o poder do soviet unicamente pela força das baionetas. Mas, pergunta-se, qual o poder que não se apoie nas baionetas? Cada estado, mesmo o mais democratico, mantem uma força cujo sustento custa aos cofres do estado mais que instrucção e hygiene publica. Esta força emprega-se frequentemente para a defesa dos interesses politicos e economicos das classes dominantes e, em casos especiaes, recorrem-se a medidas rigorosas, como o estado de sitio, lei marcial, etc.

Tambem o poder dos soviets se sustenta pela força armada e, em casos excepçionaes, durante a guerra civil encarniçada na Russia e quando todo o resto do mundo fazia uma frente unica á Russia, frente politica, economica e militar, as autoridades sovietistas recorreram a medidas mais rigorosas e severas, chamando-se aquelle tempo o periodo de communismo militar.

E' impossivel admittir que o regimen de soviets se sustente com baionetas especiaes e que o communismo militar seja seu traço caracteristico. Em primeiro lugar, isso tem sido desmentido por estrangeiros, conhecidos como estranhos ao communismo, que visitaram a Russia com o fim de estudar a sua vida politica, economica e social; em segundo lugar, se o poder dos soviets se sustentasse só pela força bruta, sem ter outra base, elle não poderia melhorar a situação interior e exterior do paiz, nem festejar o seu 7.º anniversario. Entretanto, basta olhar com um pouco de attenção a vida russa, para vêr que a economia nacional se está restabelecendo pouco a pouco, com suas proprias forças, embora neste momento a Russia tenha diante de si uma tarefa mais complicada que antes. Em 1918, a Russia tinha diante de si uma frente de guerra o que dava ás autoridades preocupações quasi unicamente estrategicas, enquanto agora, ellas têm que enfrentar numerosos e complicados problemas economicos, o que é muito mais difficil.

Presentemente, para base de comparação do resurgimento economico dos estados pôde servir a situação de antes da guerra á qual aspira cada paiz europeu. Applicando-se o mesmo ponto de vista para a Russia, percebem-se coisas interessantes: a Russia arruinou-se na guerra mais que todos os outros belligerantes, soffreu revoluções e bloqueio, soffreu o flagello da fome e molestias epidemicas, tendo chegado assim ao ultimo grau de inanição, até ao canibalismo, na opinião mesmo do governo russo.



A Rússia tanto se tinha afastado da sua situação de antes da guerra que nem se esperava mais sua volta a uma vida normal. Entretanto, a laboriosidade e actividade do povo russo, bem como o espirito de sacrificio do cidadão russo para as coisas publicas, venceram as dificuldades e conduziram a Rússia ao caminho de renascimento. Por diversas informações sobre a marcha da vida economica na Rússia pode-se ver que alli foram opportunamente tomadas medidas para augmentar a productividade, observar uma rigorosa economia e diminuir a especulação. O governo tomou em suas mãos o controle do mercado de cereaes, das operações bancarias, da grande industria das minas e de todo o commercio exterior, ajudando largamente, ao mesmo tempo, o movimento cooperativo, o qual contava nas suas fileiras, até o mez de janeiro de 1924, cerca de 5 milhões de membros occupados num trabalho productivo.

Uma rede bem organizada de sociedades cooperativas (na ultima feira de Nijni-Novgorod tomaram parte 131 grandes cooperativas) foi uma boa arma nas mãos do governo russo em sua luta contra a especulação e contra intermediarios, cubicosos demais, entre a cidade e o campo ou entre o mercado e o consumidor.

O progresso observa-se tambem em outros ramos da vida economica russa. Conforme dados estatisticos officiaes, vemos que as minas de Donetz produziram em 1922/23 305 milhões de "puds" (pud-16 kilos) de carvão; em 1923/24 produziram 485 milhões e neste anno espera-se chegar a 600 milhões. A produção de carvão attingiu em geral 60/70 % da norma dantes da guerra; a produção das fabricas de tecidos de algodão 63 % da mesma norma. A produção do petroleo augmenta cada vez mais. A media mensal em Baku, Grozny e Emba attinge a 5 milhões de barricas. Foram abertos novos poços em Suruchon alguns dos quaes dão de 10 a 15 mil barricas diariamente. A colheita geral dos cereaes neste anno pôde ser estimada em 2 bilhões e 800 milhões de "puds". A industria do fumo augmentou a sua produção de 50 % nestes ultimos mezes e a de artefactos de borracha de 86 %. A exportação cresce e para o anno de 1925 prevê-se uma sahida de 1.300 milhões de toneladas de diversas mercadorias.

Assim vê-se que a Rússia se approxima, embora lentamente, mas a passo seguro, da situação em que estava antes da guerra.

Entrando em relações com a Rússia, o mundo exterior se convenceu de que todo o trabalho politico, economico e de cultura, está-se fazendo alli por um systema bem preparado de antemão.

Entretanto, sente-se a necessidade de uma communhão mais larga com o resto do mundo, pois, apesar de todos os esforços



para normalizar a situação geral, sem ajuda de fóra o trabalho vae com morosidade.

Verdade é que tambem na Europa, mesmo nos paizes vencedores da guerra, o trabalho da reconstrucção vae devagar. De um lado, vemos dividas com juros terrificantes, inanição economica, diminuição da productividade; do outro lado, accentua-se a luta de classes e cresce o espirito revolucionario. Não vão melhor os negocios internacionaes. As conferencias do desarmamento e da collaboraçã pacifica não deram resultado; florece a diplomacia secreta, o dinheiro se deprecia, a falta de trabalho e a carestia da vida tornam-se phenomenos internacionaes.

Nas relações entre os estados, sente-se uma falta de confiança, d'ahi uma politica aggressiva e destructiva.

Em taes condições, não pôde haver questão de melhoramentos e planos de construcção. Entretanto, a construcção se impõe, pois os concertos não são mais efficazes e o edificio ameaça ruir.

Apesar de peorarem progressivamente os negocios europeus, ainda não pudemos crear as mais elementares condições da collaboraçã internacional, isto é, um convenio temporario internacional. Fallo num accordo temporario, pois seria ingenuo fallarmos na solidariedade no proprio sentido, dada a divergencia dos interesses que separa as nações.

E' que os estadistas que dirigem o mundo não são defensores dos interesses do povo e sim dos interesses de certas classes e grupos. Por isso, todas as phrases bonitas sobre o desarmamento, collaboraçã, resurgimento economico não passam de palavras ocas.

Os povos, no sentido largo da palavra, todos estão interessados na paz. Elles não precisam de annexações, nem de contribuições, o que não se pôde dizer do capital cujo papel e destino é uma eterna procura de juros.

Effectivamente, quando um dirigente comprehende melhor o povo e seus interesses elle levanta em primeiro lugar a questão de desarmamento e reconstrucção economica e seu programma politico é sempre anti-imperialista e productivo. Assim foi com Macdonald e Herriot que fizeram todos os esforços para encontrar pontos de contacto para accordos internacionaes.

Partindo-se do ponto de vista dos interesses do povo, chegar-se-á á conclusão que a vida mesma indica accordos internacionaes, não accordos particulares que não têm dado até hoje nenhum resultado; e sim accordos vastos, que não excluem um ou outro paiz, tanto mais a Russia. Isso foi perfeitamente comprehendido por Macdonald e Herriot os quaes logo reconheceram o governo dos soviets e entraram em relações officiaes com a Russia.

De boa ou de má vontade, precisamos admittir que, para o equilibrio politico e economico da Europa, embora temporario, ha necessidade de productos russos, necessidade da collaboração pacifica do povo russo e mesmo do contacto com a cultura russa. Teve razão de declarar Lun Ober, antigo redactor politico da "Revue de Paris", na Academia de Sciencias Politicas, que a possibilidade de um melhoramento geral da situação europeia depende do reconhecimento da Russia sovietista. O sr. Herriot que esteve na Russia em 1922 e que observou pessoalmente a vida russa, declarou abertamente que o primeiro passo para a paz e o futuro da Europa tem que ser procurado na collaboração com a União dos Soviets. Da mesma opinião é o senador americano Borah e diversos outros estadistas e economistas, bem como o saudoso Anatole France que era um grande amigo da Russia.

Como se vê, relações com a Russia são uma necessidade historica. Toda obstinação neste sentido é inutil e mesmo prejudicial, como foi inutil e prejudicial a intervenção nos negocios russos e o bloqueio da Russia.

O novo governo conservador da Inglaterra poderá fazer chicana com o tratado de Macdonald e a carta forjada de Zinovieff. Quanto a esta ultima, tanto seria razoavel exigir-se de Zinovieff que elle renunciasse ao 3.º Internacional, como o seria exigir-se de Mussolini que abandonasse o fascismo. O governo inglez, porém, não poderá ignorar que a Inglaterra industrial, que importa 80 % de seus mantimentos, tem que ser muito interessada na exportação russa nesse ramo. De resto, não sómente para a Inglaterra, como tambem para outros paizes, que se preocupam de sua economia nacional, a questão do mercado russo e da exportação de productos russos é de uma importancia primordial e as relações com a Russia estão na ordem do dia.

Como se vê, a diplomacia e politica de conquistas, aggressões e escravidão não correspondem mais á corrente da vida nova.

Essa diplomacia não pôde ter mais lugar onde ha luta pela liberdade, independencia e resurgimento economico.

E em relação á Russia, infructiferos são os esforços reaccionarios; a corrente da vida nova passa por cima das barreiras. Effectivamente, apesar de todos os obstaculos e perturbações por parte das pessoas interessadas, apesar de todos os calculos diplomaticos e contra-marchas politicas, na lista dos estados que estão negociando com a Russia figuram: Australia, Austria, Inglaterra, Belgica, Bulgaria, Germania, Hollanda, Grecia, Dinamarca, Egypto, Italia,

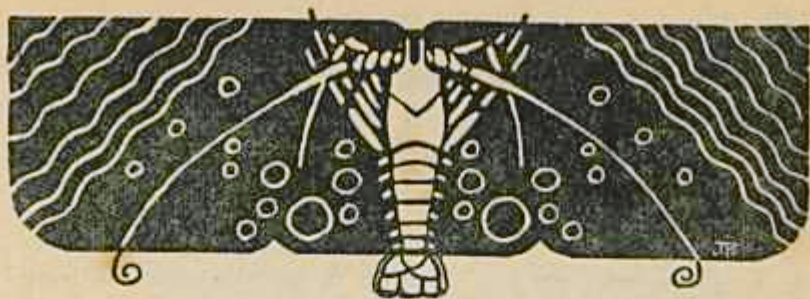


China, Latvia, Noruega, Ost-India, Persia, Polonia, Estados Unidos, Turquia, Finlândia, França, Cheko-Slovakia, Suíça, Suécia, Estônia, Japão e as potencias principaes da Europa já reconheceram "de jure" o governo dos soviets. Outros paizes têm que seguil-as, pois, as relações com a Russia não são sómente possíveis e vantajosas como também são uma necessidade historica.

Sobre isso tive o ensejo de escrever ainda em 1922 e o repito mais uma vez.

OSCAR SIEGEL





A CHIMICA ORGANICA NO "NOVO DIC- CIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA" DO SNR. CANDIDO DE FIGUEIREDO, EM TERCEIRA EDIÇÃO (1923)

*Definições insuficientes, omissões imperdoáveis.
Indeterminação de significados. Lacunas sobre lacu-
nas. Erros e impropriedades. Obsoletismo extraor-
dinário das fontes de consulta. Química inculcada
por uma Tecnologia rural.*

Proseguindo no nosso aliás muito perfunctório exame do va-
lor das definições químicas da terceira edição do *Novo Dicionário*
do Sr. Candido de Figueiredo, rapidamente revistemos o que nelle
ha de mais saliente em relação á chimica organica.

São-lhe os significados geralmente deficientíssimos se não
improprios de obra de tal porte.

Começemos pelos das diversas funções da chimica dos com-
postos do carbono.

Alcool, diz o Sr. C. de F. é o "liquido, resultante de destilla-
ção de qualquer substancia fermentavel". Sob o ponto de vista
chimico tal definição é inexistente, "branca nuvem" e, se alcool
só vem a ser o que diz o *Novo Dicionário*, então a fermentação
da urina deve dar alcool em abundancia. E assim poderíamos mul-
tiplicar os exemplos desta natureza.

Sob o ponto de vista chimico, que para os alcooes é o essen-
cial, a definição a adoptar-se só pôde ser a seguinte "principios
neutros, ternarios, de carbono, oxygenio e hydrogenio, capazes de

se unir directamente aos ácidos e de os neutralisar, formando água". Depois disto se poderá dizer, em addendo, que os alcooes geralmente se obtêm pela destillação, etc.

Mas naturalmente na sua quarta edição teimará o Sr. C. de F. em manter a sua "impeccável" definição. A outra é a do do João Fernandes da chimica: Marcellino Berthelot, homem "curioso" da sciencia lavoisieriana. Continuando a tratar dos alcooes, diz Sr. C. de F. que o methylico é o "espírito de madeira adoptado como agente para a desnaturação dos alcooes".

E realmente o alcool methylico, vulgarmente chamado espírito de madeira, é, por barato, empregado para tal fim.

Mas uma definição desta natureza será a sufficiente para o dictionario que se jacta da primazia na litteratura luso-brasileira? Que diria o Sr. C. de F. de algum dictionarista seu confrade, que definisse "Perú: animal que serve para os pratos de honra dos banquetes"? Gato: animal que caça ratazanas e camondongos".

O Sr. C. de F., que tanto gosta de se apavonar com o emprego de uma formulasinha nas suas definições, para que não escreveu que o alcool methylico corresponde a CH^4O , por exemplo? Mas... prosigamos. Do alcool ethylico nada diz o douto dictionarista o que é simplesmente inexplicavel. Exactamente do mais importante dos alcooes! Mais uma lacuna para aquella lista innumeravel das falhas do *Novo Dictionario* onde só nós descobrimos mais de doze mil omissões e o nosso illustre consocio R. P. Carlos Tschauer, um rôr de milhares tambem.

Continuemos porém a nos alcoolisar... elevadamente. Que affirmará o illustre philologo do alcool propylico?

"Diz-se de um dos alcooes dos vinhos cuja formula chimica é C^3OH^3 ". Quanta deficiencia! Se ha dous alcooes propylicos! O primario $\text{CH}^3\text{CH}^2\text{CH}^2\text{OH}$ e o secundario $\text{CH}^3\text{CH}^3\text{CHOH}$! Segundo o ukase do Sr. C. de F. deve um desaparecer para que se não perturbem a ordem e a serenidade olympicas das definições do *Novo Dictionario*.

Prosigamos na nossa alcoolisação ascendente — *en tout bien tout honneur*... Leva-nos ella aos sympathicos alcooes butylicos interessantes ternarios de que ha quatro conhecidos, como qualquer preparatorio sabe, se é que tem receio do sinistro *pau*, da *homba*, ou *raposa*, como se diz em Portugal.

São quatro os alcooes butylicos: dous primarios, um secundario e um terciario. Mas o Sr. C. de F. fusilou tres dos coitados.

"Diz-se de um dos alcooes dos vinhos cuja formula chimica é $\text{C}^4\text{H}^{10}\text{O}$ ". Mas, illustre philologo, se ha quatro destes alcooes butylicos, todos elles desejando ardentemente viver? $\text{CH}^3\text{CH}^3\text{CH}^2\text{CH}^2\text{OH}$ (1) — $\text{CH}^3\text{CH}^2\text{CHOHCH}^3$ (2) — $\text{CH}^3\text{CH}^3\text{CH}^2\text{CH}^2\text{OH}$ (3) e $\text{CH}^3\text{CH}^3\text{OHCH}^2\text{COH}$ (4)? Deixe os coitados que vivam!



Foi o Sr. C. de F. com este alcoolicidio mais longe do que o sujeito da popular pilheria quando affirmava que os quatro evangelista eram tres. Esaó (sic.) e seu filho Jacú (sic.).

Mas estou a ouvir o douto dictionarista bater o pé. "Não senhor! só ha um! Quem affirmar o contrario é rematado idiota!"

E eu me atrevo a lhe responder. E este idiota continua a ser o N. N. chamado Marcellino Berthelot, no seu *Tratado de Chimica Organica*.

Deixemos porém os alcooes monoatomicos e examinemos o que o Sr. C. de F. diz dos polyatomicos. Já com o primeiro, o glycol nos prega uma *hypothese*.

"Glycol, affiança; substancia intermediaria ao alcool e á glycerina pelas suas propriedades physicas e chimicas". Isto é, muito nebuloso... Realmente o glycol é um alcool duas vezes alcool e a glycerina o é tres vezes. Mas com a definição incompleta do N. D. não se comprehende esta intermediação. Desappareceria tal indeterminação se o Sr. C. de F. escrevesse: "Glycol o mais simples dos alcooes diatomicos, duas vezes alcool primario, de formula $\text{CH}^2\text{OH}.\text{CH}^2\text{OH}$ ".

A definição da glycerina sob o ponto de vista chimico não vale "dous caracões". Serve para qualquer *Diccionario do povo*, quando muito: "Liquido xaroposo de sabor açucarado, base de todas as gorduras".

Nem uma palavrinha sobre a função trialcoolica do liquido do grande Scheele!

Como indice chronologico, a definição do Sr. Candido é porém preciosa; mostra-nos o atrazo de seus informantes em materia scientifica.

Repete as ideias de Chevreul, em 1814, aliás justissimas, quando este illustre chimico affirmou que os corpos graxos podem ser considerados como formados de acidos graxos e de uma *materia* que hydratada fornecia a glycerina.

Mas isto em 1814, illustre philologo! Em 1854 deixou Berthelot insophismavelmente esclarecido que a glycerina é um alcool triatomico e os corpos gordurosos naturaes, oleos e gorduras, os etheres glycericos dos acidos graxos.

Se nos lembrarmos de procurar no N. D. os alcooes polyatomicos, novas lacunas, e numerosas, nos saltarão aos olhos mesmo quando se tratar de compostos vulgares.

E além de tudo ha imperdoaveis omissões referentes a compostos que os mais elementares compendios de chimica nos apon-tam como a *arabita*, a *dulcita*, a *sorbita*, etc. Mais lacunas! Mais lacunas!

Passamos depois deste rapido passeio pelas regiões da *dry lat* a ver o que dos phenoes nos ensina o Sr. C. de F.

"Phenoes — corpos ternarios, compostos de carbono, hydrogenio e oxigenio e provenientes de um carbureto pela substituição de um atomo de hydrogenio por um oxhydrilo".

Não basta! Está a definição indeterminada. Assim tanto serve para os phenoes como para os alcooes. Ergo, para o Sr. C. de F. alcool é synonymo de phenol. E não ha tal; não ha estudante-zinho de preparatorios ignorante de que se os alcooes tem grandes analogias com os phenoes tambem com elles mantem muito fundas diferenças. Teria o Sr. C. de F. dado uma definição irreprehen-sivel se não se houvesse "esquecido" de dizer que o carbureto a que allude pertence á serie benzenica.

Pois se etymologicamente phenol vem de pheno e se *pheno* é synonymo de *benzeno*? Se o mais simples dos phenoes, o C^6H^5 OH, vulgar e impropriamente designado por *acido phenico* tambem é chamado benzenol!

De *Nitrila* nem uma palavra fala o Sr. C. de F.

Mais uma lacuna! — das mais sensiveis!

Muito mais grave porém a ausencia imperdoavel de *cetona*, correspondente a importantissimo aggrupamento funcional.

No *Novo Dicionario* não achamos *cetona*, nem *Ketona* nem *quctona* o mesmo silencio tut-an-Khammemico reina no seu sup-plemento. Lembra-nos o valle dos Reis... Entretanto mostra o Sr. C. de F. conhecer a existencia da acetona, a mais simples das cetonas, e a camphora, embora não pareça saber que este pro-ducto, inimigo dos insectos e da deusa cyprina nascida da onda amarga, seja uma cetona do *borneol* ou *alcool campholico*. (Mais duas lacunas do N. D. Quanta lacuna! quanta lacuna!).

A definição que dos aldehydos dá o Sr. C. de F. é correcta mas já que estamos neste capitulo notemos a proposito do mais simples dos aldehydos, $H.CHO$, o aldehydoformico ou methanal (mais uma lacuna! e das cabelludas! quanta lacuna!) tambem chamado for-mol; notemos quanto a proposito deste corpo é o N. D. de do-lorosa insufficiencia. "Formol — preparação antiseptica appli-cavel especialmente contra a mordedura venenosa de certos ani-maes.

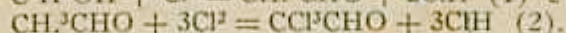
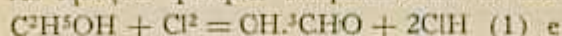
Então é uma especie de *Sabão russo*, de *Maravilha curativa* de Humphreys, de *Doe? Gelol cura qualquer dôr?* transformado agora em *Picon? formol tira qualquer comichão!?*

Tinha o illustre philologo a obrigação de escrever: "Formol — Aldehydoformico ou methanal composto ternario de formula $H.CHO$ proveniente da deshydrogenação do alcool methylico".

Se o *formol* do Sr. C. de F. se mostra tão deficiente, o seu *chloral* vem a ser destestavel. "Chloral, diz o douto dicionarista, mistura de chloro e alcool"!!

Affirma portanto que o chloral é $C^2H^3OH + Cl^3$, p. ex., o chloral, entretanto, não é uma mistura, e sim um corpo perfeitamente definido C^2CFOH ou em formula racional CCl^3CHO aldehydo trichlorado. Não provém de uma mistura de chloro gazoso e alcool e sim de uma verdadeira reacção em duas phases em que se dá a eliminação do acido chlorhydrico. Vá algum desastrado "misturar chloro e alcool" e tomal-o como sedativo e hypnotico, e verá a belleza que lhe succede!

As equações qualquer compendiosinho as menciona:



Tinha o N. D. a obrigação de definir o chloral como "aldehydo trichlorado nascido da acção de uma corrente de chloro sobre o alcool concentrado quanto possível, e resfriado".

Não podemos porém abandonar os aldehydos e cetonas sem ainda deixar patentissimo quanto a chimica organica do Sr. Candido de Figueiredo está atrasada de numerosos decennios. Afere-se pelo paradigma da sua chimica mineral.

Prova irrefragavel do que avançamos é o seguinte: ignora o douto dicionarista, e por completo, a existencia dos trabalhos de Fischer, dos memoraveis, dos extraordinarios trabalhos de Fischer, sobre os assucares, revelados ao mundo scientifico, ha muito pouco tempo, só em 1892, antes portanto, muito antes, do apparecimento da primeira edição do *Novo Dicionario* (1899).

E' por isto que debalde procuramos na terceira edição do grosso lexico figueirediano de hoje as palavras corriqueiras para os gymnasiastas que são: *aldose* e *cetose*; *biose* e *triose*; *hexose*, *hexobiose*, *hexotriose*, etc., etc.

Quanta lacuna! quanta lacuna! estou a presentir a gemebunda observação do meu eminente contradictado... Quanta lacuna, quanta lacuna! retruco-lhe serviçal.

Ha mais de cem mil no seu *dicionario*, illustre mestre!

Mas a culpa é sua! Olha que *aldose*, *cetose*, *biose*, etc. já podiam ter apparecido na sua primeira edição! o diabo é o Sr. pensar que os livros de chimica impressos em 1860 estão em 1923 *up to date*... Um conselhosinho... gratis, benevolo e util. Para a sua quarta edição compre livros de sciencia moderna e faça *amende honorable* dos "enganos" da terceira tiragem do seu prestante lexico.

Olha que inculcar a leitores de 1923 as noções da chimica de 1860 é grave e é feio para um homem do seu valor. Diga pois *peccavi, peccavi!*... e corrija. Lembre-se do seu *florianista!* que de sectario da escola litteraria de Florian na 2.^a edição do N. D.



passou a sêr — gente vira casaca! — partidario do Marechal Floriano na terceira.

Esta *amende honorable* causou optima impressão nestes bellos e barbaros Brasis... vamos illustre philologo, coragem! e faça a devida *amende honorable*.

II

Passemos agora á funcção ether. E' boa a definição do N. D. e abrange os casos dos ethers saes e dos ethers oxidos. Nada ha a se lhe ajuntar e a se lhe restringir. Apenas ha a se lhe fazer justiça. Que pena porém que o douto philologo, escudado em boas autoridades e não nos seus autores de éras pre-affonsinas, seus habituaes conselheiros, para a technologia scientifica, não haja mantido o mesmo nivel ao fazer a descripção dos mais importantes ethers.

Comecemos pelos dos carburetos graxos:

O que de chloroformio avança é insufficientissimo. "Substancia liquida, incolor e aromatica, de propriedades anesthesicas". Isto se applica, palavra por palavra, tambem, ao ether sulfurico, ao chloreto de ethyla. Cioso dos credits da sua obra tinha o Sr. C. de F. a obrigação de dizer que *chloroformio* é um derivado trichlorado do methano ou formeno. E já que gosta de se enfeitar com umas formulasinhas podia pospor-lhe: da formula CH_2Cl_3 . A quem fala em chloroformio acodem logo as analogias do bromoformio e do iodoformio.

Do primeiro diz o Sr. C. de F. "substancia anesthesica que contém bromo e é analoga ao chloroformio". Ainda vá lá embora muito mais correcto fosse escrever que se trata de um derivado tribromado do methano. Do iodoformio refere o Sr. C. de F. "Composto solido resultante da acção do iodo sobre o alcool". Seria muito mais correcto que escrevesse resultante da acção do iodo sobre uma solução alcoolica de potassa.

Lançemos agora uma vista d'olhos sobre os acidos organicos, muito perfunctoria aliás, como todos estes nossos reparos; o que o Sr. Candido conta do mais simples de todos, do acido formico é simplesmente delicioso, é até capaz de evocar aquelle lindo *Minuete* do nosso grande Gonçalves Crespo (!?!)

"Espaçoso é o salão, jarras a cada canto"
Admira-se o lavor dos tectos da pão santo...

Como isto é elegante... E como continúa bem...



"Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias
Um enorme sofá; largas tapeçarias.

Sob o espelho se aninha um cravo marchetado
Mimo outr'ora da casa e prenda de um noivado"

— "Mas que aproximação esdruxula! commentará o leitor assombrado. Este homem, está com o sótão apinhado de macaquinhos! Praia da Saudade! pensarão os fluminenses. Kilometro 111 Juquery! aventarão os paulistas.

— Mas não é tão esdruxula assim, caro leitor, redarguirei. O lindo *Minueto* termina a nos contar que quando das cordas do marchetado clavecino ressoou velha melodia:

"Da eburnea pallidez doentia do teclado
Manso e manso evolou-se o aroma do passado..."

Assim tambem ao meditar sobre a definição do acido formico pelo Sr. Candido de Figueiredo — tão saborosa e repassada de archaismo singelo — senti que:

"Manso e manso evolou-se o aroma do passado"

Senti-me e mpleno seculo XVIII! Pompadour! Manon Lescaut! Des Grieux! Voltaire! cadeirinhas! perucas empoadas! Pomball! minuets! Frederico o Grande! Encyclopedistas! Watteau! um delicioso cinematographo...

— "Acido formico, sussurra-me o *Novo Diccionario*, (terceira edição 1923) — Diz-se de um acido que se extrahê das formigas."

Percebo agora o immortal Lavoisier a confabular com os seus grandes contemporaneos: Priestley, Cavendish, Scheele. Acaham de saber que das formigas se extrahê um acido. E apezar de filhos do seculo voltaireano não se mostram scepticos depositam toda a confiança na honradez e na capacidade scientifica de Samuel Fischer que se diz o descobridor do novo acido obtido de modo muito original. Capturou um grande formigueiro, pol-o numa retorta e distilou-o!

Riem-se os grandes paredros da chimica. Singular processo! E eu vejo o sabio Samuel Fischer, naquelle anno da graça de 1760, de cabelleira empoada, calça de tufo de renda e casaco de damasquillo verde, entusiasmado com a sua descoberta, sorrindo a deslisar:

"gracioso no tapete
Dançando airoosamente o airoso minuete"

"Ácido que se extrahê das formigas..." o processo dá certo mas... continua a ser usado só pelos consulentes do Sr. Candido de Figueiredo.

Que pena assim seja! que a industria se sirva hoje de processos diversos do de Fischer, preconizado pelo Sr. C. de F...

Para que foi este idiota de Berthelot inventar o seu processo de desdobramento do ácido oxálico em ácido fórmico e gás carbônico?!

Matou assim um artigo de exportação notável que podia dar excellentes lucros ao Brasil: a exportação da saúva, por exemplo. Materia prima temol-a abundante. Pena se não utilize a industria, do ácido fórmico e dos formatos, do processo descoberto em 1760 por Samuel Fischer! E em 1923 recommendado pelo Sr. Candido de Figueiredo que jámais dará guarida nas columnas do *Novo Dicionario a uma definição* absurda de ácido fórmico, como esta proposta por pretencioso, do genero de fuão Jungfleisch.

"Ácido monobásico da formula $H.COOH$ também chamado methanoico que existe normalmente em varios líquidos biologicos como o sangue, a urina, a seiva das urtigas, secreções de numerosos insectos, etc." diz-nos grave o illustre autor moderno. Não! não serve...

A quanto disparate nos levou a evocação de Fischer, preparando o ácido fórmico pelo processo recommendado ainda hoje pelo Sr. C. de F. decorridos cento e sessenta e cinco annos! Assim depois desta larga e deploravel digressão voltemos ao terreno da austeridade que abandonamos eu, e o leitor, por mau gosto meu.

Do importantissimo ácido acético apenas diz o Sr. C. de F. "Relativo ao vinagre. Ácido"? Fala de *pyrolenhoso*, synonymo de acético mas sem mostrar que conhece tal synonymia. Dentre os homologos superiores do ácido acético nada diz o Sr. C. do propionico (Quanta lacuna!) Do butyrico abona-lhe a definição com uma *Technologia rural*! Singular documentador! Assim se pode abonar ácido azótico com um *Manual do gravador e oxydos de chumbo* com o *Manual do pintor de paredes e grades*!

Tambem são immediatos os resultados dos sabios ensinamentos da *Technologia rural*. Inculcam ao Sr. Candido de Figueiredo, que ácido butyrico é um só quando ha dous com este nome procedentes dos alcooes primarios do mesmo appellido. Está ali no que dá procurar ensinamentos da chimica fóra dos livros de chimica... o peor é que o Sr. Candido passa adeante a sciencia technologicorural...

Tratando dos ácidos bi-básicos o que do ácido oxálico nos inculca o Sr. C. é deficientissimo, é velho! é velho! Ao ácido succinico protege o N. D. com o

"Muro de silencio e treva em torno"



do forte verso antheriano. (Quanta lacuna!) o mesmo quanto ao succinico (Quanta lacuna! quanta lacuna!) mas não quanto ao malonico. (Admira!)

Tratando dos acidos de funcção mixta mais uma vez recorre o Sr. C. de F. ao seu vademecum em materia de chimica organica a *Technologia rural*.

"Lactico — Diz-se de um acido que existe no soro do leite cf *Technologia rural*. 20 e 117".

Mas como é mal recompensada esta fidelidade martim-de-freiteca do illustre philologo ao seu querido mentor!

Leva-o este a um desastre grande. Sim porque não ha acido lactico e sim acidos lacticos e o *normal* tambem é encontrado no succo gastrico. Qualquer compendiosinho gymnasial inculcaria ao douto dicionarista uma definição como esta: "Lactico — Diz-se dos, acidos derivados do propano, de funcção mixta, uma vez alcool e uma vez acido, e por isto chamados propanoloicos. O acido lactico normal é alcool primario e o de fermentação alcool secundario, etc.

Dos acidos malico e citrico dá o N. D. definições insignificantes. Mas já acerca dos acidos tartricos inculca erronia seria. Pensa o dicionarista que só ha um acido tartrico quando existem nada menos de quatro!

Mas então de que serviram os notabilissimos trabalhos de Pasteur sobre os acidos tartricos?

— Pasteur-versus *Technologia Rural*? indago curioso e respeitoso — *Technologia Rural*! responde-me sobranceiro o eminente dicionarista.

Technologia Rural, for ever! ignarissimo amigo!... Ainda tem duvidas a tal respeito?

AFFONSO DE E. TAUNAY





A MELANCHOLIA

Folhas cahiam, pelos fins do Outono.

Uma mulher, na tarde mansa e triste, veio,
cheia de olheiras, muito mal vestida,
parando em minha frente, com receio...
E, num bocejo longo de abandono,
ficou, á espera de um convite, em minha vida.

Captivou-me o seu ar de tristeza e meiguice...
Olhando a noite funda, que descia,
eu não deixei que ella partisse.
Falei-lhe para entrar...

Morria a tarde calma.

Triste, como uma folha que cahisse,
e mansa, como a tarde que morria,
ella entrou na minha alma!

O nome della era Melancholia.

Toda a noite, ficou ouvindo, com bondade,
as palavras confusas e medrosas
que, em minha timidez e ingenuidade,
brândamente, eu lhe dizia...
Depois, tomei as suas mãos sedosas...
Ella olhou o meu tímido semblante;
agradou-lhe o abandono em que eu jazia...
E nessa noite má, foi a Melancholia
a minha doce companheira e a minha amante!

Mas, de manhã, abri ao sol de um lindo dia,
amplamente, as janellas da minha alma.
Como fosse a manhã formosa e calma,
fiquei olhando a Vida, a ver se via
chegar, com a turba anonyma, a Alegria,
linda mocinha de quem vivo á espera...

Parecia voltar a Primavera!

Eu, vendo um dia assim, tão lindo,
vendo, entre a turba anonyma, sorrindo,
tentadora e subtil, minha Alegria,
— voltei e disse
á minha amante triste que partisse...

"Podes sahir, Melancholia!
Decerto dirão mal, se ficares commigo...
O dia é só carinhos e descanso:
bem vês que em dia assim tão manso,
tão claro e bom, não ha nenhum perigo.

Eu vou abrir ao sol e á Vida,
amplamente, as janellas da minha alma
e as amplas portas do meu coração...
Podes partir sem susto, toda calma:
Alguem virá encher minha noite comprida,
espero Alguem, na minha solidão..."

E me puz, como sempre, a olhar a Vida...

E em vez de abandonar-me, commovida,
ella veio ás janellas da minha alma
subiu ás torres altas do meu sonho...

E desde esse momento, meiga e calma,
com seu olhar sonnambulo e tristonho,
ficou junto de mim a olhar a Vida,
decerto para toda a minha vida!

Eis a razão por que, desde esse dia,
eu olho a Vida com melancholia!

RODRIGUES DE ABREU





O TRIANGULO, ESTADO AUTONOMO

Atravessando a ponte da Mogyana sobre o Rio Grande, chega-se á povoação de Delta, já pertencente ao Triangulo, que não é, como muita gente pensa, apenas o conjunto formado por Uberaba, Uberabinha e Araguary. Essas não são senão as cidades principais, os tres maiores centros commerciaes de um extenso territorio, bem maior que qualquer um dos Estados de Sergipe, Espirito Santo, Rio Grande do Norte, Alagoas, Rio de Janeiro, Parahyba ou Ceará — e pouco menor que Pernambuco ou Santa Catharina. São cerca de cento e vinte mil kilometros quadrados, comprehendidos entre o Paranahyba (que os divide ao Norte com Minas, ao Noroeste com Goyaz, e ao Oeste com Matto Grosso), o Rio Grande (que os limita ao Sul com São Paulo) e a Serra da Matta da Corda (murralha meandrosa que os separa, a Leste, da parte mais propriamente chamada "mineira").

Physicamente isolada, a área triangular pouco se corresponde com os municipios mineiros, que ficam para além das montanhas — como Carmo, Piumhy, Formiga e outros; e muito menos se communica com a capital de Minas, para onde só ha um meio ferroviario: ir a São Paulo, pela Mogyana, e d'ahi seguir a Bello Horizonte, pela "Central", fazendo um percurso dos mais exhaustivos. Alem desse, ha ainda um outro recurso, mais dispendioso e não menos fatigante: tomar um automovel em Uberaba e seguir até Ibiá (ex-São Pedro de Alcantara), tomando ali a "Oeste".

E só ha um anno, para compensar a morosidade das communicações postaes com a sede do governo estadual, foi inaugurado o serviço telegraphico directo para Bello Horizonte.

Todo o commercio do Triangulo é abastecido por São Paulo: o jornal que circula é o "Estado"; tambem os habitos são os mesmos do interior paulista: na folga do guatambú, todos tomam o seu café — simples ou com quitanda — mas sempre temperado, no coador, com assucar redondo. Pelos interesses, pelos sentimentos e — principalmente — pela sua situação, não seria illogico que esse rico torrão brasileiro fizesse parte do Estado Guião.

O que difficilmente se concebe é que o Triangulo continue a ser mineiro. Isto mesmo já comprehendeu a parte instruida da população, que deseja, vivamente, ver-se livre da tutela de Minas.

Taes idéas de autonomia chegaram a ter um jornal, dirigido pelo doutor Boulanger Pucci e collaborado pelo deputado federal Leopoldino de Oliveira, trazendo no cabeçalho a sua divisa e a sua profissão de fé:



"Tudo pelo Triangulo." — "Orgam de propaganda separatista do Triangulo". Embora a publicação esteja suspensa, ainda se pode ver, em Uberaba, na Rua do Commercio, o significativo titulo do periodico: "A Separação".

De accordo com esses planos, o Triangulo passaria a se chamar *Estado do Entre Rios*, nome escolhido devido á situação em que está: abraçado pelo Paranahyba e pelo Rio Grande — os dois braços apocalypticos atirados pelo corpo monstruoso das serras.

Geographicamente emancipado, o Triangulo é, praticamente, um Estado autonomo:

o facto de serem nomeados por Minas os juizes, promotores, delegados e outras auctoridades, não tem significação objectiva, pois taes funcionarios servem á sociedade triangulense e não ao Governo do Palacio da Liberdade;

um ou outro imposto mineiro, longe de constituir um liame, é, antes, oportunidade para que animosidades — latentes, mas sempre muito vivas, — venham á tona, como aconteceu, ha poucos annos, ao ser lançado o cruel tributo territorial;

e um batalhão inteiro da policia mineira — o 4.^o de infantaria — com os seus soldados a passear, de carabina no hombro, accintosamente, pelas calçadas da rua principal da capital do Triangulo, não é senão o symptoma de um jugo que, já sem condições de estabilidade, procura, entretanto, viver das apparencias — ostentando os agentes de uma força que, em realidade, já não se exerce.

A mim, que sou conservador extremado, não me repugna a hypothese de ver o Triangulo transformado em uma das Unidades da Federação, tanto mais que isso, em vez de significar uma aberração do regimen, seria, tão sómente, a tranquilla utilização do artigo quarto da Constituição, que auctorisa os Estados a *incorporar-se entre si, subdividir-se, ou desmembrar-se, para se annexar a outros ou formar novos, mediante acquiescencia das respectivas assembléas legislativas, em duas sessões annuaes consecutivas e approvação do Congresso Nacional.*

Essa acquiescencia e essa approvação podem parecer a alguns ingenuos, a difficuldade maxima. Mas todos os que conhecem o mechanismo das nossas Camaras — sejam estadoaes ou federaes — sabem muito bem que isso seria o menos, dada a facilidade com que são manobráveis os legisladores contemporaneos, os quaes se movem, todos, por uma só mola real... Bastaria que alguns capitalistas do Triangulo estivessem dispostos...

MARIZ E BARROS





CASA DE OIRO

(LIVRO XII)

*Man läugnete Stets, una man läugnet
mit Recht,
Dars je sich der Adel erlerne;
Die Bettlerin zeugle mir Bettlerge
schlecht!*

GOETHE, BALLADE VON VER-
SIEBENEN UND ZURÜCKEBENEINDE-
N GRAFEN.

— 1 —

O TAPETE DE CARMAINA

Era rubro e molle o tapete de Carmaina, e o mercador apregoava exactamente a molleza dos tecidos e o rubor nitente das tintas, afim de alcançar um maior preço. Por vezes, é assim mesmo que se mercam os corpos das mulheres: argumenta-se com a belleza de suas formas e a honestidade de seus sentimentos, para que se obtenha um maior preço.

— 2 —

O PRECIOSO RIDICULO

Segundo Aristoteles, os peixes nasceram das areias, os vermes das carnes em putrefacção, as pulgas das sujidades; porque, de outro modo, esquecido o homem de Deus, não se explicavam as suas formações. Mas, nos tempos de agora, a theoria da descendencia está applicada de tal modo, que os meios não se confundem com as causas, e até na formação dos mineraes a evolução diz-se um facto e o transformismo apregôa-se uma lei. Como se não revoltaria Aristoteles de saber que Norman Lockyer applica, com o mais rudimentar conhecimento de causa, a theoria da descendencia aos progressos do reino mineral? Ainda agora se vá dizer ao precioso ridiculo, que, sob o ponto de vista natural, de terem provindo os reinos animal e vegetal do mineral, é muito certa a doutrina bíblica de que o primeiro homem foi formado de limo! O precioso ridiculo, muito cheio

de si, tomará do lenço, pela ponta que se debruçou na orla da algibeira, e, levando-o às narinas, aspirará o luxurioso perfume de D'Orsay, safando-se, pela ilusão do fino extracto, da perseguição de um profundo pensamento.

— 3 —

ELEPHANTE BRANCO

A idéa de um elephante branco é tão duvidosa quanto a de um *iceberg*, para os homens, que nascem, vivem e morrem nos tropicos. Para quem não conhece o animal, a idéa que delle fazer possa, tem menos certeza do que o do fructo prohibido. O elephante branco é o absurdo maximo de nossa imaginação, mas um absurdo necessario, para ser contraposto á realidade do elephante negro.

— 4 —

O "ABAT-JOUR" AMARELLO

O sol tem a efficiencia de um grande "abat-jour" amarello, porque, com as sombras que projecta, evita elle que tudo no mundo seja da cõr azul dos céus. Ao grande "abat-jour" amarello se applicaria o viril conceito de D. Francisco Manoel: "Ha gente que tem por estrella empecer a outra gente". O sol assim é: tem por estrella empecer o azul dos ceus, quando não oirando a terra, pelo menos ensombrando-a com a noite. O azul das esferas é que, por sua conta propria, não desce sobre o planeta.

— 5 —

COUSAS DE MEU TEMPO

Haverá, apenas, modalidades de contracto: como cousas de meu tempo, aluga-se a mulher que se prostitue, e vende-se a que se matrimonia. Num caso, ha apenas a posse, e, no outro, a posse e o dominio.

— 6 —

A LUZ DO "STORE"

O homem que se faz amigo de uma mulher, é como a luz do *store*; a intensa claridade coada pela transparencia dos tecidos; a amorosidade coada pelo embuste da amizade; o amante sentido como amigo.

— 7 —

O VESTIDO DE GAZE

Nos fins do seculo XVI, era feliz, si não por outros encantamentos, certamente com o do viço de Francis Bacon, este assim escrevia: "A verdadeira maneira de fazer pesquisas scientificas, não é a de tactear na obscuridade e a de procurar achar, por acaso, o seu caminho, mas a de esperar, até que se faça dia, ou que se accenda a luz. E' necessario começar por um agrupamento regulado e não cahotico dos factos, delles tirar as conclusões e, como consequencia dessas, determinar as novas experien-

cias a fazer." Também a verdade das formas de uma mulher, ainda mesmo que ella não seja a sciencia, mas a philosophia, não se deverá affirmar atravez do vestido de gaze, que é como a neblina, que azula os montes e serros, ou que é como o sargaço, que turva as aguas dos oceanos. O veu, por mais transparente que seja, segundo o conceito de Angelo de Gubernatis, é uma encadernação manhosa do despudor, porque o nú vestido motiva maiores considerações inconvenientes do que o nú inteiramente nú. O vestido de gaze é a obscuridade para a sciencia, é o embuste para a philosophia, a hypocrisia para a religião, ao tempo em que é o glorioso engodo das civilisações.

— 8 —

CARAVANA DE DESEJOS

Os meus desejos passam em caravana, não marchando, porém, para a travessia do deserto, porque o grande Sahara já tem ficado sobre as minhas costas. Elles todos são de saber e formulam-se, conforme os ensinamentos contemporaneos da alta physica cinetica, em perguntas cujas respostas nos factos universaes estão completas. Dirão que Aristoteles e Platão já tinham os mesmos desejos de saber. E responderei: Desejos, não, inquietações. Desejos, posso tel-os eu, porque as perguntas já tem respostas. Inquietações tinham elles, porque perguntavam e ninguem lhes respondia. A caravana de desejos já passou o grande Sahara, e, com o favor de Deus, investe sobre o oriente da physica.

— 9 —

FRAGMENTOS DE EMBARCAÇÕES

A metaphysica de Kant, que era um artificio, quando naufragou nos penedos da experiencia, legou á sciencia apenas os fragmentos de suas embarcações. De sorte que, si a philosophia, divorciada da fé, quiz proseguir na sua rota, a resolução efficiente foi a de construir, com a propria experiencia, uma nova frota de embarcações resistentes para o mar encapellado, como castigo ás pretensões dos homens, nas visinhanças dos rochedos. E, assim fez, distribuindo rumos diversos para um mesmo norte. Por certo que este é o methodo mais proveitoso de encontrar-se a verdade preconcebida: demandal-a, por diversas estradas do grande labyrintho — unica sobrevivencia da metaphysica de Kant — do facto em si.

— 10 —

BAILADOS RUSSOS

E sobre os encapellados mares, nas visinhanças dos penedos da experiencia, onde se encontraram os fragmentos das embarcações, em que a metaphysica, zombando da fé, rumava atraz da civilisação, como si em bailados russos, balouçaram as duvidas de todos os tempos, escriptas em seus tons de verdadeiras duvidas por Martin Kuckuck:

— "Que é o Universo?

Como se formou do Ether cósmico ou da materia dotada de energia?

Como nasceram os astros?

Como se desenvolveram e se diferenciaram as suas substancias?

Em virtude de que energia e segundo quaes leis se movem os astros no Espaço?



Que são — a substancia e a energia?

Como se formaram — a Terra e as substancias mineraes, animaes e vegetaes sobre a Terra?

Que ha na Terra?

Como as substancias mineraes se combinaram em protoplasma?

Por que meio o protoplasma ganhou a forma de cellula?

Como a cellula primordial se diferenciou em animaes e vegetaes?

Qual é a essencia da vida e do sexo?

Qual é a causa do desenvolvimento e da hereditariedade?

Que são o amor e o odio?

A alma, o espirito — de onde vêm essas noções, qual é o seu sentido real?

Que é a morte?

A substancia chamada — morta — póde recobrar a faculdade de manifestar os phenomenos vitaes perceptíveis a nossos sentidos, e em que condições?"

O rythmo universal está nos bailados russos, em que a cadencia das posições interpellativas, não perde, um só momento, a sua expressão mathematica. E assim as da vida, continuam a bailar, a bailar, mesmo depois que as unidades da nova frota, seguiram para o oriente da verdade pre-concebida — o facto actual — ephemero — transformista — inexplicavel no que será, mas explicando-se no que é, com fundamento, apenas, na referencia do que foi...

— 11 —

CALÇAS VASIAS

Nada mais facil do que enfiar umas pernas em calças vacias. As difficuldades apparecem quando as calças vacias não correspondem ás medidas das pernas que nellas se enfiaram. Sabe-se que existem as calças vacias, assim como se sabe que o universo existe. Mas, não é facil acertar a sciencia de que o universo existe, com a sciencia outra do proprio universo. As calças vacias, quase sempre, se enfiam nas pernas, mas, quase nunca ellas são as calças proprias das pernas que nellas se enfiaram. E, por isso não póde haver maior ephemerismo do que ha entre o effeito das calças vacias e o conhecimento do universo.

— 12 —

O PANNIO VERDE

Nada mais comprehendido em sua realidade do que o panno verde, em que centenas de consciencias appellam para o azar, pedindo a norma de conducta que o senso proprio lhes não prodigalisou. O jogo não é o panno verde, com que se forram as grandes mezas. Mas, é o conjunto de factos coordenados, que experimentam a felicidade de cada jogador. Não é senão a sorte sentida atravez do temperamento de cada aventureiro. E a sorte? *Difficilem rem...* E' como o universo: "um conjunto de phenomenos cineticos, no Ether cósmico, occupando o espaço illimitado" — que é o panno verde, de todas as doutrinas architectonicas da moderna sciencia, que se contrapõe á fé.

— 13 —

FIGURA DE PORCELLANA

A contemplação da reluzente figura de porcellana, suggere a contradição do sabio principio de que não ha inactividade em todo o Universo. Si não ha inactividade, como é que, naquelle bello grupo de porcellana, ha annos e annos, está inactivo o rabadão, tendo a seus pés, na mesma situação de immobildade, o gado meúdo, que teria de guardar? E' que a immobildade da figura de porcellana, não pôde ser tida como inactividade da materia, que, para tomar aquellas formas, está igualmente atravessada, com uma velocidade infinita, por movimentos ondulatorios da energia que Deus destinou á vida do Universo...

— 14 —

GOLPES DE FUNDA

Vão muito longe as pedras da duvida arremessadas sobre os começos da vida do mundo, por golpes de funda das circumstancias: *Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, ur, quomodo, quando?* E ninguem que se alhie do — *vita in motu, motus in vi* — será capaz de responder: — quem? que? aonde? com que meios? porque? como?... Os golpes de funda vão muito longe. Apesar do que, "a vida, ou a energia, é uma e eterna, em todo o Universo, sendo a sua forma sómente que varia, ou se complica, ou se desenvolve, á medida que a substancia se complica, ou se desenvolve". O conceito cinetico da materia tem explicado a vida como simples phenomeno do movimento no ether, e os golpes de funda das circumstancias perdem em intensidade, o que ganham em velocidade, atravez dos tempos.

— 15 —

ESPONJA DE FEL

Assevera-se a falsidade da historia do mundo, contada pelas mythologies da Grecia. E' assim que se attribue aos Gregos uma imaginação que toca, por vezes, a mentira. E dessa audacia Juvenal deu as suas contas:

...*Et quidquid Græcia mendax Audet in historia...*

E' uma esponja de fel, que se não exgottará jámais contra o hellenismo: a audacia da mentira historica. Entretanto, não sei de architectonica do Universo, sobre a origem da vida, que se não resinta, fóra do poema biblico, de identicos males...

— 16 —

A SERPENTE APOPHIS

Contra a grande verdade imaginativa da substancia — como a expressão mais elevada do movimento ondulatorio que percorre eternamente a materia em todas as direcções — ainda e sempre apparece a serpente Apophis, impedindo, em tentativas vans, que Rá illumine o mundo. O certo, porem, é que a propagação de uma onda não é senão a propagação da

forma da onda (Riecke), pois "o oceano illimitado do Ether (materia) tem suas ondas (ondas magneticas) e seus turbilhões de ondas (electrões, corpos cósmicos, ou astros) como as têm a atmosfera (oceano de gaz) e o oceano de agua, sobre o nosso planeta". Assim, a serpente Apophis, que a lenda criou, é toda um contrasenso, porque nada pôde impedir que, assim como Râ illuminaria os mundos ao nosso alcance, o movimento ondulatorio atravessasse a materia com uma ligeireza infinita, formando o Universo — o conjuncto (Martin Kuchuck) dos phenomenos cineticos no Ether cósmico, occupando o Espaço illimitado.

— 17 —

A SANDALIA DE RHODOPE

Por Strabão e Eliano está contado que, num dos banhos de Rhodope nas aguas de Naucrates, uma aguiá baixou o vôo e roubou uma das sandalias da cortezan grega. Voando, com a exquisita preza, deixou-a afinal cair aos pés do rei do Egypto, que, em Memphis, então distribuia justiça. E, como na historia de Maria Borradeira, o rei mandou procurar a pessoa a quem pertencesse a mysteriosa sandalia, e com ella se casou. Diz-se que a astucia feminina vale mais do que a força do outro sexo. Não é menos verdade do que vale sobretudo o acaso. E, quantas vezes, protegida simplesmente pelo acaso, não é a mulher accusada de sua tradicionalissima astucia? Mas, o acaso em si, tambem não é outra cousa senão uma demonstração *a priori* do magnetismo universal, que faz as electricidades contrarias, que faz os sexos, que faz o amor, e que faz a morte.

— 18 —

MAU OLHADO

A crendice popular define no *quebranto* uma das formas violentas do magnetismo animal, applicado ao prejuizo de outrem. Esse magnetismo, transmittido a distancia, atravez do ether cósmico, tem sido bastante para o quebranto da lua, que não conseguiu, jámais, fugir ao desfallecimento morbido a que foi atirada pelos maus olhados das myriades de astrónomos da terra.

— 19 —

TALENTO E VIRTUDE

Os anglo-saxonios não reagem antes de um minuto de reflexão, que a anecdotia refere com uma expressão significativa: sem contar até vinte. Perquirindo as causas desse capricho, que afinal é uma pratica efficientissima, apurou-se que a primeira razão, é para conhecer a origem da acção, saber de onde ella vem, verificar a sua fonte. E quando concluem a fonte vergonhosa da aggressão, despresam-na com a mais caracteristica indiferença. Não basta receber a acção, é preciso saber que ella vem de agente digno. Para ferir, o homem carece, pois, da dupla qualidade da coragem e do valor. Por eguaes deducções, Catão, o antigo, exigia que o orador tivesse, para ser perfeito, talento e virtude: *Vir bonus dicendi peritus*: um homem de bem que sabe falar. E' que, si o talento brilha, a virtude o dignifica. Sem que saibam a origem das acções, os anglo-saxonios não commettem as reacções. E é esta a razão pela qual, deante de qualquer facto, não dispensam elles o minuto de reflexão...

LINHAS TORTAS

Horacio fez sentir, num bello verso, que estamos votados á morte, nós e tudo que nos pertence: *Debemur morti, nos nostraque*. E, sobre isto, dissertou, sem maiores originalidades, sobre a brevidade da vida, a incerteza do futuro, a face mortal, de quanto o homem produz. A morte, porém, é um estado da energia universal, de que a vida foi apenas um precedente. Razão faltou a Horacio para a melancolia, com que enunciou uma grande verdade no seu bello verso. As formas anteriores da energia, de onde proviemos, por certo não se apossaram de melancolia, com o seu ephemerismo. Tudo passa, e passa ligeiro, tudo é rapido e tambem ephemero. A vida humana, como obra do poder creador, é, que não escaparia da transformação universal, força evolutiva com que se revelou sempre, em tudo, e por toda a parte, a sabedoria do mesmo poder, nos desdobramentos varios, que constituem a vida universal.

A TRISTEZA DAS AVENCAS

Assalta-me o conselho que Horacio deu a Vergilio:

*Misce stultitiam consiliis brevem;
Dulce est desipere in loco.*

O' tristes avencas! preciso é que, junto dos cravos e das rosas, seja esquecida um pouco a tristeza! As palmas da avenca têm uma sabia tristeza! mas, deve ser esquecida, porque o esquecimento dos nossos defeitos é, por certo, uma grande sabedoria...

Dulce est desipere in loco.

Effectivamente é bom que nos esqueçamos a proposito.

TRIBU DE ABELHAS

O universo, por seu proprio ephemerismo, escapa e desmentido dá á lei de discreção dos phenomenos, que é a panacéa do neo-criticismo. O absurdo da lei está em considerar o universo como um composto de quantidades discretas ou discontinuas, que variam bruscamente pela addicção ou pela eliminação de uma ou mais unidades. Mas, o mundo é sentido no seu conjuncto uno, continuo e solidario, em que nada se cria, e tudo se forma do que está eriado. A illusão, que nos dá uma tribu de abelhas, da sua discontinuidade, como collecção de unidades distinctas e semelhantes, é caracterisadamente uma completa illusão, muito commum nos phenomenos cósmicos. Uma via-lactea, como nebulosa que é, vista atravez das poderosas lentes de um telescópio, dá-nos essa fallaz impressão de que ella se compõe de unidades discretas. Mas, na consideração chimico-phísica, em que a tem a sciencia hodierna, a Via Lactea é uma solução colloidal, que se prepara para uma organização propria, podendo assim ser classificada como

um colloide em via de conseguir uma cooperação entre os indivíduos que o compõem, e que são verdadeiramente (Martin Kuckuck) os granulos colloidales. Uma tribu de abelhas não é diferente, e, como tudo, obedece a uma cooperação, que lhe dá unidade, continuidade e solidariedade.

— 23 —

A LAIA DE TRIBUTO

A prova fundamental de que, no Universo, tudo é ephemero, está na dificuldade de situar, a bem de seu momento, um lugar no espaço. Estamos agora num dado lugar do Universo. No mesmo instante já delle vertiginosamente nos retiramos, aliás num mesmo sentido de marcha. Entretanto, jámais poderemos reachar esse lugar no Universo! E, assim ephemeraamente, se corta o universo, sem pontos de referencia, não só no tempo, como no espaço. Nisto não ha relatividade, como quiz Einstein, apoiando-se nas descobertas successivas de Copernico, Galileu, Kepler, Newton, Riecke, mas absolutismo, por que a passagem do Universo pelos pontos da marcha turbilhonar da materia, é absolutamente ephemera, não volta mais, não fica e não se refaz.

— 24 —

PAPA NOEL

A deliciosa lenda da visita desse generoso velho de grandes barbas brancas, a despejar os mais interessantes presentes do Natal, nos sapatos vazio dos meninos ricos, obedeceu á corrente immigratoria dos costumes europeus, com que se requinta a civilização dos povos mais modernos. É a confirmação de que as lendas entram nas bagagens dos immigrantes, nas dobras dos tecidos das ironhas, e nas rendas das camisolas de dormir. Vêm como contrabandos, e logo se installam na intelligencia dos povos, tomando ares de objectos de uso proprio. Foi assim que Papa Noel atravessou as nossas Alfandegas e tomou posse da consciencia dos meninos. Taes lendas não se formam espontaneamente, mas vêm, como dizem Bonfey e Kohler, por varios canaes literarios e populares, nem sempre pagando os tributos das adaptações, porque se conservam com as suas fornias primitivas, por sempre inalteraveis. Papa Noel é um verdadeiro peregrino, que não tem habitação segura entre nós, é tão ephemero quanto a luz do Natal e o brilho da estrella do Oriente...

— 25 —

HYDRA DE LERNA

Tenho tido no espirito uma inextinguivel Hydra de Lerna, de sete cabeças, das quaes a primeira que esmaguei, foi a primeira que encontrei restabelecida depois de ter esmagado a ultima. Tenho procurado ser Heracles na explicação monistica do Universo, auxiliado por toda a sciencia de Deus, objectivada na experiencia dos homens, que traz consigo a função de Isolao. E nada: quando chego á massa electronica, já resurgiu a duvida da materia imponderavel, e quando chego á comprehensão dos turbilhões gigantesco no Ether cósmico, já a duvida do nascente turbilhão magnetico me assaltou de novo. São as cabeças da Hydra de Lerna,

que tenho tido no espirito, enquanto o escorpião da duvida sobre a causa primeira da sciencia dos homens, me morde o calcanhar, como aquelle escorpião que Hera mandou para morder o calcanhar de Herakles.

— 26 —

CYSNES DE AMYCLES

Os povos felizes e ricos têm, como os Cysnes de Amycles — que se envaidecem com a alva plumagem de seus peitos largos — as suas grandes vaidades. E, porque se envaidecem com as suas riquezas e as suas felicidades, começam de fomentar ambições, correspondendo ás quaes se revelam os tres grandes males: o despotismo, a anarchia e as conquistas. Então, a consequencia fatal é o communismo. E' o que se lê na obra de Mably, que errou em não encontrar differenças senão exteriores entre os homens, quando é a propria natureza que, dotando-os desegualmente em energias de vida, estatuiu a unica differenciação possível: o talento.

— 27 —

SOBRE UMA VELHA PONTE

A troca é o phenomeno fundamental da vida, desde o instante em que o turbilhão magnetico se forma e o movimento percorre a materia, como a onda a massa de agua dos oceanos, até no ponto culminante das organizações sociaes. Sobre uma velha ponte a ligar duas encostas, a troca leva os transeuntes de um lado para o outro. Nas associações humanas, a troca, por excellencia economica, é a que dá na vista: o commercio, a troca de objecto dado contra objecto. Mas Novicow assignalou as trocas todas por serviços desde o objecto dado contra uma modificação do meio exterior, até ás transformações psychicas contra as transformações psychicas. "Entre a mãe e o filho, por mais singular que isto possa parecer, ha tambem um serviço bilateral. A mãe dá o leite a seu filho, mas este lhe dá o gôso de desembaraçar-se de seu leite. Durante, o periodo do aleitamento, a vida do filho está ligada á da mãe, como tambem a vida da mãe á do filho que ella aleita". Nada mais simples do que illuminar-se uma placa metallica sob a acção de uma luz. Como sobre uma velha ponte, que leva e traz transeuntes de um para o outro lado, a troca de causas e effeitos, é sempre a mesma. Sob a acção da luz, uma placa metallica emite raios cathodicos em um vazio bastante elevado e a luz absorvida (Riecke) tira electrões do metal. De onde a conclusão magnifica de Martin Kuckuck: a evolução da Substancia perceptivel não é, pois, senão a polymerisação multipla e progressiva da substancia electronica.

— 28 —

VINHO DE EPIDAURO

Quem teria razão?
Brehm?
O macaco é a caricatura do homem?
Wagler?
O macaco é o homem transformado?
Ou Oken?



O macaco parece-se sómente com o homem por todos os seus defeitos?

Todos teriam razão, nenhum, porém, tem fundamentos. O macaco é a passagem ephémica da energia sob uma forma dada da substancia, pelo poder de Deus. Em grau immediatamente superior ao do Homem, neste transformou-se, por obra do poder creador, melhorando a sua imagem e ganhando a perfeição, que é a finalidade da substancia.

Brehm errou, porque não teve a noção exacta da caricatura. Wagler, porque metteu em causa, o que era verdadeiro effeito. E Oken, porque alterou a marcha da perfeição. "A vida, ou a energia actual de todo ser, quer seja electrão, quer seja astro, quer seja homem, não é senão uma e mesma energia primordial — o Magnetismo cósmico — em diferentes modificações ou formas cinéticas nos diferentes seres". Dahi a gradação da Verdade, que pôz o homem na descendencia das formas organicas do macaco. A preocupação é estonteante; o facto é como o vinho de Epidauró, que tonteava só pelo cheiro; perturba, pelo amor proprio offendido, a qualquer descendente moral do macaco.

— 29 —

SIGNAES DE PASSOS

A calumnia e a fama confundem-se por adquirirem forças na sua propagação. *Vires acquirit cundo* — considerou Virgílio — adquire forças correntes — de referencia á fama. Mas, os tempos dizem o mesmo da calumnia. E de ambas ficam indeleveis os signaes de seus passos, mesmo nas corridas mais celeres e por sobre as rochas mais duras.

— 30 —

FUMO DE SAPHYRAS

As tres zonas que Freud designou para a actividade intellectual — o consciente, o subconsciente e o inconsciente — distribuem-se em tres cordilheiras que se integram na descensão do viajo, de quem, sempre, não se sabe quando para ali ascendeu. A primeira cordilheira, a mais alta — é a consciencia. A segunda cordilheira, a media — é a sub-consciencia. É a terceira — formada de desagregações da segunda e da primeira cordilheiras — é a inconsciencia. No alto da primeira cordilheira, a distincção é completa. No da segunda — a distincção revela-se por simples acto de vontade do individuo. No da terceira — a confusão é completa — a distincção só se produz por actos externos, que conduzam aos altos da primeira cordilheira. O consciente existe como tal. O sub-consciente faz-se consciente por actos da vontade. Mas, o inconsciente só por uma nova entrada, ou ascensão, para a mais alta das cordilheiras, mostra-se um verdadeiro consciente. Do consciente olhado o inconsciente, as figurações deste apagam-se numa neblina azulada, como o fumo de saphyras. Não ha, pois, distincção no inconsciente. Freud vai buscar as imagens do sub-consciente, armado de espanador para sacudir as poeiras da actividade esquecida no porão do predio... O consciente é o momento ephémico da actividade intellectual, estabelecida a sua relatividade com o sub-consciente immediato e com o inconsciente mediato, que são simples pontos abstractos de referencia.

TRISTEZA DE CRIANÇA

A sciencia e a philosophia lembram o flagello dos agricultores do Sudão:
"Nós semeiamos — dizem elles — mas quem colhe são os macacos". Os
agricultores estão na sciencia, e os macacos na philosophia.

ALMACHIO DINIZ





EDUCAR - SE PARA EDUCAR

*Palavras proferidas pelo paranympo da turma de
1924 das alumnas do Collegio Bennet.*

Conheceis, de certo, minhas jovens alumnas, a allegoria de "L'Oiseau Bleu" de Maeterlinck.

Duas lindas creanças, conduzidas por uma fada, vão por lugares de magia em busca do passaro azul. Procuram por toda a parte e nada encontram porque elle lhes está bem perto.

... "Nous sommes allés si loin et il était ici!..."

O Collegio Bennett é para mim alguma cousa de semelhante. Andava eu inebriado pelas descrições feitas pela Montessori e principalmente Ferrière, destas maravilhosas "Escolas Activas" e imaginava só as poder encontrar bem longe d'aqui.

... E passava diariamente pela vossa porta...

Quando, pois, a mão bondosa de um de vossos mestres me trouxe até vós, foi de deslumbramento a impressão que me ficou, só augmentada até agora.

A sala em que nos encontramos pela primeira vez, ampla de luz e de ar, era bem moldura para as alumnas que lá estavam, constituindo parte formosa de um grande todo harmonioso.

A alegria dominadora de todo o ambiente, a intelligencia desperta e activa, a solidariedade franca e amiga, sem emulação, nem rivalidades, o que se aprendia, o como se ensinava, era tudo uma grande casa de educação, com a atmosphera clara e luminosa de um grande lar.

Eram oito apenas, diferentes na personalidade destacada de cada temperamento, mas todas intelligentes, activas e senhoras de um sadio optimismo, que me encantou e que me fez bem.



Tres dellas concluíram ha um anno o curso e estão nobremente cumprindo o seu destino.

As outras, as que ficaram, sois vós, minhas queridas alumnas, que me elevastes a uma destas eminencias que se desejam, mas que se não buscam tanta nos parece a emoção que ellas despertam.

Eminencia para vós, porque chegastes a um destes instantes, em que é preciso parar e meditar ao menos para se contemplar o caminho percorrido e o a percorrer e com estes momentos raros, porque ungidos de religiosidade, nunca se deve brincar, segundo o aviso carinhoso de Renan.

Eminencia para mim, porque quizestes que eu estivesse com-vosco para vos fallar agora.

Passada a primeira vertigem da altitude, puz-me a pensar longamente sobre o que vos deveria dizer.

Chego tarde, a deshoras, para alguma cousa de novo, nesta attitude em que tantos já estiveram e tantas vezes se tem repetido.

Quasi poderia dizer com Anatole France: — "Vous m'excuserez, en considérant que mes illustres prédécesseurs m'ont tout pris. Ils ont épuisés les bons avis et les excellents conseils".

Mas, como por outro lado tenho que os conselhos valem tanto quanto a experiencia alheia e esta, me ouvistes, professor de Phisica, de pouco vale, preferi conversar com-vosco, fazer aqui a minha ultima palestra em que seria variante o assumpto que nos vae entreter, com a grande desvantagem de, ao revez de todas as demais, fallar eu sosinho, mas que vos compensa na certeza que evitarei que a nossa eminente Directora me previna que está terminado o meu tempo.

Veso antigo, dos gregos, senão de antes, attribue ao presente todas as côres carregadas.

Como que a instantaneidade do momento que nelle se vive, comprimido de um lado pelo passado, distenso na perspectiva distante em que todas as arestas se gastaram, todas as sombras se esbateram, numa expressão conjuncta de lembranças más que se afastaram e saudades boas que ficaram, e de outro lado pelo futuro, amplo e largo a todos os sonhos que architecte a fantasia, engravescer os males fataes de todas as epocas.

Torna-se difficil, senão impossivel, estabelecer uma posição de equilibrio, em que se possa apanhar, sem deformação, as realidades presentes.



Quaesquer que sejam, entretanto, as impressões de agora, ha um problema entre nós em que, estão todos de accôrdo, (e o accôrdo é tão difficil entre nós!), e que é intersecção de todos os programas, por mais diversos que sejam: — o da educação nacional.

Hão de variar decerto as soluções, a apreciação de suas faces precipuas, os resultados e fins a attingir, mas é elle, efectivamente, dos maiores, senão o maior da hora presente.

A civilização da Europa, transplantada para a America, quando lá resurgia numa alvorada esplendida de cultura, que se renovava, depois de seculos de elaboração lenta e obscura, ia encontrar meio proprio á sua floração, despeada dos entraves de tradição, que são tendencias de sentido fatal. O seu advento, pois, não pôde deixar de trazer componentes novas.

Para que possam ser dominadoras e orientar o progresso da especie humana, que Condorcet acreditava indefinido, é necessario que a cultura, em todos os seus aspectos, faça parte integrante de sua civilização.

Ora, o Brasil, nos quatro seculos de vida, dos quaes um de civilizada, poude mostrar, em qualquer das manifestações necessarias, as suas possibilidades de estar aparelhado para o seu logar quando soar a hora de cumprir o seu destino.

Quer se contemple, nas letras em que Castro Alves e Alencar no passado, Bilac e Euclides da Cunha no presente, são syntheses, na sciencia em que Oswaldo Cruz é nome que basta por si só, em que na politica José Bonifacio é figura que pudera ser universal, em qualquer aspecto enfim, vê-se, que só lhe tem faltado educação, ao seu povo, para caminhar mais depressa.

Ha-de caber, portanto, á educação o milagre do seu advento no mundo, como collaborador efficiente da civilização. Para ser capaz desse milagre só pôde ser ella comprehendida no seu sentido mais amplo.

E apresenta como problemas de urgencia, porque se torna necessario cuidar delles, para se não chegar tarde: — a educação popular, a cultura scientifica e a educação feminina. Este vae ser o assumpto ligeiro de nossa palestra.

Collocou-o nestes termos, a palavra encantadora de Aíranio Peixoto:

— "O destino da vida, a sua finalidade, não é viver, isto é, procrear, como para os outros viventes, da natureza, mas viver feliz, com saude, conforto, abastança, no lar de sua companheira e de seus filhos e esse ideal humano não será realizado sem o concurso intelligente e instruido e capaz da mulher. Nós paizes novos como o nosso em que immensas possibilidades estão em ser, mais do que noutros super-povoados em que a cooperação será menos

necessaria, o desperdicio desta immensa força será uma criminoso loucura.

A utilização della exige a emancipação civil e para isso a educação technica e intellectual da metade do Brasil ou das brasileiras. A emancipação não será rebeldia, mas apenas justiça a seus meritos e reconhecimento a suas capacidades. Será a maioridade da plena deliberação e da mutua concordancia de um par que tem de viver a vida e cumpre-se auxiliem num accordo honesto, para vencerem a vida."

Estabelecidas premissas que se não discutem mais, a da equipollencia das personalidades feminina e masculina, de intelligencia apenas differente, pela documentação de todos os elementos ethnicos e anthropologicos; a de que "a natureza fixou na mulher os mais decisivos caracteristicos da especie", resta que ella procure firmar a sua emancipação, que se vem processando lentamente. A magna guerra, provocando reformas imprevisiveis, trouxe provas desse direito, experimentaes, insophismaveis. Mas, para que essa emancipação se faça de modo que a Mulher venha trazer ao mundo a contribuição que o torne melhor, é imprescindivel que a sua emancipação politica, preceda a intellectual e material. Porque se ella fôr para o campo politico sem este preparo inicial ha-de surgir nelle com as mesmas armas de que têm lançado mão os homens, na direcção dos governos, o que tem feito converter nesta a definição classica: "a politica é a arte de mal governar os povos". E teriamos, assim, duplicados os seus males e, o que é peor, os seus auctores, numa lucta renhida e ingloria. A influencia que a Mulher tem de exercer sobre a face da terra ha-de ser a de sua reforma moral, procurando fazer o homem subir a sua dignidade e nunca descer a elle.

Para que ella possa adquirir essa consciencia faz-se preciso que se eduque amplamente. A cultura não pôde ser mais privilegio dos homens. O exercicio das profissões liberaes, o das pesquisas scientificas, o das industrias, tudo enfim é permissivel á Mulher.

No equilibrio de que a força de seu sentimento é capaz, não haverá conflictos, senão harmonias, porque as vocações, differentes entre os proprios homens, se accordarão numa collaboração efficiente para o progresso. Quasi vos estou a lembrar a referencia feita ao taylorismo americano, applicado a estes assumptos, por Afranio Peixoto. E essa cultura só a tornará maior na missão dignificadora por excellencia que lhe é propria, no lar.

O que é preciso para que ella possa querer ou acceitar, pela preferencia desinteressada do seu sentimento, o companheiro que eleger para a vida, é que tenha independencia intellectual e material.

Acóde-me um pensamento feliz de uma das maiores pensadoras femininas da nossa época: — Ellen Key: — "Para encantar um homem durante toda a vida, é preciso que uma mulher tenha uma natureza de notável riqueza". Porque os homens são difíceis e perigosos...

Mais difícil, porém, do que manter o encanto de um homem é a capacidade para educar, modelar almas, que desabotoam, fixar estes primeiros traços da personalidade que se não apagam mais, viver outras vidas...

Escolheste, adrede, minhas nobres amigas, aquelle pensamento profundo da maior educadora do nosso tempo Maria Montessori e de que a vossa collega do anno passado fez thema do seu discurso: — "*Educar-se para educar*".

Nada poderia dizer melhor de vossa cultura, do patrimonio que levas desta casa, do que a preferencia desta insignia que gravastes no symbolo do vosso curso.

A mulher educa sempre. Mais, muito mais do que o homem, só accidentalmente educador. E educa a toda a hora. Educa o companheiro do seu lar pelo exemplo, pela bondade, pelo consolo e pelo estímulo, pela resignação e pela dedicação, pela companhia que lhe faz; educa seus filhos, symbolos do seu amor, que lhe perpetuam a felicidade, a cada instante, a cada momento, pelo coração, pela intelligencia, na convivencia diuturna, no contacto constante, tanto pelo que diz como principalmente pelo que faz; educa ainda, e são as maiores educadoras, até a abnegação e o sacrificio, quando transfiguram e transfundem em filhos alheios a ternura e a affectividade que a maternidade lhe dá. Está, portanto, nesta acção insubstituível da Mulher a força da renovação moral do mundo. Se vem cabendo aos homens, até hoje, as suas transformações sociais e a Mulher só tem exercido mediamente a sua influencia, é a ella, á sua apparente fraqueza que se ha de dever a elevação moral da especie. Porque ha de fazer de sua fragilidade força invencível, impavida e serena, contradizendo o mais profundo dos poetas: *Frailty, thy name is woman*.

Vós partis d'aqui, estou em plena confiança, aparelhada cada qual da cultura que vos permittirá ser componente individual valiosa desta obra immensa da redempção dos brasileiros.

Cada um de nós é, na trama invisível em que se tecem os acontecimentos, uma minuscua unidade. Raros logram concentrar em si as opiniões de uma época ou de uma corrente.

Devemos portanto agir pensando assim. Individualmente pela collectividade. Estou que assim agireis.

Reparei em tempo, que devo ficar aqui, antes do aviso que me possa dar nossa prezada Directora.

Haveis de vos recordar da nossa ultima aula. Não vos esqueceu, de certo, a emoção com que me despedi de vós, agradecido pela convivencia amiga em que estudámos juntos, durante um anno; em que, mesmo quando me ouvieis apenas, a imperfeição de expressão era acompanhada pelo vosso pensamento vigilante e eu sentia que fallaveis commigo; em que cada solicitação feita era correspondida e mesmo excedida, não raro. Avaliareis, então, quanto ha-de ser meu agradecimento agora que me fazeis tamanha homenagem.

Ella ficará na minha vida, isolada por muito tempo, quiçá para sempre... E com ella a graça perpetua da vossa lembrança, minhas jovens alumnas.

Recentemente, Mme. Gabrielle Réval fazia em Paris, na Université des Annales, uma palestra sobre algumas mulheres de pensamento, que ella denominou: "*Princesses du Savoir*". — Não imaginava eu naquella aula, que vos encontrasse reunidas e vos fallasse para vos agradecer. Quanto seria doce e consolador ao meu coração, nesta hora, a certeza de que vos veria, ainda, um dia, a todas de novo reunidas, contentes e venturosas, tambem "*Princesses du Savoir*". E nem vos excluiria este anelo a felicidade merecida de um lar, porque entre aquellas está Maria Sklodowska, esta magestosa Mme de Curie, que reata a tradição formosa dos casaes felizes de França, que vêm de Condorcet, Lavoisier, Pasteur, Berthelot...

E da vida deste casal extraordinario, contada ha pouco no mais eloquente poema de amor, porque sincero e vivido, eu vou tirar o meu unico conselho, e nem este é meu! mas conselho de auctoridade porque foi pensamento sentido e realizado: — "E' preciso fazer da vida um sonho e de um sonho uma realidade".

FRANCISCO VENANCIO FILHO





ABAIXO AS ESCOLAS!

Agita neste momento o meio literário do Rio a questão da predominância do espírito moderno, conhecido por *futurismo*, sobre a vida intelectual do país. Formou-se em S. Paulo, esse movimento, que pretende depôr de suas peanhas as figuras que até agora se impunham ao apreço público como expoentes de nossa actividade literária. Graça Aranha, que já esteve preso, talvez injustamente, como revolucionário político, foi escolhido pelos jovens reformadores, como o paladino de sua causa. Conheço de perto o culto e fulgurante espírito de Chanaã e da *Esthetica da Vida*; durante muitos annos convivemos intimamente, e nesse convívio nossas relações se estreitaram a tal ponto que sua casa e sua família se tornaram como que um prolongamento do meu lar e da minha gente distantes.

Conheço o vigor e profundidade de sua mentalidade e o impeto do seu temperamento sempre a irromper num jorro de idéa como o repuxo ardente e fumegante de um geyser.

Lembra-me bem de que nas vespéras de ser nomeado secretario da missão do Amapá, junto a Joaquim Nabuco, elle estava a pique de publicar um manifesto libertario fazendo a propaganda do communismo. Mas, entrado um tanto à força, na carreira diplomatica, transformou-se depois no perfeito aristocrata que tão bem se adaptou aos ritos do mundanismo internacional.

Aposentado e restituído à patria, forçado a habitar o Rio de Janeiro, que não o cura da saudade de Paris, o grande escriptor, sempre ávido de novidade e de movimento, logo sympathisou com a corrente; digamos assim, esthetica que rebentou em S. Paulo, graças às idéas que alguns jovens viajantes intellectuaes trouxeram nas malas, *en revenant* da Europa.

Essa corrente trouxe de sua origem o nome de *Futurismo*. Começemos por affirmar a impropriedade dessa denominação.

De um ponto de vista absoluto, o Tempo não existe: Passado, Presente e Futuro são apenas notações de que nos servimos no exercicio da relatividade de nossa actividade vital. A *durée* não é propriamente o que chamamos Tempo, mas o outro lado da *étendue* com que forma as duas paralelas, os dois trilhos por onde desliza o vehiculo mental do nosso conhecimento em busca do Absoluto.

As divições do tempo, são, pois, meras abstrações de caracter relativo, simples pontos de *repère*, como certas estrellas na consideração do infinito.

Si os futuristas querem, pois, supprimir o Passado, também não podem cogitar do Futuro que, sempre de um ponto de vista relativo, ainda existe menos do que o Passado. Este tem para se fixar em nossa mente a lembrança gravada nos livros, nos monumentos e nas tradições oraes.

Ha uma sciencia do Passado — a Historia — mas não pode haver uma sciencia do Futuro sinão para o charlatanismo dos oráculos e das pythônissas.

Vivemos dentro do dominio do relativo e delle não podemos sahir, a menos que nos transformemos em seres ethéreos sem nenhuma ligação com a materia que forma o nosso *en physico* e que segundo Ratzel, não é mais do que um fragmento da terra (*ein Stück der Erde*).

Coming events cast their shadows before, diz Campbell; mas é uma sombra em que nada se distingue ou de cuja projecção mesmo só se tem noticia... depois do facto consumado.

Que os *forwards* do espirito moderno se contentem com a representação e dominio do presente, o que já é uma grande tarefa, e deixem o futuro, que a Deus pertence, e ninguém sabe de que massa é feito. Podá até ser que daqui a dez annos a geração de então haja esquecido os revolucionarios de hoje, e suas obras passem a ser apenas uma divertida curiosidade litteraria.

Como quer que seja, o que elles pretendem é impor seus principios aos que já formaram sua personalidade em outros moldes, e apenas, pelo attrito do mundo exterior, vão seguindo o curso de uma evolução natural, de que são susceptíveis todas as intelligencias que não chegaram ainda á phase de immobillidade determinada pela esclerose senil das cellululas nervosas. Esta evolução é patente na obra de todos os nossos escriptores, em prosa e verso.

Vai uma grande differença entre os primeiros e os ultimos versos de Alberto de Oliveira, de Raymundo Corrêa e de Olavo Bilac. Tudo o que era peculiaridade esthetica de Escola, se foi despreendendo, cahindo por si mesmo como a casca que se desagrega de certas plantas pela acção natural do tempo. Mas a planta humana fica sempre a mesma, dando sempre os mesmos fructos, de accordo com o determinismo inelutavel da embryogenia mental de cada uma.

Os reformadores de hoje não admittem que subsista cousa alguma do que existiu antes delles, e querem simplesmente recriar o mundo á sua imagem e semelhança. "*Nous avons changé tout cela!*" bradam elles diante das mais estimadas conquistas da geração anterior, e, de costas para o passado, negam peremptoriamente não só o valor mas até a propria existencia de tudo o que não lhes fica diante do nariz.

Elles são portadores do diluvio que nos ha de afogar a todos, e nos recusam um lugar a bordo da Arca onde guardam todos os germens do pensamento futuro.

A tinta com que escrevem é a *eureka* com que apagam todas as tabletes, todos os papyros, todos os pergaminhos, todos os almassos em que a ingenuidade dos séculos gravou o seu pensamento.

A lei da sua esthetica tem um artigo unico: — Supprima-se o Passado.

Nesta frase está contida a maior audacia de quantas tem sido capaz o espirito humano.

E com o passado vai tudo quanto a intelligencia creou através das eras. Não ha Homero, nem Socrates, nem Eschylo, nem Vênus de Milo, nem Virgilio, nem Miguel Angelo, nem Dante, nem Camões, nem Shakespeare, nem Racine, nem Lafontaine, nem Rousseau, nem Voltaire nem, nada.



Aqui no Brasil devemos ignorar a existência de Gonzaga e de Claudio Manoel, de J. F. Lisboa e de Gonçalves Dias, de Machado de Assis, de Euclides da Cunha, de Joaquim Nabuco e de Raymundo Corrêa e de Olavo Bilac.

O futurismo, como Jehovah, tira um mundo novo do nada: E devemos contar o tempo do anno da graça do apparecimento de Marinetti. O proprio Mallarmé e outros *cryptographos* do symbolismo são banidos do paraíso futurista, porque tiveram a infelicidade de nascer no passado, que é o limbo aonde não pode descer o raio da graça modernista.

Quem quizer salvar-se ainda tem de entrar para a ordem futurista, vestir-lhe o habito, aprender-lhe o vocabulario, esquecer o metro, renegar todas as noções da semantica, e substituir seu senso esthetico por outro em virtude do qual proclame que um automovel é mais bello do que a Venus de Medicis e que a Avenida Rio Branco cheia de gente é muito mais poetica do que a praia do Leme ao luar.

A Academia de Letras, reducto do Passadismo, é assediada, invadida, convulsionada pelas hostes futuristas, tendo á frente Graça Aranha, que, num grande gesto de abnegação, abandona o fardão academico para envregar o ponche de caudilho da idéa nova.

A Academia resiste, naturalmente, primeiro por instincto de conservação, e depois por falta de fé na doutrina do catechismo futurista.

A Academia não é propriamente uma Bastilha onde gema, sobre a palha humida da masmorra, a arte tyrannizada.

Parece que lá dentro se permite aos seus membros plena liberdade de acção, tão plena que alguns abusam della para escrever coisas que não os immortalizariam si elles não trouxessem na frente o sello de garantia da immortalidade.

O facto é que a Academia não tem modelos que imponha aos seus membros, e por isso não tem que adoptar officialmente normas que se lhes possa impor, como exige Graça Aranha, sob pena de voltar-lhe as costas e vir cá fóra commandar contra ella os camisas-pretas do futurismo.

A Academia não é e não pode ser um arcópagos de expoentes: todas as corporações desse genero, a Academia Franceza inclusive, tem suas aberturas por onde penetra a mediocridade; ha nellas sempre cadeiras para os *bouche-trous*, que são o contingente offerecido pela vulgaridade ou pela venalidade da opinião.

Nossa Academia, a que não pertenceram Farias Brito, Luiz Pereira Barreto e Alberto Torres, e a que não pertencem ainda Capistrano de Abreu, Ramiz Galvão e Oliveira Vianna, tem sido, contudo, o receptáculo das nossas mais altas mentalidades, e, como tal, preenche seus fins, si é que realmente ella tem uma finalidade intellectual a cumprir.

A meu ver, esta questão entre o *futurismo*, personificado em Graça Aranha, e o *passadismo* representado pela Academia, repousa em bases falsas, ou antes é uma questão sem questão.

Que é que os futuristas exigem pelo órgão do seu chefe? Como pode a Academia se impregnar desse espirito moderno que não lhe reconhecem?

Antes de tudo, devemos observar que o futurismo, ou que melhor nome tenha, não é um movimento originado pela expansão natural do espirito nacional: trata-se de uma escola importada que se quer adaptar ao nosso meio por processos artificiaes, sem se verificar si realmente esse meio está em condições de receber e fazer medrar as idéas que vieram de fora em livros, como vêm as sementes de hortaliças em enveloppes com letreiros.

Depois temos que notar a incoherencia desses revolucionarios que pretendem destruir uma escola oppondo-lhe outra escola. O que se devia esperar desses iconoclastas é que elles reconhecessem a nocividade das escolas e a sua impotencia para estabelecer a livre manifestação da personalidade de cada escriptor, para permittir a espontanea eclosão de cada temperamento, para proclamar, enfim, a emancipação artistica dos espiritos até hoje jungidos ao coche official do tyranno do dia.

"Abaixo as escolas!" devia ser o grito de guerra dos nossos reformadores, porque, como muito justamente diz Rodó, "desde el instante en que una idea se organiza en escuela, en partido, en secta, en orden instituido con el objeto de moverla y hacerla prevalecer como norma de la realidad, ya fatalmente pierde una parte de su esencia e aroma, del libre soplo de vida con que circulava en la conciencia del que la concibiera o reflexara, antes de que la palabra del credo y la disciplina de las observancias exteriores la redujesen a una inviolable unidad".

E diz mais: "No hay nombre de sistema o escuela que sea capaz de reflejar, sino superficial o pobremente, la complejidad de un pensamiento vivo".

A intenção dos nossos modernistas é, pois, simplesmente o — *dic-toi, que je m'y mette* — de todos os nossos revolucionarios, quer em letras, quer em politica.

Sem nenhum pensamento revolucionario, exclamamos nós — abaixo as escolas! — porque verificamos que é dellas que vem todo o mal de que soffre a liberdade de acção espirital, com a subordinação da personalidade ao jugo das idéas e do vocabulario.

Deixemos as modas para o vestuario, e acabemos com as modas literarias, que, lançadas em Paris, correm o mundo inteiro avassalando todos os gostos, nivelando todos os temperamentos.

E' de emancipações estheticas que carecemos para que cada escriptor e cada poeta trace seu rumo proprio, e affirme francamente sua personalidade, em vez de formar essas confrarias que vestem a mesma ópa e dizem as mesmas preces, a carregar o andor onde se pompeia o manequim que tem de ser venerado como santo enquanto dura a moda.

E' esta liberdade de acção que hoje se observa na França e sempre se observou na Inglaterra, que possui, segundo Kossul, "*la plus vivante des literatures*", e isso devido ao facto que "les termes acoutumés de l'histoire des beaux arts — classique, romantique, idéaliste — ont ici (na Inglaterra) des étroits plus vastes et plus flottantes, les groupes sont moins compactes, et donc moins commensurables; chaque ouvrier, naturellement, sans fierté, souvent, presque toujours sans iconoclasme, a édifié son œuvre propre, avec ses propres instruments".

Façamos o mesmo aqui: cada um de nós, com seus proprios instrumentos, faça a sua propria obra, obedecendo apenas á tendencia de seu temperamento, sem obedecer ao *mot d'ordre* de um santo synodo artistico, sem esperar que lhes venham de um Sinai as taboas da lei por onde paute as normas do seu pensamento e o arranjo de suas palavras.

O que não podemos admittir é que um grupo de jovens reformadores, impantes de pretensão e allucinados de intolerancia, venha nos impor regras e affirmar petulantemente que tudo o que se fez antes d'elle nada vale e deve ser lançado ao esquecimento eterno.

A Academia resiste, e, resistindo, salvaguarda o bom senso nacional, defende as nossas tradições, e assegura o livre exercicio do pensamento a todos os que, neste paiz de analphabetos, de mercadores e de politiqueros, ainda se entregam á improba tarefa de fazer literatura.



Si os da nova geração têm o valor que se attribuem e acreditam na excellencia das idéas de que são os arautos, façam que essas idéas triumphem sem o concurso da velha geração, cujo valor negam absolutamente e ás vezes com uma grosseria feroz.

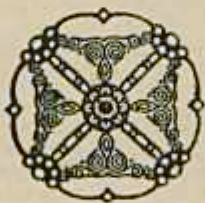
Quem tem uma farta provisão de talento e senso esthetico está apto para crear uma época, como a nossa geração creou a sua, e dispensa, logicamente, a collaboração de elementos que considera imprestaveis e insignificantes.

E, quanto a nós, deixemos que a nova geração nos desanque patrioticamente com um porrete de pau-brasil, sob pretexto de infundir-nos o puro sentimento da Arte moderna, nova em folha e chegada pelo *dernier bateau*.

E peçamos a Deus que dê a esses mocinhos geniaes e valentaços vida e saúde para que elles envelheçam por sua vez, e por sua vez, venham a ser desancados pelos futuristas... do futuro.

Ceará, Novembro, 1924,

ANTONIO SALLES





CRONICA PARISIENSE

O assumpto do mez é o bolchevismo. A descoberta de um plano de assalto revolucionario occasionou um momento de panico que muito comprometteu as festas de fim de anno. Parece, entretanto, que o governo fraquissimo e mysterioso de Herriot tomou, a contra gosto, algumas precauções e a nuvem passou. Mas o espirito publico não se acalmou. Continua de sobre-aviso, diariamente se fundam numerosas ligas patrióticas.

Serve isso de pretexto a Charles Maurras para uma serie de bellissimos artigos na "Action française". O grande triumpho do nacionalismo francez é o estylo. Os jornaes da direita são bem escriptos e agradaveis. O mesmo não se dá com o orgão communista *L'Humanité*, muito mal redigido. Consta, segundo o que me affirmou um bolchevista letrado, que Moscou desdenha e despreza os intellectuaes. A dictadura 'de baixo' é em França analphabeta e estúpida. Eis porque só se encontra em suas fileiras um escriptor de talento: Barbusse. Os outros são uns pobres diabos que não sabem onde morrer.

Já as tendencias moderadas da esquerda são defendidas por gente seria e intelligente. O psychologo e poeta L. Charles Baudouin é um exemplo dessa classe de homens. Acaba de publicar um excellente livrinho intitulado "*Le jeunesse éternelle*" (1), cuja suave harmonia não se alheia à inspiração larga e sadia. Versos livres entremecados de alexandrinos, numa orchestração sábia de rythmos e de gosto.

Aujourd'hui est le premier jour.

Começa assim esse poema de entusiasmo e de confiança. O mesmo autor, eximio traductor, publica na livraria Stock, umas paginas admiraveis do grande allemão Franz Werfel: *L'ami du monde*. Werfel é um poeta mystico, mas violento e rude. E' tambem um poeta social e socialista. A politica internacionalista longe, porém, de edulorar sua produção, dá-lhe vigor. E' preciso conhecer esse poeta, irmão de Vildrac, Spire, Duhamel, Juve e outros francezes, pelas aspirações e pelo temperamento. A traducção de Baudouin é excellente.

Esqueci-me, na ultima chronica de falar de Drien La Rochelle a proposito de *Plainte contre Inconnu* publicado pela Nouvelle Revue Fran-

(1) Ed. des Trages de Paris.



çaise. Drien La Rochelle, que foi quasi *dada* e que conhecia como extraordinario poeta, autor de *Fonde de Cantino* e *Interrogation*, é um moço de trinta annos, hoje fascista e disciplinado. E' amador de psychologia rara. Curioso de vicios e de casos originaes, escreveu um livro de contos lucidos e agudos. Da mesma casa de edição recommendo o humorista Thomas Raucat com *L'honorable partie de campagne*, livro um tanto longo mas agradável, alegre, fino, e a reimpressão de *Eupolinos* de Paul Valéry. Não gosto de Valéry. E' um literato que segue um mau caminho. Regressa ao classicismo. Mas é um escriptor de innegavel talento e influencia e que merece ser discutido.

A velha Colette, a deliciosa autora de *Chéri* e das *Claudines*, apesar dos seus cincoenta invernos, continua a parir com constancia e regularidade. Seu novo volume, *Aventures quotidiennes* (2) não ajunta nada á sua gloria. E' um livro inutil e esperado. Na mesma edição appareceu um excellente romance de Emmanuel Bove: *Mes amis*. Muito recommendavel a historia dessa vida simples, chã, miseravel de um pensionista de guerra. A crueza dos detalhes, a realidade psychologica, o estylo directo, conciso, rapido, a banalidade voluntaria do enredo, são qualidades grandes. Bove é um nome que não se deve esquecer.

Os commentadores de Anatole France não deixam o mestre dormir em paz. Em um mez, dois livros! Depois de Brousson, e num outro espirito, Marcel Le Goff escreve *Anatole France à la Béchellerie*. Como é triste esse jazz-band vaidoso de recordações, como é melancolico esse "mexericueirismo" em volta de um tumulto. Porque não deixar esse pobre Monsieur Bergeret gozar da tranquillidade eterna, elle, seus bibelots e suas phrases lapidariamente scepticas! Os jornalistas e os criticos são umas verdadeiras comadres. Não se passa dia sem que os jornaes discutam a interpretação de textos e, o que é mais grave, de palavras "soi-disant" ouvidas por fulano ou cicrano. Para defender politicos deturpam o sentido dos livros, truncam as citações. Pobre Anatole, tão aristocrata! Teve exequias nacionaes, teve estatua na escola communista de Bobigny e agora cahiu nas mãos dos commentadores. Mais tarde virão os grammaticos e, enfim, o dominio publico com o sequito das edições baratas e o pirão dos erros typographicos.

Recommendando, para terminar, o novo romance de Rabindranath Tagore — *A quatre voix* (3), — cujo prefacio é do injustamente esquecido Romain Rolland.

Dentre as mais recentes edições de luxo, merecem menção especial a *Fleur Double* de Paul Morand, chez Emile Paul Frères, com gravuras na madeira de Daragnès; o *Ariel* de André Maurois com excellente illustrações de Hermine David, livro impresso com muito gosto e muita arte pelo mesmo editor. A casa Jouquières edita *Malice* de Mac Orlan, lithographias em cores de Chas Laborde, extravagantes, vivas, graciosas, adoraveis de espirito e de linhas. Emfim na Casa Crès & Cie. apparece *Le nu dans la peinture moderne*, de Francis Carco, que vale mais pelas boas produções que pelo texto.

SERGIO MILLIET

(2) Ed. Ferenczi & Cie.

(3) Ed. Senior Kra.



CAPITULOS DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS

V

1840 — A nova era que se abria com a ascensão, ao throno, do Imperador, o indulto prometido em sua proclamação, abriram praça ao general Andréa para dirigir-se a Bento Gonçalves, que sitiava Porto-Alegre, a ver se conseguia a pacificação. Illudiu o chefe rebelde a questão, e declarou haver-se dirigido directamente ao ministro do Imperio Antonio Carlos (*) a quem esperava ou a seu irmão, para negociar uma convenção que fizesse terminar a luta. As operações militares dessa época foram pouco fructíferas e importantes, limitando-se o general Labatut a avançar pela serra e Jacuhy, a continuar suas frequentes surpresas; e Greenfel a evitar o apparecimento de nova flotilha que ameaçasse a navegação da Lagoa dos Patos, posto que, ainda assim, a navegação entre Porto-Alegre e Rio Grande se fizesse por comboios.

O ministerio da maioridade enviara á provincia o deputado Alvares Machado, com poderes para tratar da paz com os rebeldes. A 28 de Outubro sahio elle das linhas de Porto-Alegre, para Viamão, afim de conferenciar com Bento Gonçalves. Exigiu este salvo-conducto para os proprios que levavam seus officios chamando os outros chefes para a consulta. Foram os salvo-conductos, concedidos por Andréa, bem como uma tregoa de 15 dias, ainda que desde logo rejeitasse as pretensões dos rebeldes de estabelecerem um convenio em que se garantissem as suas exigencias.

(*) Nunca foi segredo no Rio de Janeiro as relações que ligavam os rebeldes aos Andradas, Feijó e outros chefes liberais e o proprio deputado Alvares Machado desde o principio manifestava sua benevolencia pela causa da dissidencia. Se assim procedeu como enviado do governo, mudou de conducta logo que foi nomeado Presidente da Provincia pela convicção que por si proprio adquiriu da sua impotencia para realizar a paz.



1840 — A mudança politica, operada na corte trouxe, antes mesmo que se soubesse da decisão final das negociações entabuladas, um reviramento de pessoal na administração da provincia.

O mesmo deputado Alvares Machado foi, em 7 de Novembro, nomeado Presidente da Provincia e o brigadeiro João Paulo dos Santos commandante das forças de terra, sendo exonerado o general Andréa, representado o gabinete liberal como de caracter improprio para levar a effeito a conciliação dos rio-grandenses.

Expirada a tregoa por este tempo, recommencaram as hostilidades, e enquanto Netto cahia sobre Jeronymo Jacintho por surpresa e o derrotava, o brigadeiro João Paulo, chegando ao Rio Grande a 25 de Novembro, alli encontrava o general Andréa e Alvares Machado, regressando os tres para a capital á fim de entregar a este a administração.

Havia o General Andréa tornado publica a amnistia que o ex-presidente Saturnino concedera ao brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, com a condicção de retirar-se elle para o Prata. Promovido a brigadeiro, depois do combate do Fanfa o governo Imperial nunca o destituiu desse posto, mesmo quando servia na revolta, e voltando a causa legal achou-se pois na mesma posição. Os rebeldes, que algum tempo haviam alimentado a esperanza de vel-o tornar com seu prestigio a seu campo, soffreram um profundo golpe com esse acto, todo preparado pelo ex-presidente, ao qual deu Andréa consagração official.

Tomou conta da Presidencia o Dr. Alvares Machado, em 30 de Novembro, e o brigadeiro João Paulo, fazendo desoccupar a linha do Taquary, marchou sobre Rio Pardo, preparando-se para internar-se pela campanha. Enquanto isso, Labatut, isolado em cima da serra, e ameaçado por Bento Gonçalves, que de Porto-Alegre subira a reunir-se com Canabarro, fez junção com as forças que, fortes de 2 batalhões de infantaria e 1.º regimento de cavallaria haviam sido mandadas em seu auxilio e em vez de esperar e atacar os rebeldes, desceo por Passo-Fundo a reunir-se ao exercito em Rio Pardo, sendo d'ahi enviado preso para responder na Corte a conselho de guerra. Esta fuga de Labatut, e sua perseguição pelos rebeldes, abriu-lhes o caminho da serra e levantou o sitio de Porto Alegre, dirigindo-se estes para a campanha e sabindo da precaria posição em que se achavam com a presença da columna legal que lhes impediu ir buscar os elementos de guerra, que lhes fornecia aquella região.

Preparou João Paulo o exercito, em S. Lourenço e deixando o brigadeiro Nery em Rio Pardo, a 1.º de Março abalou com elle para a campanha, fazendo junção com a columna do Sul, que marchara a reunir-se-lhe. Enquanto a columna imperial via seu



flanco direito ameaçado pelo inimigo, o brigadeiro Nery vencendo as forças de Netto, que se conservavam pela Encruzilhada, retirou-se sobre o Taquary, e por um momento ficaram interrompidas as comunicações entre o exercito e Porto Alegre. O rio Jacuhy estava infestado de partidas em pé de guerra. Todos os males flagelavam a infeliz provincia do Rio Grande.

Devastados os seus campos, arruinadas as fortunas particulares, seus filhos obrigados á vida de guerra, descreiam todos dos generaes, que lhes mandava o Governo Imperial, e se os rebeldes continuavam ainda tenazes com as armas na mão, os legaes os imitavam por convicção e porque já muito profundos eram os odios entre os dois campos.

Perdiam entretanto a confiança nos generaes e ante o espectáculo das intrigas e das discordias das autoridades, apenas a fé monarchica e as tradições da luta lhes davam a coragem para a guerra. A pacificação feliz e rapida de São Paulo e Minas fizera com que a provincia voltasse os olhos para o general que as realizara, e sobre o qual muitas pessoas já em 1839 haviam escripto para a côrte, como o mais proprio para levar a effeito a obra de fraternização da familia rio-grandense. A noticia da sua nomeação foi pois recebida com jubilo immenso. Afigurava-se a todos que aquellas esperanças, despertadas a cada nova nomeação de general e logo perdidas desta vez se realizariam além do limite imaginado. Comprehendia-se que com um homem laureado pela victoria, a politica subterranea e trefega que tem existido sempre para aquella provincia, seria impotente, e que o novo delegado imperial, não ia ali subordinar-se aos dictames de um corrilho, que governava mais do que elle.

A essa circumstancia, que o admiravel instincto do povo adivinhara, juntou-se a reputação de actividade que tinha do Barão de Caxias e a necessidade desse attributo ante chefes audazes e acostumados a vencerem, tanto pelas armas, como pela celeridade e comprehender-se que essa nomeação devia ser geralmente applaudida.

Quatorze mezes do commando do Conde do Rio Pardo haviam sido de completa inacção e apenas os reforços continuos da tropa haviam augmentado consideravelmente o exercito acampado em S. Lourenço e em guarnição nas diversas praças do littoral. A pacificação das outras provincias deixava o governo desembaraçado para empregar tropas consideraveis na guerra do Sul, sendo estas ainda reforçadas por numerosos recrutas, que as rebeliões do Maranhão, S. Paulo e Minas haviam atirado ás fileiras do exercito.

1842 — No dia 29 de Outubro partiu do Rio de Janeiro o Barão de Caxias, a bordo do vapor *Paquete do Sul*, tendo antes seguido consideravel reforço de tropas.



Na occasião de despedir-se de S. M. o Imperaor disse-lhe elle: (**) Acabe esta revolução do Rio Grande do Sul, como acabou as outras. Póde V. M. estar certo, que nisso empenharei meus ultimos esforços, respondeu o Barão.

O General aportou ao Rio Grande do Sul no dia 6 de Novembro e no dia 9 tomava em Porto Alegre posse da Presidencia e do commando das armas, voltando no dia 14 para o Sul a inspeccionar as forças de Rio Grande, Norte e S. Gonçalo. Sabendo que Raphael Tobias de Aguiar apparecera em cima da serra, com o intuito de juntar-se aos rebeldes, providenciava para sua captura com tanta felicidade que, poucos dias depois, era o chefe paulista preso e remettido para a côrte. Ao mesmo tempo o velho e habil general Bento Manoel Ribeiro punha de novo ao serviço do Imperio sua valente espada e grandes conhecimentos praticos das guerras do Sul.

EUDORO BERLINK



(**) Jornal do Commercio de 28 de Outubro de 1842.





BIBLIOGRAPHIA

MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS — Manoel de Almeida — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1925.

Manoel Antonio de Almeida, nascido no Rio de Janeiro em 1832 e falecido em 61, no naufragio do vapor "Hermes", escreveu em sua mocidade estas "Memórias de um sargento de milícia". Escreveu-as de um jacto, vê-se, e com uma absoluta despreocupação de forma — mais: com um relaxamento imperdoável. Não obstante, erigiu um eterno monumento à sua glória. A vassoura do tempo que varre sem dó para o olvido a legião dos livros mediocres, respeitou e respeitará sempre este. E' que ha nelle genio. E' que este livro representa uma criação.

Manoel de Almeida retrata com intenso verismo a psychica de uma epocha e fal-a vividoira com rara intuição de arte. Não movimenta bonecos, mas almas, e cada creatura que mette em scena forma um typo de primoroso desenho logico. Coevo do romantismo cabelludo, seu genio fal-o adinvinhar a senda do naturalismo comprehendido da mais intelligente maneira — desse que toma por mira a verdade psychologica.

Infelizmente Manoel de Almeida parou nas "Memorias" que constituem, siquer, uma obra completa, pois memorizam apenas a infancia do heroe. O pouco apreço no seu tempo dado às letras certamente o fez abandonar a penna, com gravissima lesão do nosso patrimonio artistico. Quem aos vinte annos fez o que fez, que não faria na idade madura?

Além do desleixo natural do autor tiveram as "Memorias" contra si o "respeito" dos editores, apostados em conservar todas as maculas do estylo, com accrescentamento de numerosissimas outras, filhas da revisão apressada. E assim chegou até nós essa obra prima: linda creatura coberta de frangalhos, cara suja, cabellos despenteados, unhas compridas...

Nesta edição, adoptou-se processo inverso e as "Memorias" apparecem depuradas de todos os defeitos afeiantes.

NACHA REGULES — Manuel Galvez — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.

Entre os romancistas da America, Manuel Galvez occupa logar preeminente, e já suas obras começam a transcender as fronteiras do seu paiz. "Na-

cha Regules", o formidável romance que ora são em português, é obra que circula pelo mundo, vertida em alemão, francês e inglês, recebendo dos grandes povos cultos o acatamento que merece.

Um largo sópro de sympathia humana a anima e faz della uma alavanca, á moda dos livros de Tolstoi, preposta á tarefa de fazer o mundo um pouco melhor do que elle é. Galvez desvenda aos olhos do leitor o inferno actual das decahidas, victimas, ou de taras organicas, de que não têm culpa, ou da rigidez da sociedade, que prefere por commodismo dos felizes fechar os olhos ao que é, antes de metter hombros á empresa tremenda de curar-se da chaga.

Manuel Galvez é autor de uma serie já grande de livros, todos merecedores da attenção do nosso publico. Citaremos entre elles *La Maestra Normal*, *La sombra del convento*, *La Tragedia de un Hombre Fuerte*, *El mal metaphysico*, este já traduzido em nossa lingua.

PADRE BELCHIOR DE PONTES — Julio Ribeiro — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1925.

"Padre Belchior de Pontes" — é talvez a obra mais interessante de Julio Ribeiro romancista. "A Carne" não chega a demonstrar a pujança de sua penna, tanto mais que se civa da pécha de realismo á Zola. Muito ha que apontar nesse trabalho. O "Padre Belchior", porém, não conta a popularidade do outro. Romance historico, sem descripções onde a libido encontre farto pabulo, jazia para ali no mais completo esquecimento, apenas de quando em quando apresentado em folhetins da imprensa diaria. Em volume não o encontraria ninguém. Bem andaram, pois, os editores, promovendo esta tiragem, e melhor ainda, conservando a orthographia do grande philologo.

"Padre Belchior de Pontes" — escreve o proprio autor — é um romance essencialmente historico em sua maxima parte: tirados alguns anachronismos necessarios ao enredo, algumas ficções e um ou outro personagem de imaginação, tudo o mais teve vida, "passou-se mesmo" como poderá ver quem se - quizer - dar ao trabalho de compulsar a "Nobiliarchia Paulista" de Pedro Tacques de Almeida Paes Leme, a "Vida do Veneravel Padre Belchior de Pontes" por Manuel da Fonseca, a "Chronica da Companhia de Jesus" por Simão de Vasconcellos, as "Memorias da Capitania de S. Vicente" por frei Gaspar da Madre de Deus, o "Quadro Historico da Provincia de S. Paulo", pelo Brigadeiro Machado de Oliveira, os "Apontamentos para a Historia dos Jesuitas" pelo dr. Antonio A. H. Leal, os "Precursores da Independencia" pelo dr. Martim Francisco Junior, a "Cruz de Cedro" pelo exmo. barão de Piratininga, etc., etc.

"Um exemplo entre muitos: a riqueza incrível de Doutor Guilherme, a magnificencia de sua fazenda em Araçariguama, a visita que lhe fez o Patriarcha de Ethiopia, nada disso é fabulado: como tive occasião de verificar "de visu" lá está ainda em São Paulo, na igreja do Collegio, escondida pelo suppedaneo do altar de Santa Rita, a lápida que cobre os restos do Cresco americano; acha-se até bem conservado o seguinte gongorico epitaphio em mau latim:

*Hoc iacet in Tumulo Guilelenus; presbiter auro,
Et genere, et magno nomine Pompeius."*



O DIABO EXISTE — Julio Cesar da Silva — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1925.

Julio Cesar da Silva affirmou-se com "Arte de Amar" um dos maiores poetas paulistas, lado a lado de Vicente de Carvalho, Francisca Julia e Amadeu Amaral. Não que fosse estreante. Seu nome vinha de longe, mas só de raro em raro patenteado em plaquetes que não chegavam a dar a justa medida de seu estro. Assim também o prosador. De lá muito que o vemos collaborando com assiduidade e raro brilho na imprensa periodica do paiz, era em crônicas leves e esvoaçantes, era em contos de boa trama, ora nessa outra função difficil que é a "cozinha". Mas essas folhas passavam e ia ficando apenas a lembrança dos leitores mais argutos, muitos dos quaes não podiam comprehender como e porque não havia de nos dar livro de prosa tão bom como o de versos.

Agora, porém, eis satisfeito esse desejo. O poeta festejado deu uma busca em seu archivo e de lá nos trouxe esta collecção de contos, que vem pôr de parabens a literatura paulista. E' mais uma obra valiosa a augmentar-lhe o acervo, que tantas e tão bellas aquisições tem feito com o nascimento da industria editora de livros.

O contista d'"O diabo existe" não deslustra o poeta. Caminham a la par. Muito verismo nos personagens e nas scenas, que uns e outras se descrevem em linguagem correnteia como agua de fonte. Uma das qualidades primarias do autor reside nisto e já nos proprios versos, tão limpidos e simples, se mostrava. Ledor de classicos, tem o criterio bastante para lhes refugir aos defeitos e só apanhar-lhes as partes boas, as que possam dar luzimento e clareza á expressão.

Uma pagina apenas destas bastaria para consagrar um contista: "O crime do moço verde". Urdido com muita arte, habilmente conduzido de scena em scena e deflagrando afinal em tragico epilogo, nada deixa a desejar. E' magistral, digno de Maupassant. Sua leitura já seria regalo bastante. Mas o livro contém muita coisa boa, como além de outras, "Vida elegante", "A cigarra e a formiga", "Palavras de um maluco", "O amante do outro mundo" e "O problema da vida".

VULTOS E IDEIAS — FIGURAS E CONCEITOS — PENSAMENTOS BRASILEIROS — Vicente Licinio Cardoso — Annuario do Brasil — Rio — 1924.

O sr. Vicente Licinio Cardoso mostra-se um dos mais operosos publicistas nacionaes. Aqui estão nada menos que tres volumes de sua autoria, editados com entremeio de alguns mezes: "Vultos e ideias", "Figuras e conceitos" e "Pensamentos brasileiros" — titulos despretenciosos, mas infelizes, que não podem siquer dar uma idéa do conteúdo. Em todos elles se encontram, de par com estudos pertinentes a cousas locais, outros em que aborda problemas de vario genero em paizes americanos e europeus. O leitor soffre a cada passo com a brusca mudança de assumpto. Melhor andaria seriando-os, dispondo-os de maneira a promover o necessario encaixe, que é exequivel, como afinal verificamos. Podendo, pois, dar-nos tres volumes unos, deu-nos apenas tres collectaneas de artigos heterogeneos.

Com isso, porém, não se apouca o merito do pensador, que apparece em quasi todas as paginas. Ha, por certo, observações algo ingenuas, conceitos que se repisam, analyses dispensaveis que estafam, mas, em geral, as ideias se salvam. Não se comprehende, porém, como uma intelligencia assim



arguta se tenha imbuído tanto do preconceito da perniciosidade das letras. Que um ou outro pobre de espirito se rebelle contra os que sabem ou que procuram escrever bem, tolera-se e se explica pela incapacidade que inveja e que destrói. Mas, no caso não se trata de tal. Ao autor sobralhe capacidade de apprehensão. Sua ogeriza pelas letras parece-nos apenas "attitude". E é lastimavel que assim seja. Paginas ha nestes volumes que perdem de todo o brilho por se enrouparem de pobrissima linguagem. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

Destacaremos os capitulos — "Dostoievsky" e "Euclides da Cunha", muito apreciaveis como critica. Todos os estudos, porém, se orientam num sentido nacionalista. Por este lado, só ha que louvar. E, sem favor, pode-se incluir mais um nome no rol dos publicistas que procuram, de facto, estudar as nossas realidades.

*O CONDE DE MONTE CHRISTO — A. Damas — Companhia
Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1925.*

Em volumoso tomo de seiscentas e tantas paginas, reedita-se o conhecido romance que por ali faz a delicia de muita gente. Sem mutilal-o, conservando-o ao contrario integro das menores particularidades, conseguiram os editores pôr num só volume o que outrem costuma pôr em dois e tres, o que representa vantagem economica para o leitor. Ademais, está muito bem revisado, circumstancia que não é de se desprezar, maxime em se tratando de tão vultoso numero de paginas.

*RUY ESTUDANTE — Baptista Pereira — Companhia Graphi-
co-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.*

O Centro Academico Onze de Agosto, prestando homenagem a Ruy Barbosa, fez publicar em folheto a conferencia que em sua sede realizou, sobre a vida de estudante do varão insigne, o sr. Baptista Pereira. Bellas palavras, que não deviam, de facto, regalar apenas aos que frequentam as arcadas do velho mosteiro, são, assim em livro, um dos mais valiosos contingentes para o estudo que se ha de fazer da personalidade multiface daquelle homem excepcional. Baptista Pereira, que o conhecem de perto e á sua gente, soube fazer admiravel resumo da juventude heroica do bravo lutador. Ha nas suas palavras a admiração commovida do discipulo venerador que não permite se amorteça a chamma que deve alumiar, para todo o sempre, a memoria do maior dos brasileiros.

*SUAVE AUSTERO — Elysio de Carvalho — Ed. "America
Brasileira" — Rio de Janeiro — 1925.*

O sr. Elysio de Carvalho, autor de alentada serie de volumes, entre os quaes se destacam os ensaios historicos, publica mais esta collectanea, em que se encontram trabalhos de vario genero — politica, litteratura, historia, diplomacia, etc., etc.

Entre outros, figuram no volume capitulos sobre o pangermanismo, Masaryk, Valera, Blanco Fombona, Cabral, Afonso Lopes Vieira, Anthero de Figueiredo, Raul Brandão, Camões, Napoleão e Dante.

*A ESCRAVA QUE NÃO É ISAURA — Maria de Andrade —
Typ. Paulista — S. Paulo — 1925.*

O sr. Mario de Andrade expõe neste livro as suas ideias respeito à arte moderna. Ideias quasi sempre sensatas, isentas do desvairismo que caracterizava a sua "Paulicéa". Já agora coisa que se entende, que se explica e que se justifica. Voltou-lhe felizmente o discernimento, que parecia ter desertado os arraiaes dos epígonos da arte nova. Já aponta defeitos nos companheiros, embora quasi sempre os alce a posição de gênios, o que dá ao livro um ar de cabotinismo. Não se elogia a si proprio, pois os novos cyrenens o farão á sua vez. É um deslante a que devís fugir. Pelo menos, seria de boa politica.

O que não ha negar é que o autor se lastra de boa dose de conhecimentos de psychologia. Suas conclusões assentam sobre resultados de pesquisas scientificas no campo do intellecto, principalmente nas de Ribot. A lingua é de boa massa com todas as notações que se queriam elididas, e com todos os velhos vocabulos que falamos. Apenas, é pessoal o estylo, secco e ríspido, a dizer de um temperamento impulsivo.

UMA AVENTURA — Abel Juruá — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1925.

A senhora Abel Juruá, autora de romances e novellas, vem-nos agora com seu livro de contos — "Uma aventura". Pode-se repetir tudo quanto se disse a seu respeito quando da publicação daquelles. Boa linguagem, graça leve, interesse em todas as paginas, leitura que não demanda esforço.

Aliás, no numeroso grupo de escriptoras patricias, é Abel Juruá um dos nomes de maior relevo. Felizmente, ainda não deu por encerrada a sua missão e continua a trabalhar com afinco, já nos promettendo outras obras em que reafirmará a sua intelligencia e cultura.

MARIA STUART, RAINHA DA ESCOSSIA — Jacob Abbot — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.

A infeliz Maria Stuart, que foi decapitada por ordem de sua prima, a rainha Isabel, da Inglaterra, deixou na historia um nome commovente como o de Maria Antonietta de França. Jacob Abbott conta a sua vida attribulada, desde a infancia e educação na França, até a volta a patria, onde soffre captivo que só termina com a execução da sentença condemnatoria.

É leitura muito sentimental, propria para moças.

*DIREITOS DA CRITICA LITERARIA — Almachio Diniz —
— Rio — 1924.*

O sr. Almachio Diniz publica em folheto, separata da revista "Legislação e Jurisprudencia do Brasil", as razões do appellado Osorio Duque Estrada, de quem foi advogado no processo por crime de injuria e calunnia que contra este moveu Ronald de Carvalho.



LADRÃO DE MOÇAS — José Vieira — Ed. "Era Nova" — Parahyba — 1924.

O sr. José Vieira tem qualidades para vencer no conto e na novella. "Ladrão de moças" está muito bem architectada e deflue por algumas dezenas de paginas que facilmente se deletreiam.

O MILITARISMO NA REPUBLICA — José de Souza Soares — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1925.

Um livro curioso este. Com uma paciencia rara nestes nossos dias agitados, conseguiu o autor adunar boa copia de documentos sobre o papel dos nossos militares na vida politica republicana, o que vem facilitar sobremaneira o estudo acurado que ha de ser feito destes trinta annos de bambuchata. Além disso, publicação muito opportuna, tanto mais quanto o autor teve a habilidade de cerrar suas considerações com uma serie de allusões a figuras que a opinião publica vem pondo na rua da amargura desde os successos de julho.

JUAN MOREIRA — Eduardo Gutierrez — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

A revolução no sul vem pôr em relevo este livro onde se pinta a alma heroica e bandoleira dos gaúchos. "Juan Moreira" é a mais-famosa obra do genero apparecida na America do Sul.

Pertence á collecção de "Dramas policiaes" em que Eduardo Gutierrez num estylo colorido e ingenho procurou caracterisar certas figuras de criminosos portenhos, romantizando-lhes a vida e pintando em largas pinceladas o scenario das suas façanhas.

Nesta obra, entretanto, a phantasia do escriptor não chega a diluir a authenticidade dos episodios, todos elles marcados com a nota rubra dos assassinatos, mas tambem revelando a indole cavalheiresca desses bravos gaúchos que uma defeituosa organização da justiça rural impelle ao banditismo.

LUÍZINHA — Vicente de Carvalho — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo.

"De Vicente de Carvalho foram ditas, em vida, todas as coisas bellas que de um grande poeta se podem dizer — escreve o sr. Brenno Ferraz. Foi dos poucos que se vêem, em pessoa, passar para a immortalidade. Fazia-se-lhe de bronze o bronzeo perfil, exterioridade que era de uma metallica, ferrea personalidade.

"Pouco é possível dizer, sem repetir, de figuras assim. O poeta, o grande poeta, já o adquiriu a critica para os annos da gloria. O juiz, o impolluto magistrado se integrou desde logo na veneração publica. O politico, da fibra dos homens de Estado, sagraram-no umas poucas de idéas e iniciativas, que de relance o puzeram em foco e, de relance ainda, o alijaram de scena, consagrando-o talvez antes por este definitivo alijamento que por aquella subita, ephemera focalização.



Não lhe foi estudada esta face, como não também a do realizador, capaz de criar e dirigir uma empresa, tão bem como se concebesse e effectuasse uma criação artística."

O mesmo se pode dizer quanto ao prosador, que não mereceu ainda o acurado estudo da critica. Mas aqui se justifica esse abandono. O grande poeta de ha muito roubára á publicidade os seus trabalhos em prosa. O volume em que os publicára havia annos, andava por ali, preciosidade que bibliomanos avaros devoravam com os olhos e que só um ou outro leitor atilado conseguia deletrear. Dava, no entanto, a medida exacta do seu valor, no conto, na novella, na chronica, na polemica, no estudo de finança e economia. Verdadeira colcha de retalhos — é certo, mas retalhos dos quaes um só bastaria para fazer um nome.

Morto, agora, o escriptor, não piedosa houve por bem romper o atilho que vedava ao publico a leitura dos papeis velhos que elle egoisticamente emmaçara no fundo da gaveta. Fez-se assim o volume *Luizinho*. Ha, nelle, a comedia que lhe dá titulo, um primor de graça e delicadeza, e uma serie de contos, escolhidos dentre os trabalhos que compunham aquelle volume. Lê-lo é um prazer.

Bem haja, pois, a generosa iniciativa. Que outras coisas venham para que se complete um dia o estudo da poderosa individualidade de Vicente de Carvalho.

*COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA — Henrique Geenen —
Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo —
1925.*

O sr. Henrique Geenen, professor conhecido em S. Paulo, fez tirar esta terceira edição do seu *Compendio de Psychologia*, de ha muito reclamada pelos que se destinam ao curso de humanidades ou de preparatorios. Fê-lo, porém, reformando-a para melhor e accrescentando-lhe capitulos que a pozeram em dia com os progressos da sciencia. Assim, se encontram paginas sobre o methodo psycho-galvanico de Veraguth, o da salvação psychica de Pavlov, a theoria do monopsychismo de Verworn, o behaviorismo da escola norte-americana, a theoria dos systemas histologicos de Brodman, que succedeu á das localisações cerebraes, a dos complexos de coeficiente emocional, de Freud, a catathymia de H. Maier, a theoria biologica da consciencia, de Bergson, a do pensamento sem imagens da escola de Wurtzburgo, do Egocentrismo de Piaget e outros.

O que quer dizer que se trata de obra-utilissima a todos quantos desejem um guia nos primeiros estudos de psychologia.

Além de muito bem impresso, o livro se vasa em linguagem accessivel a qualquer mediana intelligencia.

*CHOROGRAPHIA DO BRASIL — Olavo Freire — Companhia
Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1925.*

O sr. Olavo Freire, auctor de uma boa serie de compendios escolares, muito estimados pelos que se dedicam ao magisterio preliminar, realiza com esta "*Chorographia*" uma das obras mais completas de quantas se exhibem em nossas livrarias. Nella encontrará o professor tudo quanto deseje sobre o nosso paiz, mesmo as mais minuciosas informações. O distincto publicista não se cança na investigação: chega ao mais insignificante por-

menor e sempre de accordo com as ultimas publicações officiaes. Todos os Estados e municípios do Brasil lá estão com sua pagina propria. E' um livro que se estende por 600 paginas, nitidamente impresso em bom papel, e organizado com o carinho que o sr. Olavo Freire põe em todas as suas obras didacticas. Copioso manancial de informações uteis, faz frequentes referencias ao recenseamento geral da Republica feito em 1922, por occasião do centenario da nossa independencia. "Compendio destinado a todos que amam este opulento e maravilhoso pais, e se interessam pelo seu progresso", a "Chorographia do Brasil" satisfaz plenamente aos fins didacticos.

A BROCA DO CAFE' — Comissão de Estudo e Debellação da Praga Caféira — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo. — 1925.

A Comissão de Estudo e Debellação da Praga Caféira, composta dos srs. drs. Arthur Neiva, Navarro de Andrade e A. de Queiroz Telles, reúne em folheto os comunicados que dirigiu á imprensa de S. Paulo, de Agosto a Dezembro de 1924, a proposito do combate ao "stephanoderes", que infesta alguns municipios cafeicultores. São todos muito explicitos e entendiveis de qualquer fazendeiro, constituindo tambem uma prova eloquente da modelar organização do serviço. Para tal, concorre sobremaneira a serie de photographias que illustra o texto.

LES POEMES DÉFENDUS — Charles Lucifer — Ed. "La Pensée Latine" — Paris — 1924.

O sr. Charles Lucifer, que pelos modos é legitimo caboclo, continua a poetar em francez. Já em nossas columnas estampamos trabalhos seus, tendo tambem registrado aqui o apparecimento do "Ballades Brésiliennes" que apezar da lingua, é um dos livros mais brasileiros que conhecemos. E', porém, lamentavel essa orientação. Se, por um lado concorre para que se divulguem no exterior as nossas coisas, por outro parece attestar, aos mesmos leitores estrangeiros, a inopia do meigo idioma. Ora, o primeiro dever do bom tupynambá é falar e escrever a lingua que aprendeu no berço, mal a conheça embora. Lá dizia o velho José Bonifacio: "Mau, mas meu..."

Melhor andaria, pois, se nos dêsse poemas em vernaculo. O que não quer dizer, porém, que estes cantos de amores malditos sejam desluzte ao poeta. Ao contrario, augmentam-lhe o valor.

DIALOGO DOS ABUTRES — Mario dos Vanderlei — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.

"A estrella que nos conduz" — é talvez a melhor pagina deste livro. A efabulação tem seu quê de plausibilidade e — o que é mais — a linguagem não se faz o pedante rosario de vocabulos raros e sonoros que nos outros perturba a leitura. Foi uma composição mais pensada, na qual parece que se extirparam a proposito os pendurucalhos vistosos. Com terem sido, nessa tarefa, esquecidos erros não menos chocantes, consegue agradar. E', em meio do areal rebrilhante e esteril, um oasis onde se respira e se bebe agua menos salôba...



PEDRO TINTÓ — *Chagas Ribeiro* — Typ. "Jornal do Recife"
— 1924.

O seguinte trecho, com que se inicia o livro, dá bem idéa dos recursos de que dispõe o sr. Chagas Ribeiro:

"Pedro Tintó galgou, de vistas baixas, carrancudo, a pequena ribanceira, tangeu o cavallo no atalho estreito e pizou a pé firme na estrada do Fundão. As faixas de trilhos das carreolas que iam a Beberibe, representavam ali um traço de civilização, cortando no alto a selvageria da vida espalhada em redor, no terreno fundo, onde Tintó tinha o seu casebre, coberto de zinco, cheio de altos e baixos, como se fosse algum camello disforme que ali estivesse occulto."

A ANGUSTIA DE DON JOÃO — *Menotti Del Picchia* —
Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo —
1925.

O sr. Menotti Del Picchia já tem feita sua reputação como poeta. Seus versos são muito apreciados, succedendo-se as reedições. Este poema é uma de suas ultimas composições, já em segunda tiragem. Os meritos tanta vez assignalados de sua veia aqui de novo se patenteiam, em paginas que se replenam da mais bella poesia.

Um critico caturra descobriria aqui e ali explicaveis reminiscencias de Julio Dantas e Junqueiro. Nós, porém, sem descer a quejandas minucias, preferimos vê-lo apenas como um dos mais bellos poemas de nossa moderna literatura.

EVOLUÇÃO DA ESTRUCTURA DA TERRA E GEOLOGIA
DO BRASIL — *Alberto Betim Paes Leme* — *Imprensa Na-*
cional — Rio — 1924.

O professor Alberto Betim Paes Leme executou um trabalho de todo ponto louvavel. Verificando a falta de um guia que, mais que um catalogo, orientasse aos visitantes da secção de geologia do Museu Nacional, compoz um tratado de grande utilidade mesmo para os que não percorram as salas desse notavel instituto. Não é mera enumeração de mineraes, rochas e fosseis, mas uma serie de suggestões sobre a funcção desempenhada por essas reliquias na evolução da estrutura da terra, o que quer dizer que não pode faltar na estante dos verdadeiros estudiosos das nossas cousas.

A primeira parte trata da geologia geral do planeta e a segunda da geologia do Brasil.

ESPELHOS — *Carlos Góes* — *Imprensa Official* — *Bello Ho-*
rizonte — 1924.

O sr. Carlos de Góes, publicista que desfructa larga consideração em Minas, onde pertence á Academia de Letras, reuniu nesta plaquette algumas das composições lyricas dos ultimos vinte annos. Não andou bem avisado. Sua carreira poetica, iniciada em 1898, devia ter tido fecho com os novos versos de 1904, o que tudo se lhe poria á conta da mocidade...

ASPECTOS DO PROBLEMA PENAL BRASILEIRO — Magalhães Drummond — Bello Horizonte — 1924.

O sr. Magalhães Drummond estuda com proficiência o nosso problema penal. Suas considerações giram em torno desta these: "A qualidade e a quantidade das penas estabelecidas pelo Código Penal Brasileiro correspondem às necessidades de defesa da ordem jurídica?" Trabalho de mérito, pois que vem contribuir com sugestões oportunas para a repressão da criminalidade no país, é pena que se nos apresente em edição tão achambada, que nos faz fugir à leitura.

ESTATISTICA SOCIAL E QUESTÕES SOCIAES EM GERAL. — Bulhões Carvalho — Typ. da Estatística — Rio — 1924.

Publica-se neste folheto, em portuguez e em hespanhol, a memoria que o illustre dr. Bulhões Carvalho apresentou ao Congresso Internacional de Economia Social, organizado pelo Museu Social Argentino e reunido em Buenos Aires em 26 de outubro de 1924. Versa a seguinte these: "Necessidade de organizar uma estatística especial que comprehenda todos os factos relacionados com as questões sociaes. Matérias que deve comprehender. Methodos que devem ser adoptados. Organização internacional."

BOLIVAR ET LA DÉMOCRATIE — Marius André — Ed. Excelsior — Paris — 1924.

Ao commemorar-se o centenario de Ayacucho, o sr. Marius André emprehendeu um estudo critico-biographico de Bolivar, o qual nos vem agora de Paris, em bella edição. Obra das mais completas sobre o genial peruano, caracteriza-se pelo criterio das observações e pelo acerto dos dados biographicos.

EL-REI DINHEIRO — Emilio Gonçalves — Casa Mayença — S. Paulo — 1924.

O sr. Emilio Gonçalves, autor de já vultosa serie de livros, entre os quaes se contam romances, novellas, contos, tragedias, poesias, chronicas, e até estudos philosophicos publica mais um volume — "El rei dinheiro" — cartas de um descrente que se põe a bordar considerações à margem da vida. Impressa com nitidez, se não se destaca em meio à bagagem do autor, também não a deslustra.

RECEBEMOS MAIS:

A Questão Orthographica — Raul Gomes — Curityba — (Typ. João Haupt & Cia.)

O Pensamento Poetico de Gonçalves Dias — Jayme Ballão Junior — (Casa Mayença — S. Paulo.

Programma da Confederação das Colonias de Pescadores do Estado de S. Paulo — (Typ. Imprensa Popular — Santos).

La Revue Mondiale — Paris — (Rue Jacob, 45).



- La France Nouvelle* — Paris — Boule. St. Germain, 286).
- Rossegna Nazionale* — Mensario — Roma — (Via Ripetta, 102).
- Revista do Ensino* — Bimensario — Bahia — (Campo dos Martyres, 2 — Instituto Bahiano de Ensino).
- Revue Bleue* — Paris — (286, Boulevard St. Germain, VII-e).
- Journal des Débates Politiques e Littéraires* — Paris — (Rue des Prêtes-Saint Germain l'Auxerrois, 17, 19).
- Revista de Filologia Portuguesa* — Mensario — (Rua S. Benio, 4.º andar, sala 12 — São Paulo).
- La Grande Revue* — Paris — (37, Rue de Constantinople, Paris, VIIIe-Arrt.).
- La Revue Hebdomadaire* — (Rue Garanciere, 8 — Paris, 6.º).
- Vida Capichaba* — Quinzenal — Victoria — (Caixa, 3853) — Espirito Santo.
- Hispania* — Orgam da The American Association of Teachers of Spanish, Stanford University, California).
- Archivos del Folklore Cubano* — La Habana, Cuba (San Ignacio, 40).
- Revue de L'Amerique Latine* — Paris (Rue Scribe, 2).
- Boletim da Associação Commercial da Bahia* — (Praça do Commercio).
- Revista de la Universidad Nacional de Córdoba* — Córdoba (R. A.).
- Revista Juridica y de Ciencias Sociales* — Buenos Ayres — (Balcarrace, 167).
- Inter-America* — New York — (407 West 117 th Street).
- Mercure de France* — Quinzenal — (Rue de Condé, XXVI — Paris).
- Boletín del Ministerio de Relaciones Exteriores* — S. Salvador — Centro America.
- Vozes de Petropolis* — Revista quinzenal — Petropolis.
- El Magisterio* — Mensario de educação — Córdoba — R. Argentina (Rosario de Santa Fé, 238).
- Revista del Impuesto Unico* — Buenos Aires — (91, Esmeralda).
- O Criador Paulista* — Pecuaría — S. Paulo — (Rua Direita, 8-A sob).
- O Itiberé* — Mensal — Paranaguá-Paraná — Caixa, 14).
- Terra Natal* — Revsita mensal — Natal — (Rua Felipe Camarão, 88).
- Il Pasquino Coloniale* — S. Paulo — (Rua Libero Badaró, 147).
- Revista Brasileira de Engenharia* — Rio de Janeiro — Rua 7 de Setembro, 191, sobr.).
- Era Nova* — Bi-mensario — Parahyba do Norte — (Rua Peregrino de Carvalho).
- Nosotros* — Literatura — Buenos Ayres — (Florida, 323).
- La Reforma Social* — Mensario — New York — (47, West 42-Street).
- Proa* — Literatura — Buenos Ayres — (Avenida Quintana, 222).
- União Pharmaceutica* — Orgam mensal da Sociedade "União Pharmaceutica" de S. Paulo.
- O Economista* — Revista Mensal — Rio de Janeiro — (Rua do Ouvidor, 4-2.º).

- Revista de Revistas* — Semanario — (Apartado 12.^o bis, 5.^a Nuevo Mexico).
- Boletim Mensal de Estatística Demographo-Sanitaria da Capital* — Publicação do Serviço Sanitario do E. de S. Paulo.
- Cultura* — Semanario — Manzanillo, Cuba — (P. Figueiredo, 15).
- Boletim de Servicios de la Asociación del Trabajo* — B. Aires — (Florida, 524).
- Boletim Hebdomadario de Estatística Demographo-Sanitaria* — São Paulo.
- The Inland Printer* — Industrias — Chicago, Illinois, U. S. A. — (632, Sherman Street).
- ABC* — Semanario — Lisboa — (Rua do Alecrim, 65).
- D. Quixote* — Semanario — Rio de Janeiro — (Rua D. Manoel, 30).
- Boletim do Ministerio da Agricultura da Republica Tchecoslovaquia* — Praga.
- Verdade e Luz* — Mensario da Associação Espirita "S. Pedro e S. Paulo", — Caixa Postal, 2835.
- Revista do Imposto Unico* — Porto Alegre — Rua Demetrio Ribeiro, 288.
- Revista Universitaria* — Orgão da Universidade de Cuzco.
- Revista da Academia B. de Letras* — Avenida Rio Branco, 127 — Rio.
- Revista de Filosofia* — Calle Viamonte, 776 — Buenos Ayres.
- Le Strade* — Mensario do Touring Club Italiano — Corso Italia, 10 — Milano.
- Cultura Venezolana* — Mensario — Caracas — Typ. Mercantil.
- Nativa* — Mensario ilustrado — Venezuela, 670 — Buenos Ayres.
- Universal* — Revista Encyclopedica — Rua Alfadega, 214 — Rio de Janeiro.
- Datin-American Trade* — Revista de Engenharia — 34, Bedford Street, London, W. C. Q.
- Reglamento y Programas para las escuelas de analphabetos de la Universidad Popular de Guatemala*
- Iberic* — Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg, 36
- Boas Estradas* — Orgão da Associação Estradas Rodagem — Rua Libero Badaró, 90 — 2.^o andar — S. Pauli.
- The Planter and Sugar Manufacturer* — 424, Camp. Street — New Orleans, La, U. S. A.
- O Bodalo* — Caixa "Y" — S. Paulo — Semanario humoristico.
- Sciencia Medica* — Revista de Medicina — Rua Sacket, 8, 1.^o andar — Rio de Janeiro.
- Gazeta Clinica* — Mensario paulista — Rua S. Bento, 34 — S. Paulo.
- La Raza* — Publicação ibero-americana — Rua Luiz de Camões, 38 — Rio de Janeiro.
- Anales de la Sociedad de Geografia e Historia* — Guatemala, C. A.
- Romance-Jornal* — Rua Boa Vista, 24 — S. Paulo.
- Vida Capichaba* — Rua José Marcellino, 56 — Victoria, E. Santo.



RESENHA DO MEZ

BIBLIOGRAPHIA JURIDICA

"Da posse (doutrina). Do caderno de aulas do Conselheiro Justino de Andrade, pôsto ao correr da jurisprudência e leis da época, por seu sobrinho e discípulo Ministro Sebastião de Lacerda — Comp. Graphico-Editora Monteiro Lobato — São Paulo — 1924".

O eminente Sr. ministro Sebastião de Lacerda acaba de prestar relevantíssimo serviço às letras jurídicas nacionaes, enfeixando em volume as magistrais preleções professadas na Faculdade de Direito de S. Paulo pelo notavel juriscônsulto Justino de Andrade, seu tio, sobre o importantíssimo e transcendente instituto da posse.

Justino de Andrade foi o maior vulto que até hoje passou pela Faculdade de S. Paulo, onde elevou o exercicio do magisterio á altura de um verdadeiro sacerdocio, a cujo desempenho exclusivo consagrou toda a sua actividade durante cerca de vinte e cinco annos na regencia de varias cadeiras, especialmente na de direito civil, da qual foi um dos cathedra-ticos, até o dia em que Benjamin Constant, satisfazendo o pedido de um grupo de estudantes indisciplinados, o jubiloou compulsoria e violentamente. Esse acto irreflectido do illustre ministro da instrucção publica do governo provisório foi verberado, como um erro, por uma das mais pujantes ce-rebreações do Brazil, o Sr. Teixeira Mendes, e a commissão de lentes enviada pela congregação da Faculdade de S. Paulo

aquelle ministro para tratar do caso, e da qual fazia parte o professor João Monteiro, ha longos annos inimigo pessoal de Justino, fez-lhe ver que a injusta jubilação com que se pretendia punir o preclaro educador da mocidade não constituia somente uma profunda quebra do prestígio academico, senão tambem uma lamentavel perda scientifica, ante a alta consideração que o paiz inteiro tributava ao excepcional saber e ás peregrinas virtudes de Justino de Andrade, que era o primeiro professor da Academia e uma das suas maiores e mais legitimas glorias.

Isso, porém, não impediu que o anathema ministerial cahisse sobre a cabeça do genial professor, que a recebeu com a serenidade atoaica de um verdadeiro apostolo da sciencia do justo, sentindo-se talvez, compensado da brutalidade de que foi victima com a repercussão dolorosa que ella teve, qual solemnisimo protesto, produzindo a maior desolação entre os lentes e os alumnos da tradicional Faculdade, e mais tarde ainda, pela maneira honrosa por que os autores daquelle solicitação, infelizmente attendida, pouco depois se mostraram publicamente arrependidos.

Recollido á vida privada, não deixou Justino de manter accessa a chamma ardente do seu culto ao direito, espalhando frequentemente pelo paiz os seus eruditos pareceres, mistér a que passou a dedicar-se e no qual era solicitado até pelo proprio governo republicano, ao qual, aliás, sempre se mostrou infenso.

Delle ninguém disse mais e melhor do que o Dr. Herculanô de Freitas, ao fazer-lhe o necrologio na Camara dos Deputados de S. Paulo, lembrando que Justino, apesar de não ter sido uma personalidade na politica de S. Paulo e de nem ter sido mesmo um membro activo da sociedade paulista, pois a natureza especial de seu espirito, a modalidade original de seu sentimento, encerravam-no dentro de si proprio e a sua communicação com o meio social, em cujo centro vivia, era diminuta como personalidade particular, "entretanto — frison Herculanô — não se pôde dizer que o nosso meio, que a nossa sociedade, não recebessem a influencia das suas idéas, dos seus sentimentos", accrescentando: "Todos nós que atravessamos a Faculdade de Direito de S. Paulo, de que elle foi mestre — elle o foi na extensão mais lata da palavra — sabíamos della adunados do seu espirito, que, por meio de sua palavra, vinha até nós, trazendo-nos os grandes ensinamentos dos mestres do direito, nas philosophias dos codigos, nas legislações dos povos cultos". E terminou: "S. Ex.^a foi um elemento conservador; naquella casa era a tradição viva; nos seus principios não o era menos; e o seu exemplo, o seu grande exemplo de mestre e de homem tinha bastante valor no seio da nossa sociedade. E a prova está em que toda essa mocidade, que o não conheceu, e que passa hoje pela Faculdade de Direito a receber outras lições, toda ella se commoveu, entifilissimamente, diante da morte de um homem, que começa a ser hoje melhor conhecido do que era, porque a esquisitez do seu espirito não é que se manifesta, mas simplesmente a sua grande superioridade". (Vide José Jacyntho Ribeiro, CHRONOLOGIA PAULISTA, 2.^a vol., parte 2.^a, pag. 253).

E todas essas verdades ficam perfeitamente comprovadas pela sua obra preciosa que o illustrado Sr. ministro Sebastião Lacerda acaba de ter a feliz lembrança de publicar, com a promessa de, em breve, dar-nos outra sobre o direito de familia.

Até hoje nada foi escripto sobre a posse em nosso paiz que se iguale ás sabias notas de aula do notavel professor, pois nem Lafayette, reputado, aliás com razão, o principe dos nossos civilistas, nem Ribas, cuja erudição, revelada nas suas obras, hoje classicas na nossa literatura juridica,

que era, sem duvida, superior á cultura do nosso meio intellectual na época em que elle as escreveu, e muito menos quaisquer outros que depois deller bajam versado no Brasil sobre o assumpto, o penetraram tão fouda e exaustivamente, e muito menos o apreciaram conjuntamente á luz da psychologia, da logica e da economia politica e da sociologia como o fez o Dr. Justino, refutando doutrinas que, no presente momento, passam, entre nós, por grande novidade scientifica.

O conselheiro Lafayette apogeu-se exclusivamente á obra classica de Savigny, resumindo-a, aliás magistralmente, no capitulo do seu "Direito das Cozas", referente á posse, o mesmo fazendo Ribas, pouco mais ou menos, no seu livro intitulado "Da posse e das acções possessórias". Dos escriptores que se lhes seguiram, apenas Ruy Barbosa foi além, expondo com o seu costumado brilho, em razões forenses, a doutrina de Ihering, e demonstrando, de accordo com ella, a extensão da garantia dos interditos á posse dos direitos pessoais, para o que, argumentou exaustivamente com o direito canonico e com as glossas de Bartolo e de Accursio.

A todos, porém, sobrelevo Justino nas suas preciosas prelecções, em as quaes, a par da formidavel erudição que revelou possuir sobre o assumpto, expando e criticando todas as doutrinas com absoluta segurança logica a serviço de argumentos juridicos irretorquiveis, chegou a uma conclusão pessoal a respeito da conceituação tanto juridica como philosophica, do instituto da posse, dando-lhe fundamento indiscutivelmente racional.

Essa conceituação do notavel professor de S. Paulo merece especial attenção, porque por ella chega elle a absoluta refutação da doutrina famosa de Ihering, hoje integrada no nosso direito civil positivo, e tão do gosto dos nossos civilistas.

Disse Ihering que a posse consiste na "visibilidade da propriedade", emprestando-lhe, por consequente, o caracter de causa desse direito, mas, conforme bem pondera Justino, "a posse é o poder physico sobre cozas com referencia a direito diverso do de propriedade, direito de que a posse é condição", pois "o poder de facto, é naturalmente destinado a realisar e concretisar o dominio, e se a lei admite outro direito, em occasião do poder de facto, reconhece nesta uma condição, e não

causa ou consequencia do direito", "considera, então, o poder de facto, não como exercício ou manifestação do poder jurídico, mas como simples condição para que o direito se effectue", e daí, acrescenta o Dr. Justino, "eis a razão por que no possessório deve-se abstrahir do direito de propriedade, visto como a posse não se refere ao domínio: aliás, seria considerada como exercício ou violação de direito", e, para a demonstração dessas verdades, esclarece:

"Como a posse, em regra, não tem relação com a propriedade, os nossos clavisos dizem ser de bom conselho não tratar do domínio no possessório, advertencia mui curial, porque na questão da posse não se quer conhecer se o poder de facto, é a effectuação, ou a violação do direito de propriedade; o que se pretende é demonstrar somente que esse poder de facto, consentâneo ou não com o domínio, é condição jurídica existente, é base para a verificação de outro direito. Destas reflexões resulta que os direitos que se têm de verificar, e são admitidos por ocasião da posse, não emanam desta, porque a posse é simples condição e não causa. Consequentemente, quer a posse *ad interdicta*, quer a posse *ad rem capionem*, é simples condição e não causa do direito aos interdictos, e a aquisição da propriedade, fundado no justo título e boa fé, em tempo legal. A posse interdital é condição do direito da personalidade humana, e do princípio da ordem social, que veda as violências até na pratica dos direitos. A posse *ad rem capionem* é condição do direito de personalidade, manifestado na faculdade, que a todos é concedida, de dispor e adquirir com a propria actividade, revelada tacitamente, no facto do possuidor, e na inação do proprietário, acompanhada de certas circunstancias. Conclue por affirmar, de accordo com Bruns, o notavel contradictor de Ihering, que o proprio direito romano, em que esse ultimo jurisconsulto se estribou na construção da sua doutrina, que a protecção á posse não resulta da propriedade mas está fóra desta, na mesma posse, pois o mesmo direito romano distingue e separa claramente a proprie-

dade da posse, tendo Ihering invertido a verdadeira relação jurídica, e, por isso, em vez de dizer que a protecção lhe era dada por si mesma, e que o proprietario, estando de posse, tem a vantagem das acções possessórias, vio neste ultimo facto o princípio e fundamento da instituição possessória; porquanto — insiste magistralmente e de accordo com uma perfeita orientação philosophica — "o verdadeiro fundamento da garantia possessória está na mesma posse, mediante a doutrina da vontade e da personalidade, e princípio de ordem social, em cuja doutrina se harmonizam quasi todas as outras theorias, como a unica que se adapta ao conceito da posse".

Não se pôde dizer mais, nem com maior segurança, nem com melhor cópia de argumentos, o que serve, de resto, para mostrar a geração actual de juristas brasileiros, que theorias transcendentes do direito como o é, por excellencia, a da posse, só podem ser regularmente apreciadas por quem possua uma perfeita base philosophica, que permita ao interprete separar o joio do trigo, e não pela simples leitura corrida de expositores ineptantes de uma ou outra doutrina, como acontecem com os "doutores" do nossoCodigo Civil que, sobre a conceituação da posse, tanto deixa a desejar.

Ao encerrarmos esta pallida noticia, em a qual outra coisa não pretendemos senão render homenagem a um dos maiores vultos do direito nacional é nosso dever chamar a attenção para as eruditas notas com que o illustrado Sr. ministro Sebastião de Lacerda enriqueceu o trabalho de seu preclaro tio, cuja memoria tem sido honrar, tornando-se seu digno continuador no culto do direito, pela maneira por que, pelo seu peregrino saber e pelas suas raras qualidades privadas e civicas, vem illustrando a elevada cathedra de ministro do Supremo Tribunal, que em boa hora lhe foi ter ás mãos.

Rio, 27-1-1925.

Helvecio de Guarnáes

("Gazeta de Noticias", Rio).

ALMEIDA JUNIOR

O retardo da pintura brasileira é tão grande, que só a poderei traduzir dizendo vê-la distanciada da evolução da arte, em mais de meio século.

Se da época de Victor Meirelles, os nossos artistas seguiam com enlevo o desenvolvimento dos últimos românticos, ou, para melhor dizer, da pintura francesa que se assinala, propriamente, nos últimos tempos do Segundo Império, com o "estilo nobre", intuitos decorativos, Arte de Chenardard, de Cabanel, Delannay, Baudry, de feminina sensibilidade, e Moreau, com o seu idealismo preraphaelita, fraternizando com Watter e Rossetti. Claro que não se poderia esquecer, por determinar o "ar" do ambiente, de então, os nomes de Henner, o do Sr. Bouguereau, Hebert, e o próprio Bonnat. Foi de propósito que não mencionei o nome de Puvion de Chavannes, em cujas simplificações, emoção contida e tranquila, repontavam já alguns dos traços mais vehementes das aspirações modernas em arte.

De 1884 (anno em que Almeida Junior expõe entre nós) para cá, a pintura brasileira como que estacionou. É certo que ha manifestações isoladas de tendencias libertadoras. Mas essas são raras e não conseguiram formar corrente.

Não julgo a obra de arte pela idade. Pouco me importa que o pintor seja moderno e ultra-moderno, se sua obra é precária, se elle é um negador. Prefiro, nesse caso, o *pompier* onde abrolhe o sentimento comovido dos aères e das coisas, com as suas permutas e irradiações, e que elle transcreva, segundo a caducidade de uma technica em desuso.

Qualquer technica serve. O que se exige é revelação da individualidade. Mas tambem não se poderá negar que os innovadores trazem sempre descobertas de alta importancia, ás vezes, para perquerir com mais precisão e verdade a natureza expressiva da materia, pelo estudo especifico da luz ou da decomposição das cores.

E é, exactamente, o que poderia chamar a nossa attenção: os pintores brasileiros que foram á Europa, de Victor Meirelles até quasi os nossos dias, mal se penetraram do grande renovamento trazido pelos impressionistas na arte de pintar. Quasi todos — e refiro-me em especial a Pedro Americo, Zeferino da Costa e o

autor da *Primeira missa* — não viram as differenças profundas que havia entre o modino Cabanel e o vigor masculino, a sobriedade realista, a plenitude luminosa de Gustave Coubet, que em muito preannunciava os artistas da geração de Monet.

* * *

ALMEIDA JUNIOR (nasceu em Itá, em 1851) é, de toda evidencia, o maior pintor brasileiro. Quando se visita a secção nacional, na pinacotheca da Escola de Bellas Artes resalta, em varias paginas, aquella superioridade.

Foi o primeiro artista brasileiro que sentiu a nossa vida, que encontrou no ambiente brasileiro os surtos literarios correspondentes á sua sensibilidade.

Nem só os themas pictographicos são nossos. A sua factura resumbra á seiva da natureza dos tropicos. Os homens que agem nas suas composições retratam, em flagrantes admiraveis, o caboto na indolente robustez, na sua avisada e ladina actividade.

Almeida Junior, em pleno resto crabundo do romantismo da pintura, demonstra que é possível fazer do quadro um desdobramento representativo da personagem, sem recorrer-se aos assumptos pre-escolhidos para materia de composições: nem só na Biblia ou na Mythologia ha motivos integres para a pintura.

Realista excellente, elle busca na conquista do modelado, nos agrupamentos felizes e naturais, na paginação espontanea, o flagrante da vida. E delle tira os pretextos espirituais para dizer, em linguagem sobria, cerrada, eloquente e gostosa, precisa e varia, tudo quanto sua sensibilidade refluiu e accusava no choque asombrado e aniquilante da natureza de seu país.

Naturalmente que o autor dos *Caipiras* não voltou da Europa liberto por inteiro de influencias. Mas acredito que se poderá mencionar o vigor e a marca alta de sua personalidade, demonstrando o quanto delle se afastou, por instincto providente, das tendencias idealistas e tradicionais do seu mestre — Cabanel.

Se quizermos buscar a filiação technica e conceptual de Almeida Junior, havemos de procural-a nas affinidades de seu tem-



paramento com o génio revoltado de Gustave Courbet.

Não encontro na época da formação do pintor brasileiro, na hora grave, púbera e decisiva de sua formação mental, outro pintor francez, onde os estigmas disciplinares possam ser determinados como factores providenciaes e influentes nas predestinas da obra de Almeida Junior.

A factura larga, tûmida, pastosa, tanto quanto aspera, onde passa o fremito da plenitude da materia — revela bem aquelle parentesco.

Mas em Almeida Junior, a fôrma é menos corrugosa, muito menos petrea; como que se abranda e amolece, na doçura nervosa, onde se trêm as soluções inconscientes dos momentos que vivem na officina de Cabanel.

Mas é minima dosagem que em nada altera a cortagem geral do espirito de sua obra. As predilecções electivas perduram.

Sempre que vejo o *Reposo do modelo* não esqueço o *Atelier* de Courbet. Como também o *Derrubador* faz-me rememorar os *Cessurs de pierres*, do Museu de Dresden.

No entanto, Almeida Junior não pintava themas brasileiros, á européa. Mas aquelles vagos liames estabelecem a palpitacão sympathica do preferente enlevo. E' symptoma revelador.

* * *

A pintura do artista brasileiro nada tem de verdade, da parte philosophico-política que desgraçadamente Courbet quiz, de vontade propria, em deliberação occasional, infiltrar em suas composições.

Para Almeida Junior não havia necessidade das *allegorias reaes* do mestre de Ormans. As deficiencias notorias de sua cultura, o seu apaixonado sentimento logareiro, o ingenito "tabarelismo", por muito o impediã de baralhar suas idéas primitivas no tumulto explosivo de tendencias socialistas da velha Europa.

Almeida Junior é pintor de instincto. Antes de vêr a significação legendaria do quadro, a idéographia symbolica das personagens, o alcance moral da anecdota, a revelação doutrinarria do conjunto — elle sentia o prazer visual das cores e, principalmente, a poesia sávida da fôrma, a vida estuante da materia, desdobrando-se, ar-

tisticamente, numa atmosphera dos tropicaes.

E nesse capitulo elle é um isolado na arte brasileira. Nem Victor Meirelles, com o rigor escolar do seu desenho, nem Pedro Americo, com a pompa memoriada da sua imaginação — aquelle lyrico, este épico — se igualam ao mestre da *Partida da Menção*. Menos ainda Agostinho da Motta ou João Zefetino da Costa, que se encudaram a pintar, pelos olhos dos artistas européas, particularmente Italianas, se lhe podem comparar.

De todos os pintores brasileiros, só elle encontrou o estylo proprio aos nossos assumptos.

A pasta é larga, gorda, saberoso o modelado, onde ha sempre tres dimensões... Sente-se a funda sensualidade do artista, pairando as fôrmas: contornando com pressão demorada as saliencias, espalmando-se com energia preguiçosa nas recurências voluptuarias, onde sonham, luminosas, as sombras.

Todos os volumes unam no espaço. Os reflexos multiplicam a vida do ambiente.

Desse ponto, o *Reposo do Modelo*, o menos original dos seus quadros, é lição typica.

Almeida Junior foi uma natureza rica de qualidades animaes, como Courbet, como Franz Hals, como Manet, e que a civilização, o "europeismo", não conseguiu adulterar.

Foi e voltou do estrangeiro com os mesmos predomínios de seu temperamento: um homem que olha com avidez a natureza e a transcreve com intensidade synthetica, nella se integrando.

Quando se lhe fizer a justiça, que tarda, ver-se-ha como elle marca ponto central da pintura brasileira, sendo, ao mesmo tempo, o primeiro artista que determina, pela sua factura e pelo seu sentimento, a formação organica de uma arte nacional.

Escolhendo-o para seu euvidado pessoal á Europa, Pedro II, mais uma vez, deu testemunhos de sua clarividencia.

* * *

Bem sei que taes conceitos aberram da classificação geral que se faz no Brasil, do grupo dos seus maiores pintores. Pe-

dro Americo e Victor Meirelles tomaram os primeiros lugares.

E' uma injustiça que não pôde escapar aos verdadeiros conhecedores da arte.

Antes de um e de outro a historia ha de assignalar um lugar de destaque para Almeida Junior.

Em nada semelhante transposição reduz o renome daquelles dois pintores. Se a occasião fosse opportuna, não seria difficil demonstrar a necessidade e as razões que me impellem a fazer a referida rectificação.

O simples confronto das obras com o espirito critico necessario — e não esquecendo a época em que elles viveram e as influencias, então, dominantes — seria sufficiente para a eloquencia da demonstração.

Infelizmente, no Brasil, a critica de arte, liberta de preconceitos e dotada de capacidade pessoal, ainda não existe. Tanto no espirito publico, como na sensibilidade dos proprios noticiarios que se occupam de bellas artes.

Quando ella se formar, com o lento succeder dos seculos, ver-se-ha como a figura de Almeida Junior cada vez mais avulta, se se inscreve no diagramma dos pintores que, representando a nacionalidade, são heroes maiores da Patria.

O Brasil está no periodo theocratico-militar... Quando chegar ao esthetico, de certo, o creador dos *Caipiras negociando* encontrará a justiça e admiração que lhe são devidas.

O PAIZ faz hoje a primeira tentativa de reabilitação.

Do pouco que se tem escripto sobre Almeida Junior, só encontro, nas palavras do Dr. Brasílio Machado, os symptomas daquelle phenomeno:

"Não alludo ao apuro que põe no seu desenho; ao cuidado com que prima em decompor o seu colorido; ao equilibrio em que dispõe os seus grupos; á precisão com que surprehende uma physionomia; á felicidade com que copia as fórmãs; á arte na escolha de uma paisagem; á tenacidade em que gradua e illumina o conjunto. Os seus estudos de physionomia são incomparaveis em cada uma das velas animadas pela presença do homem, do nosso caboclo, que se contenta com a natureza que o cerca contra as tentações da civilização que o provoca".

Seria tambem necessario referir ás varias expressões de Gonzaga Duque, na *Arte Brasileira*.

* * *

Almeida Junior foi, no sentido proprio e singelo da expressão — um artista. Longe de toda convenção literaria, elle via o conflicto do sentimento com a natureza.

E, procurando, no mysterio obscuro das coisas e dos seres, as correspondencias de harmonia que expressam o caracter e patenteam o ideal, traduzia a sua realidade.

Dentro da propria imaginação encontrava a medida da vida. Amando-a com intensidade, na largueza magnifica do instincto, elle morreu por ella, deixando alguns fragmentos de sua historia moral, paginas esparsas de sua soffreguidão, que ficaram com os nomes simples de *Reposo do modelo*, *Caipiras*, *Partida da Mção*, *Derrubador brasileiro*...

Flexa Ribeiro

("O Paiz", Rio).

O POETA E O MAR

Vicente de Carvalho, para quem a vida fôra sempre a acção, o movimento, a ansiedade de crear, parecia ter tirado do seu contacto com as praias grandes e proveitosas lições. Vê-se mesmo, através dos versos maravilhosos com que opulentou a nossa dessorada poetica, reabilitando-a a um largo sopra tonificante de mar convulso, quanto elle hauria de util nesse apaixonado convívio para revigorar os ele-

mentos subjectivos — caracter, enthusiasmo, honradez — impulsionadores do seu instincto pragmatico e da sua extraordinaria vitalidade moral. Assim é que nelle, por ultimo, tão notavel era a capacidade de idealizar como a de realizar. E' neste ponto que a individualidade do poeta de "Poemas e Canções" nos apparece avultando no meio patricio de um prestigio verdadeiramente inultra-passavel.

E' por demais sabida a índole contemplativa da nossa gente praiana, a nativa propensão para a vida sedentária que a torna incompatível com as profissões que demandam movimento.

Aquellas características prodigiosas de tenacidade, prudência e constância, que fazem dos bretões uma raça de titãs, raramente se encontram em nosso homem litorâneo desalentado, fatalista, improdutivo. Explica-se. O meio physico, aqui, não é o mesmo da Bretanha, nem a nossa raça pode affirmar-se por um saldo de ancestralidade que a refine e conforme com esse meio. Mal caldeada, inculta e rudimentar, perdida na immensurável faixa litorânea, essa como sub-raça ainda não ponde ser alcançada pelos beneficios de uma civilização incipiente, inçada de vícios e idiosyncrasias, que estamos afficçãoando nas grandes cidades à margem do Atlantico.

Dest'arte, a natureza tropical, magestosa e abstraynte, continúa sendo a maior inimiga do homem; a maior porque a mais insidiosa.

Esse mesmo mar tumultuario, cujo rythmo embalarer resôa nas estrophes admiraveis de "Poemas e Canções", apenas do ponto de vista esthetico, à distancia nos pode interessar, arrachatar em extensas dyonisiacos, conciliando-nos momentaneamente com tanta grandiosidade acachunhada. Identificarmo-nos com a sua belleza é um perigo, porque, como as mulheres formosas, o mar tem um grande poder de seducção e depressão sobre o caracter das individualidades mal formadas. As energias adolescentes, os temperamentos calidos, acabam dissolvidos, annullados na contemplação dessas perspectivas de sonho, aturidos e finalmente embriagados de indolencia ao resoar confuso, à melopéa monotona das vagas que se quebram de encontro às costas alenitiladas. E' preciso fugir a essa nefasta suggestão como as allucinante fascínio de uns braços entorpecedores de cortezã. Mesmo como restaurador de organismos combalidos, o mar deve ser usado por períodos, por estagões.

Vicente de Carvalho, natureza timbrada por uma capacidade de reacção fóra do commum, conseguiu a perfeita symbiose moral com o oceano, donde haver resultado o espectáculo maravilhoso: os cambiantes e os tumultos da nossa impressionadora natureza litorânea espelhando-se, refrangendo e rechoando na sua psyche poderosa.

Os seus versos adormecem em nosso subconsciente, mas bastará o contacto com a uria marítima, a hora religiosa do entardecer, para sentimentos surdindo à tona da memoria, e affluindo aos labios pelo milagre da suggestão, fragmento a fragmento, verso a verso, estrophes inteiras.

E' que, melhor do que nenhum outro artista, Vicente de Carvalho nos deu a relação integral dos movimentos e das mutações de colorido do "velho mar", através da contextura miraculosa dos seus alexandrinos, conformando a nossa vida interior com a belleza do meio cosmico que, a um tempo, nos attrae e apavora. Lê-lo, é possuir instantaneamente a chave de Salomão do mysterio, a palavra enigmatica dos magos egypcios, que nos põe em secreto entendimento com os elementos da natureza inanimada.

Milagre deslumbrador da poesia, prodigio celestial do verbo, projecção deslumbradora do anthropomorphismo, tudo que de imponderavel e perturbador lateja e estua nessas estrophes virgínicas e eternas foi filtrado por um coração possuido do sentimento victorioso da vida, em suas manifestações supremas de acção e belleza.

Vicente de Carvalho foi um precursor. Foi um dos poucos espiritos que lograram romper o vên de subjectividade doctria que ainda nos impede a posse completa do meio physico e nos leva ao exilio, cada vez mais voluntario, pelas cidades tentaculares que estamos creando como refugios preservadores contra a agrestia invencível da esmagadora natureza americana. Deante da sua Musa, não é inopportuno retomar o thema, raramente debatido, do drama secular resultante da luta entre o homem e a terra em nossa portentosa massa continental.

Escolhendo Euclides da Cunha para prefaciador de "Poemas e Canções", Vicente de Carvalho, em abono do nosso aserto não teria agido com aquelle seu atilado senso das coisas positivas que nelle nunca desacompanhou o poeta? Quem melhor, sem effeito, do que o argucioso historiador da campanha de Canudos, para explicar paginas de poesia onde a visão da natureza brasileira se patenteia como nos realises nitidos de um estereoscópio? Quem mais clarividente do que o fixador genial da complicada e barbara psyche do homem dos sertões poderia traçar o portico de uma obra onde a epopéa radiosa das monções

e a sombria tragedia do captiveiro, tão harmoniosamente se tocam dos fulgores allegoricos de uma imaginação abrasada de puro amor pela sua gente e pela sua terra?

Quer nos raptos eloquentes da sua febre pantheistica, quer nos surtos românticos de suas paixões amorosas, Vicente de Carvalho jamais propendeu para os devaneios especulativos. Rara fala do céu e quando o faz é para motar-lhe a luz esparcida sobre a terra como uma dadiça glorificadora:

"Raia agora a manhã no céu já todo azul.
Ao longe, a voz de um gallo, insistente e
[exaltada,
Soa como os clarins no toque da alvorada".

Os seus penarios são da terra, as mulheres a quem dedica os accordes mais commovidos da sua lyra palpitam de uma vida cheia de sedução humana. Mesmo em "Rosa, rosa de amor", do primeiro ao ultimo verso, arroubo a arroubo, isto a este, seja nos desfalecimentos do amante, nas incertezas da bem-amada, seja nos instantes transfiguradores do affecto partilhado — porque esse poema é o registo preciso de um episodio amoroso em todas as minucias tocantes do seu cyclo sentimental — sentireis o aroma dos murtas:

... "cujas flores a leve
Aragem desgrinalda em turbilhões de
[neve".

a eclosão na natureza exuberante que emoldura o idyllio arrebatador, do mesmo modo que ouvireis, ao longe, na praia, o escahoar das ondas frequentes.

Ab! por certo que o senso aturado da realidade em Vicente de Carvalho, havia de guial-o — fio de Ariadne providencial — através das preocupações golpeantes da vida pratica, para que mais tarde elle avultasse aos olhos dos seus patriotas como

uma das mais complexas individualidades do seu tempo e da sua raça.

Volvendo ao ponto inicial deste ligeiro estudo, convenhamos em que o mar contribuiu vantajosamente para a formação e complementação desse espirito, que poudo triumphar da sua envolvente acção depressora, harrindo ali o optimismo revigorante e a alegria pantheistica necessarios ás organisações realizadoras.

Toda a sua poesia, impressiva e batida de luz, pictorica em seus effectos quase visuaes, desenhando-nos as largas perspectivas maritimas com um irresistivel poder de suggestão rythmica, indica em Vicente de Carvalho um possuidor do esplenor immanente das formas, sem ser um naturalista na corrompida accepção do vocabulo, dado que a natureza para elle, graças ao seu bem equilibrado instincto pragmatico, valia pelo contingente de força e de ebricidade divina que directamente pode transmitir ao homem. Daqui a salutar expressão nacionalista da sua obra, se a tomarmos como um ponto de união entre o homem e a terra.

Se o povo da Bretanha, dessa mesma Bretanha em cujas praias sombrias o infelizmente autor de "Dorian Gray" não logrou refrigerio á sua grande tragedia interior, encontra na acção a razão exclusiva de viver, abstrahindo-se, dest'arte, de um céu e de um mar quase que permanentemente borrascosos e máus — Vicente de Carvalho, mais avisado e lacio do que os outros brasileiros, achava incentivo para arrostar as borrascas afrontosas da vida consorcando-se com um mar e um céu quase que inalteravelmente luminosos e bons. A natureza americana, seductora e captoza, ao mesmo tempo que deprimente e hostil, não o venceu; foi vencida pela sua privilegiada, pela sua prodigiosa intelligencia.

S. Goleão Coutinho

("A Tribuna", Santos).

A FALLENCIA DO SERVIÇO MILITAR

A fallencia do serviço militar, tal qual se acha organizado no momento presente, é por demais clara aos olhos dos que se preocupam com as questões de defesa nacional.

Antes de estudar as causas que produziram essa fallencia, pergunto eu: de-

verá o Brasil voltar ao regimen da voluntariado? Parece-me, a mim, que não.

E muitas razões encontro para pensar deste modo. Em nossa propria historia, que me serve muitas vezes para estudos do nosso presente, vou buscar argumento poderoso. Reporto-me, por isso a Dezembro

de 1864. Pequena nação, com um milhão de habitantes, declarou-nos brutalmente guerra. Reunimo-nos, a Argentina, o Uruguay e nós, para vencê-la. E a guerra durou cinco annos! E sabem por que? Simplesmente porque a pequena e heroica nação paraguaya, sob a direcção feroz de Solano Lopez, enfrentou, com o serviço militar e obrigatorio, os exercitos de voluntarios da Argentina, do Brasil e Uruguay.

Varias vezes, depois de Tuyuty, Humaytá, e principalmente após o aniquilamento de Lomas-Valentinas, o exercito paraguayo quasi desapareceu. E elle renascia porque era a propria nação, com todos os seus recursos, com todos os seus homens, que se defendia. Se Caxias, quando começou o sitio de Humaytá, dispuzesse de 20.000 homens mais, a guerra teria avallado dous annos antes, em 1865. Mas onde buscá-la, se as fileiras rarefeitas só se preenchiam com o patriotismo e a abnegação?

Não é que essas qualidades nos faltassem: disso demos sobrejas provas. Mas, em taes occasiões, esperam uns pelos outros — "preparemo-nos e vão", é a formula mais generalizada.

A guerra mundial deu-nos exemplo de que o voluntariado não defende nações. A Inglaterra e os Estados Unidos tiveram que applicar o serviço militar e obrigatorio, com todo o rigor, para obterem os effectivos para a conquista da victoria, depois de tentativas infructiferas com o voluntariado.

E a situação dos Estados Unidos e da Inglaterra não é a mesma do Brasil. Enquanto essas duas nações, ricas, poderosas, cultas, dispoem de poder industrial incalculavel e de vias de communicações numerosissimas, são protegidas pelas maiores esquadras do mundo, e não tinham nem têm fronteiras terrestres com paizes de grande poder militar, o Brasil, immenso, despojado, com pequena esquadra, sem vias de communicação, possui alongadas fronteiras com paizes com mais de vinte annos de serviço militar e obrigatorio, com mobilização preparada, etc. Por tudo isso é que eu penso, e com justos e convincentes fundamentos, que precisamos do serviço militar e obrigatorio para a segurança do Brasil.

Se o serviço militar funcionasse com toda a regularidade, mesmo se levarmos em conta as nossas peculiaridades, as nossas reservas, isto é o numero de homens validos capazes de empunhar armas para a defesa da Patria, orçariam por quatro milhões. A classe annual, por sua vez, dada a cifra da população brasileira, devia sommar quatrocentos mil moços de 21 annos, entre os quaes, excluidos os isentos legalmente, se realizaria o sorteo, para que a sorte designasse uns 30.000 para preenchimento do effectivo orçamentario.

Pois bem: nem as nossas reservas contam com a metade daquella cifra, nem a nossa classe annual preenche os effectivos orçamentarios! Querem maior prova da fallencia do mecanismo e da organização do serviço militar?

Como affirmei acima, a classe annual, sujeita a sorteo, devia orçar por quatrocentos mil moços, dos quaes a sorte indicaria menos da decima parte para effectuar, nas fileiras do Exercito, o serviço de um anno. Como é que se explica que o sorteo, realizado ultimamente em algumas regiões, tivesse levado, em suas malhas, metade dos empregados dos Telegraphos e Correios de dous importantes Estados, ameaçando a paralyzação dos serviços?

A razão é simples: as juntas de alistamento, acto inicial de todo o mecanismo do serviço militar e obrigatorio, só alistam numero insignificante de moços de cada classe, e vão procurar, nos registros dos funcionarios publicos, a sua melhor e mais numerosa fonte de recrutamento.

Qual o remedio para o caso? Léo na imprensa: isentar os funcionarios do sorteo. Seria esse remedio erro inqualificavel. Ora, na guerra, os correios e telegraphos têm vastas funcções, são serviços militares da maxima importancia. E como organizá-los, senão com os funcionarios dos Correios e Telegraphos, que, em tempo de paz, fizeram o serviço militar, e conhecem esse complexo organismo que é o Exercito?

O remedio é outro: é tornar o alistamento, base de toda organização armada, coisa verdadeira, em que figurem com a sua identidade, todos os cidadãos sujeitos ao dever militar, porque a lei é igual para todos.

* * *

* * *

Saenz Peña foi, sem dúvida, dos maiores estadistas da América do Sul. Era eu adido militar em Buenos Aires por ocasião de sua morte. Apesar de ter governado pouco tempo, as suas idéas fundamentais foram realizadas: o voto obrigatório, a instrução obrigatória e o serviço militar obrigatório.

Como Saenz Peña conseguiu o voto e o serviço militar obrigatórios? Simplesmente: obrigando todo o cidadão, com o dever de votar ou de servir à Patria, a alistar-se. A lei que determinava essa obrigação rezava, (cito de memória), mais ou menos o seguinte: todo o cidadão, a partir dos 18 annos, é obrigado a alistar-se e possuir uma caderneta de alistamento com a sua photographia e impressão digital. Ora, a mesma lei tornou essa caderneta uma especie de passaporte para as relações do cidadão com o Estado. O cidadão que não a

possue na Argentina, é um infractor, que o Estado não reconhece.

E', pois, de summo interesse para o cidadão, alistar-se.

Os resultados de tão sábia medida não se fizeram esperar: o alistamento de todas as classes sujeitas ao dever militar elevou na reserva do Exército de adolescentes mil a um milhão e cem mil homens; o partido radical, que desde 1905 vivia no ostracismo, conseguiu vencer a eleição para a presidencia da Republica com a figura do Sr. Irigoyen. A meu ver, por consequente, só ha um meio de salvarmos a instituição do serviço militar, indispensavel á segurança nacional; uma lei semelhante á concebida pelo espirito possante de Saenz Peña, impondo o alistamento obrigatorio.

Genesio de Vasconcellos

("Jornal do Brasil", Rio).

PHILOSOPHIA DO DIREITO

(Conto)

Naquelle tempo, andávamos ainda nos buços recém-apontados eu e o Luiz, meu amigo, e eramos naturalmente poetas.

As poesias, é verdade, materialmente só as fazia eu, que o meu amigo jámais conseguira medir dois versos razoaveis. Deve ter os dedos virgens, até hoje, se é que neste particular não mudou tambem.

Mas espiritualmente, no modo de encarar as coisas, com um sentimentalismo entre romanesco e mystico, era elle de nós dois o poeta de verdade. Multissimo mais do que eu, que entretanto, não podia ver ou ouvir falar no despontar da mais corriqueira autica, ou coisa semelhante, sem já arregimentar no minimo quatorze alexandrinos, que um perverso jornal da terra publicava, com diabolica offreguidão.

De tudo isso, contudo, só vem realmente ao caso a feição sentimental do meu amigo. E o caso foi que, certa tarde, indo eu como de costume, procurá-lo, para o peripathetico gozo consuetudinario, não estava em casa. Estava na de uma prima sua, que após alguns annos de ausencia voltara á cidade. E voltara casada. E era, bonita, e o marido, corcunda.

Corcunda, corcunda, que se diga, talvez não fosse; porém, qual é o marido de mulher bonita, que, para os primos dellas, se pode livrar completamente de alguns centímetros, pelos menos, de corcova?

Mas, justamente, voltando de procurar em vão o Luiz, em casa, ia eu por uma rua, quando o vejo diante de uma porta, de chapéu na mão, no gesto de quem de alguém se despediu. Avançando mais, vi dentro da porta uma linda mulher, que até alli o acompanhara, de certo, finda a sua visita.

Creio que lhe notei certa animação nos admanes e nos sorrisos, pois mal me elle alcançou na esquina, obtemperou-me uma piscadella maliciosa, e que de mim para mim devia attestar-lhe todo o meu precioso cynismo:

— A conquistar a priminha hein, seu matreco!...

Deuses immortaes! Diana castissima!! Para que proferita eu semelhante alvissia?!

Eu melindrara, evidentemente os mais puros sentimentos de meu amigo. E mais dolorosa me foi a confusão, porque em vez de se agastar vulgarmente, e desacom-

por-me, o Luiz apenas me exhibiu uma profunda commiserção:

— Conquistar!!!... Você não me devia dizer isso... Pois não poderei então visitar uma prima, que foi minha companheira de infancia, sem que você seja o primeiro a me attribuir uma torpeza?! Uma simples visita, uma conversa, que diabol! Notou alguma demasia na minha attitude?... Mas eu tenho direito a certa intimidade, sem nenhuma ruim intenção: somos como irmãos! Fomos criados juntos! Confesse que voce foi leviano...

E eu confessei, vexadíssimo.

* * *

Nesse tempo, devidamente raspados os bigodes adultos, eramos uns perfeitos desabuzados.

Os desabuzos, é verdade, mais os realçava elle, conquistador emerito, galante, e audaz, que eu de mim, só platenicamente é que tripudiava, na moral alheia. Tripudiava valentemente, ferozmente, é certo, mas só de cabeça. Na pratica, uma lastima, mas que theoria! A mesma Diana, castissima, de entr'ora, se eu a toposse, sem os seus cães importunos...

Mas tudo isso pouco importa. O importante é que, por esse tempo, corridos annos e annos sobre aquelle tempo, estavamos uma tarde, o Luiz e eu, a fumar, muitos cigarros e muitas philosophias sob uma das arvores do jardim, dando um rigoroso balanço ao passado, rindo dos antigos sentimentos, espantando-nos de vetustos ideaes, relembando anedotas e passagens...

Nisto axomou de entre as arvores um vulto de mulher bonita. Vinha com outras, bonitas tambem, mas não tanto:

— Oh! disse o meu amigo, erguendo-se lepidamente para a ir cumprimentar, já agora não perco esta occasião...

E lá se foi mesmo, e lá se ficou bom trecho, num delicioso colloquio com a linda criatura, pontuada a prosa de sorrisos, de interrogações, de risadas promettedoras.

As companheiras se haviam insensivelmente afastado, a ver os peixinhos vermelhos da vasca. Deviam ser vermelhos os peixes: ou, se não, de qualquer outra cambiante, que todas cabem na mesma providencial ichtyologia.

E elles dois, lá ficaram sob as arvores, falando e rindo auspiciosamente, enquanto o permittiram a placidez da vasca e o interessante tabejar dos rubros lambarys.

De volta para a minha expectativa curiosa e pachorrenta, quando ella já se rumira além das moitas, perguntou-me, sorridente á minha cara interrogativa:

— Não a conheceu? A minha prima...

— Que prima!...

— Ora, aquella, a que cresceu commigo...

— Ah! A mulher do corcundinha?

— Que corcundinha...! O Leocádio é até um rapaz muito elegante...!

— Sim... Mas... então é ella!...

— Justamente: a minha amiga de infancia. Vem residir aqui, de novo... E dizem por ali certas coisas... Se assim é, toca-me a mim uma parte, não acha você? Que diabol! fomos criados juntos: tenho direito... Confesse que o tenho, meu caro...

Evidentemente o meu amigo evolvera bastante em muitas e variadas partes de sua pessoa, mas ainda era o mesmo confessor inexoravel.

E eu confessei, satisfeito.

Léo Vaz

(Diário da Noite, S. Paulo)

O PRIMEIRO DOS LUSIADAS

Vasco da Gama é o primeiro dos Lusíadas, por Camões celebrados. O quarto centenario de sua morte evoca a nossa admiração, na galeria immortal dos heróis do grande poema.

Não será fóra de proposito acompanhá-lo nalguns de seus gestos, situações e peripécias, quadros vivos de energia e resis-

teucia, de fé e intrepidez, em que elle se destaca homérico, dominando a epopéa.

A figura de Vasco da Gama é central; é o herói do poema, em torno do qual se move a legião sagrada de outros vultos que fizeram a patria, que elle devia coroar, no maior certamen das nações medievaeas, afrontando as iras do Mar Te-



nebroso e surpreendendo a Índia, no seu mysterio.

Os dois sagrados rios, personificados em dois velhos venerandos, tinham-se apresentado a el-rei, em sonhos.

*"Eu sou o illustre Ganges, que na terra Celeste tenho o berço verdadeiro;
Ei' outro he o Indo, Rei que nesta terra,
Que vês, seu nascimento tem primeiro,
Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
Mas, insalvado tu, por derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês, pôde o freio."*

Não se agoura facil a empresa; por isso D. Manoel escolheu o homem que fozse capaz de a desempenhar com lustre e gallardia. Chamou Vasco da Gama, e assim lhe falou:

*"As cousas arduas e lustradas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende."*

Ea vos tenha entre todos escolhido
Para hão empresa, qual a nós se deve,
Trabalho illustre, duro e eslavado,
O que en sei que por mi vos será leve."
Não seffri mais, mas logo: "O Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida vossa tão pequena."

El-lo no porto da liclita Ulysses, dispondo a gente, apparellhando as nãos, velando por tudo, com a providencia de um Ulysses, e a indomavel coragem de um Achilles. Como os herões de Homero, Vasco da Gama teme a divindade e procura torná-la propicia ao grande empreendimento; e assim, na capella do Restello, se confessou e commingou, juntamente com os de sua companhia, retemperando, com as praticas da fé em Deus, a fé nos destinos da sua frota. Como os herões de Homero, o herão portuguez é humano, e confessa com simplicidade:

*Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Chelo dentro da duvida e receio,
Que a penas nos meus olhos ponho freio."*

Esta qualidade de humanos é o primeiro obstaculo á empresa dos navegantes. Tornava-se-lhes mais facil domar as ondas, do que abafar os sentimentos de amor e de ternura que os prendiam a pessoas queridas. Uma das mais bellas scenas da Odyssée é aquella em que o herão se deixa reconhecer dos seus, na volta a Itacha, pelos sentimentos de familia que ahi se desenrolam. Ulysses toma o filho nos braços: "Eu sou teu pae, por quem tu suspiras e por quem supportaste muitas dores e ultrages dos homens." Aperta-o ao coração: "as lagrimas caíram-lhe das faces, porque as retivera até ali." Scenas cruciantes de despedida se deram na praia de Belém, que o poeta descreve com sensível ternura:

*"Qual vós dizendo: O' fúio a quem eu tinha
Sô pera refrigerio e doce amparo
Desta cantada já velhice minha,
Que em choro scabard' penoso e amaro,
Porque me deixas misera e mequinhã?
Porque de mi te vês, ó filho caro,
A fazer o funereo enterramento
Onde stjas de preiza mantimental?"*

Qual em cabella: "O' doce e amado esposo,
Sem quem não quis amor que viver possa,
Por que hás aventurar ao mar irroa
Esta vida que he minha e não he vossa?
Como por hum caminho durissimo
Vos esquece a affeição, tão doce, nozã?
Nazzo amor, nozã vós contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?"

Ouvindo estas e outras palavras, "de piedosa humanidade", dictas por esposas, velhas e crianças, que faziam os rudes marinheiros?

*"Nós antroz, sem a vista alevantarmos
Nem a mã nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos ou mudarmos
Do proposito firme começado,
Determinai de asti nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor uzança boa
A quem se aparta ou fica mais magão."*

Rebentou-lhes na alma a primeira tempestade, e foi talvez mais forte que as outras todas.

Era uma tempestade de lagrimas, caídas umas, em silencio consternado, nivasdas outras no rythmo barbaro da tragedia.

E os homens rudes, que deviam olhar de frente as carrancas do Adamastor, sentiram-se fracos, diante das lágrimas de noivas, de mães, de esposas; sentiram na alma toda a ternura do peito lusitano, e não ousaram sequer levantar os olhos para aquelle espectáculo de dor, com receio de mudarem seu proposito.

E' este, sem duvida, um dos mais bellos quadros, e o mais humano, talvez, da epopéa de Camões.

O terror do desconhecido, da tragedia oceanica, que enchea o Atlantico de monstros e de trevas, luzia nos olhos desvairados de toda aquella gente, com um fulgor sinistro, capaz de pôr calafrios nas varões mais animosos.

E no meio daquelles gritos, onde pairava a grande voz do instincto, outra voz surgiu, calma e pesada, como a sentença de um juiz. Era a voz da experiencia, que se confundia com a voz da razão; era a voz de um velho que falava de gloria vã, de cobiça, "desta vaidade a que chamamos fama". E falava dessa fama enganadora, com presagio funesto?

*"A que navos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinás,
Debaixo de algum nome preminente?
Que promettas de reinos e de minas
De ouro, que lhe forás tão facilmente?
Que fomas lhe prometterás, que historias,
Que triumphos, que palmas, que victorias?"*

A eloquencia do velho é grande e suggestiva.

Argumenta com razões de Estado, aponta o inimigo ás portas de Africa, o inimigo tradicional do christianismo, o mou-

ro torpe, e o mais vizinho imperio que a sua derrota poderia trazer-nos. As razões, enfim, que levaram, mais tarde, el-rei D. Sebastião á mallograda empresa de Alkacerkibir, depois de terem voltado para o Brasil os olhos de D. João III.

E amaldiçoa o primeiro que lançou no mar um tronco e abriu no vento uma vela; amaldiçoa a navegação, evocando a bella ode de Horácio, contra o navio que levou a Athenas Virgílio, para lá morrer.

*"O' maldicto o primeiro que no mundo
Nas ondas vela pôz em seco lenho!
Dino da eterna pena do profundo
Se he justa a justa-lei que sigo e tenho!
Nunca juizo algum alto e profundo
Nem cithara sonora ou rito engenho
Te dê por isso fama nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome e gloria."*

Quando os olhos se furtaram a ver as lágrimas, escutaram os ouvidos essas maldições

"que nós no mar ouvimos claramente."

Mas nem o sentimento nem a razão pratica demovem, ou entibiam, a vontade do capitão magnanimo. E as tres náos abriram.

*"As asas ao aereo e sussegado
Vento e do porto amado nos partimos
E como he já no mar costume usado,
A vela desfaldando, o céu ferimos
Dizendo "Boa viagem."*

E navegaram para o Desconhecido,

J. M. Gomes Ribeiro

("O Paiz", Rio).

A REACÇÃO ESPIRITUALISTA E O REPUDIO DO SCEPTICISMO

A angustia suprema dos quatro annos de guerra mundial deixou no espirito dos que nella tomaram parte e naquelles que a ella assistiram, soffrendo-lhe no depois todas as dolorosas consequencias, uma confusa sensação de chãos, de anniquillamento e de fadiga.

A tormenta desecoudeara-se e durara mais do que fóra logico supôr e esgotando em todos os seres sensiveis a capa-

cidade normal para supportar o humano soffrimento.

Atrás do esgotamento viera a atonia, um mal-estar, que era quasi insensibilidade physica e moral, passividade quasi morbi-da para reagir contra as seducções e contra as tentações.

Era o torpôr. Surgira elle da certeza adquirida nas campos de batalha, e ao contacto diário com a morte, com o pavor,



com a insomnia, com as torturas da sede e da fome, com todas as fúrias emfim do sofrimento levada a um maximo de retezamento das fibras nervosas que a ninguém fôra dado conceber.

Quem sahia extraordinariamente diminuida desse longo e interminavel duello foi a vida.

A geração que fez a guerra, da volta dos campos de peleja, veio intima e visceralmente convicta de que a vida não vale nada. E' uma coisa profundamente desprezível, em que só ha misérias e indignidades, em que só ha fraquezas e defeições, coisa tão eminentemente covarde que é capaz de envilecer, numa hora, o heroe de combates sangrentos, a ponto de fazer delle, inexplicavelmente, se o assaltar uma subita variação nas centras de associação das idéas e das imagens, o mais vil dos pusillanimes, vida emfim tão mesquinha, tão abjecta, tão pequenina que não vale a pena levá-la a sério nem dar-lhe o alto preço em que a haviam cotado.

Foi tão profunda essa mudança de criterio, essa transmutação de valores em nossos tempos, que só por ella se explica o proprio fim da guerra: ella desmantellou a prosapia dos herdeiros de Pedro, o Grande, ella absteu o orgulho da terra da sabedoria, com as duas revoluções máximas, de 1917, na Russia, e de 1918, na Alemanha, pondo esses dois povos em condições de não poderem resistir mais um minuto.

Dahi para cá, o novo credo galvanizou brutalmente todos os mais civilizados povos da Europa, convulsionando-lhes a vida em seus mais intimos recessos, desde as fórmulas de governo aos molles do vestuario. Só elle explicaria os pronunciamentos e revoluções e motins em que tem vivido, permanentemente, o mundo, nestes ultimos cinco annos. Só elle daria fama a Lenine e a Rosa de Luxemburgo, renome a Kemal Pachá e a Zaghluhi Pachá, gloria a Mussolini e a Primo de Rivera. Só elle justificaria essas rapidas, imprevistas e cinematographicas reviravoltas governamentais nos paizes de maior tradição do universo, porque só de povos na phase de uma violentissima depressão mental, como de cerebros tetanizados, se poderiam esperar esses saltos de verdadeira acrobacia politica na Gran-Bretanha, Alemanha, França, Italia...

Onde o criterio novo mais fundamentalmente agiu foi na organização social. A mural tornou-se elastica e hesitante. Veiu a soffrer de uma asthenia incurável que autorizou o advento do "jazz-band" nas festas domesticas e que garantiu a victoria do typo feminino de "la garçonne" como base da organização da familia. Foi o triumpho da "liberdade de espirito" a que a obliteração do senso critico forçava a synonimia com a licença. O que os paes, para justificar essa absoluta renuncia de seus direitos de patrio poder, chamam de liberdade contra os preconceitos e contra as restricções da mural antiga, é apenas a falta de coragem para resistir à attracção de uma sedução maior: a sedução maior da inutilidade da vida e, portanto, da necessidade do gozo da hora presente. O desprezo da vida fez a loucura do prazer.

Disse alguém que a vida envilece o individuo. Para quem viveu intensamente, empolgantemente, vertiginosamente estes ultimos dez annos, sacudidos por milhares de sensações cusadas e audazes, a vida não podia ter deixado de agir como um toxico terrível nos seus effeitos e nas suas consequências.

Ella devia ter deixado em seu espirito uma série de estigmas e de taras que o inferiorisariam diante do passado...

O mal desta geração cifrar-se-ia assim em ter vivido demais.

A REACÇÃO ESPIRITUAL

A reacção era inevitavel. Raboça-se ella, já antes da peleja ter inicio, diante do scepticismo epidemico que contagiara as gerações anteriores á nossa e lhe invadiu a medulla dos ossos e que tinha em Anatole France a sua mais velha, a sua mais representativa, a sua mais vibrante expressão.

Bem analysada, a guerra só pudera deflagrar num meio a ella propicio, minado na sua fé, completamente indifferente ás consequências de sua realiação, no desejo febril de todos os dirigentes do mundo em ver "algo novo".

A corrente helica era já muitissimo forte para que não houvesse suscitado o apparecimento da opposição, em contra-correntes pacifistas.

Mas foi só depois do vendaval da insania, quando o almejado "algo novo"

se impusera nas suas más dolorosas consequências, como de innominável levianidade, que pôde afirmar-se a obra do bom senso.

O bom senso seria a reacção espiritualista.

O desprezo da vida que caracteriza o século já marcara de seu cunho profundo outras éras remotas. De concepção parecida nas suas premissas, mas contraria nas conclusões, brotara uma das maiores obras do engenho latino: a "Divina Comédia" de Dante Alighieri.

Porque não regressariamos aos bons tempos em que o ideal estava posto no céu?

E um grupo de homens de aristocrática mental, mas de tendências affectivas exaggeradas, ensinou a reversão.

E reatando o fio, interrompido pela guerra, que ligava Emerson a Novalis, tentou impo-lo como o novo fio de Ariadne da felicidade terrena.

O mal do século era o scepticismo. O mal era Anatole France, ironizando as melhores conquistas humanas. O mal era essa doce e láciva desillusão interior que avassalava todos os espiritos. O mal era Nietzsche pregando que a chave da sabedoria dos philosophos estava no scepticismo. E atrás desse espantalho ficavam o positivismo, o materialismo, o relativismo... O mal enfim era a duvida.

Por consequência, o bem era, havia de ser, não podia deixar de ser a Fé.

Poderíamos haver concluido que o mal era a demasiada velhice da especie, cansada de procurar tal felicidade em cada uma das crenças e theorias que lhe haviam proposto, nestes quatro mil annos de vida civilizada.

Seria, contudo, uma affirmacão litteraria, opposta a formulas não menos litterarias que apagavam, momentaneamente pelo menos, a incommensuravel anciedade do homem. E ademais, mesmo que a affirmacão fosse verdade, ha sempre gente que ama reconecer experiencias já tentadas.

O scenario parece-lhe outro, e outros parecem-lhe os homens.

Os representantes da reacção espiritualista, por necessidade organica, queriam errer. Precisavam crer. A sciencia em voga eliminava a faculdade da crença e levava ao scepticismo. E este suprime o perfume da vida. Elles, então honesta-

mente e de boa fé, resolveram supprimir o scepticismo para poder affirmar.

A REACÇÃO ESPIRITUALISTA BRASILEIRA

No Brasil, a corrente do bom senso encontrou immediatamente representantes e se avolumou em poucos annos, costando hoje figuras que são das melhores do meio intellectual do paiz: Tasso da Silveira, Nestor Victor, Jackson de Figueiredo, Almeida Magalhães, Renato Almeida, Perillo Gomes.

Assumiu as feições características da corrente universal, propendo-se combater, antes de tudo, o frivolismo indecente e inconsciente que ameaçou e ainda ameaça banalisar definitivamente o mundo, feição altamente sympathica que encantaria immediatamente a todos aquelles especuladores das coisas do espirito e que ainda sentem volupia na conservação e no aperfeiçoamento da cultura dos seculos.

Por ella, a orientação mental destes tempos adquiriria aquelle ingrediente indispensavel que a grosseira hora de luxuria hodierna eliminara do ambiente: o ideal na seriedade da vida.

Entretanto, essa attitude, que podia e devia ser fecunda, trouxe consigo duas attitudes novas que poucos espiritos accettaram: a preocupação nacionalista, que tingiria de cores vivas e alertas as paredes do edificio da nova escola e o caracter de "religiosidade á outrance", que o grupo brasileiro apresentou.

O cunho berrantemente nacionalista da reacção explica-se, em certo sentido, pelo mallogro dos ensaios da theoria positivista applicada á pratica politica. E' a ampla visão de que essa theoria está desnacionalisando, e, peor ainda, amediantando o Brasil, modelando-lhe feições que as suas directrizes ethicas do passado não autorizam nem fazer nem prevér. O que temos ali é um Brasil vestido por um figurino elegante, distincto, amaneirado, almofadinha, mas de características impessoas e inexpressivas, porque não alicercadas em seu fundo racial.

Abordam, assim, os espiritualistas os mesmos problemas que Oliveira Vianna versou no seu "Idealismo Politico" e trazem uma contribuição de sociologia que

não será para desprezar, desde que se considere o valor mental de suas figuras.

Talvez, esse elemento novo, tentador e sugestivo, importa, para nós habituados à admiração incondicional da cultura do universo, numa restrição de mau gosto. Porque dá ao movimento, como bandeira de combate, de propaganda e talvez mesmo de reclame, a qualidade, o aínete específico que haveria de brotar da sua actuação no meio nacional. Faz de uma qualidade imponderável, implícita na obra, e cartaz mais rebarbativo para a sua implantação no país.

E, num país como o nosso, trabalhado por dezenas de correntes immigratórias, cuja incipiente inadaptação ao "habitat" se reflecte sempre em queixas amargas e inconsequentes contra nós, o cartaz representaria talvez a aliança a correntes políticas mais ou menos estreitamente jacobinas.

A prova está em que a reacção aceita a amizade do grupo de Graça Aranha, cujo papel se desenvolve num sentido mais ou menos político e até "chauvinista", porque anti-lusóphilo.

Não quero se deduza daí que houve falta de sinceridade. Reconheço que a sinceridade é a qualidade mais fortemente vinculada da chamada "reacção espiritualista". Houve apenas um pouquinho de falta de análise. Pois só ella lhe mostraria que o combate ao "frivolismo" é inconjunctível com os avanguardistas de Graça Aranha, que cantam uma porção de coisas novas, as chaminés, as máquinas, os automóveis, os cinemas, os "jazz-bands", a destruição das bibliotecas, o sacrificio das estatuas, o "futuro", enfim, quando a reacção é, antes de mais nada, um refluxo ao passado.

O espirito de religiosidade "à outrance" da reacção é o enaggero do ideal da seriedade da vida. Este alimenta-se exclusivamente de fé, porque só ella pôde ainda salvar esta geração e dar-lhe a certeza do destino do homem. E como os representantes do grupo não podem viver sem uma certeza definitiva na consciencia, uma convicção affectiva mais forte que a propria intelligencia, elles, que já haviam reconhecido ser a duvida impenetravel à razão, foram, de corollario em corollario, até o limite maximo que a coherencia logica permitia: foram até à crença.

São assim catholicos os srz. Jackson de Figueiredo, Almeida Magalhães, Perillo Go-

mes, Renato Almeida, Tasso da Silveira, que é um sympathisante com a igreja, "an-sia, contudo, pela vinda de um novo interprete" do sentimento religioso do homem". E Nestor Victor, incontestavelmente, figura mais completa e mais complexa do grupo, que tem nelle o seu espirito mais livre e talvez, mais que o proprio Farias Brito, o seu cêrte mais autorizado, confessa que sua "tendencia romantica sempre a sentiu eivada de "religionismo", porém jamais sob a disciplina de qualquer crença".

Dentro dessa uniforme attitude, muito mais sentimental que propriamente mental, como elles mesmo reconhecem, mais ainda a razão, uma outra attitude antipoda, que produziu algumas das melhores coisas existentes no mundo, está irremissivelmente condemnada: é o scepticismo.

São categoricas nesse sentido, as afirmações: desde Jackson de Figueiredo, quando mostra "o erro inveniçvel da sociedade brasileira naquello periodo em que com mais força a tudo governa e domina a superstição da tolerancia, a convicção de que a harmonia é possível sem ordem, quer dizer, sem as restricções da disciplina"; através das piadas de Nestor Victor contra tudo que lembre a ascendencia espiritual de Machado de Assis e de Anatole France; até os concretos formos, francamente terminantes de Tasso da Silveira, quando afirma que "o scepticismo é sommo do espirito, é amarga volupia de quem mal pôde entre-abrir as palpebras cerradas ao peso de um narcotico".

E' o repudio completo, absoluto. E nesse repudio ha uma dupla confissão: o da incapacidade de sentir a volupia integral da duvida, sentindo-lhe, ao contrario, todo o amargor; e o da negação da existencia de espiritos diferentes em sua estrutura mental.

Não admira assim num catholico militante como o sr. Jackson de Figueiredo, aquelle absurda preceito para orientação, e necessariamente, para a educação mental da mocidade, que prega a intolerancia. O sr. Jackson julga-se o proprietario da Verdade. E' uma fonte a que todos não só podem mas devem dessedentar-se, afim de que desapareça de vez a "superstição da tolerancia". A duvida, que criou o que ha de melhor na actividade do mundo, a principiar pelo "distingo" dos jesuitas, que é, para Remy de Goumont o ponto de partida do livre exame moderno, não deve appare-

cer no cérebro humano senão para que este se abroquele dentro de sua crença, como dentro de elyros metálicos.

Não admira, tanto mais que eu se creio, piamente, na sinceridade do intellecto que, em desespero de causa, se volta para a crença afim de serenar as próprias anas interiores, tenbo também o direito de não acreditar na sua agudeza. E essa falta de agudeza se revela justamente na completa incompreensão da psyche alheia, como a presopôr que os problemas que torturam determinando cérebro são os mesmos que interessam igualmente a todos os demais.

Surprehe-me, casuado, que uma inconfundível individualidade como Tasso da Silveira se incline à corrente ultra moderna de maliciar o scepticismo.

O ELOGIO DO SCEPTICISMO

Será mesmo um narcotico da alma e da consciencia esse tão desquerido scepticismo?

E' duvidoso. O narcotico ou dá o somno profundo ou dá visões do outro mundo. No primeiro caso, ha o esquecimento integral, no segundo, ha a inutil bracejar.

Ora, no sceptico, a faculdade que está mais aguçada é justamente o poder critico, a alta consciencia, a perspicacia. No scepticismo, a capacidade de sentir a dor está abrandada, emulsificada, em certo sentido, consolada; mas se tira o lancinante da dor, não tira, antes augmenta a sensação e a percepção do espectaculo.

Se fosse absolutamente preciso que se classificasse o scepticismo em terminologia medica elle poderia ser, quando muito um analgesico, nunca um anestesico. Entretanto, nem essa classificação lhe ficaria bem.

E' de todos conhecida a volupia da duvida, que distingue o sceptico. Tal volupia pressupõe conhecimento, cultura, intelligencia vivaz e plastica, e desmesurada agudeza que afina a um limite extremo a percepção das crises interiores.

Esse estado não o consegue quem quer. Ha fatalidades organicas dentro de sua formação. Mas para attingilo só através de um enorme e angustiado soffrimento anterior, quando, na juventude, se realisa a tremenda batalha cerebral que a duvida impõe e propõe. Se é verdade que não é sceptico quem quer, tambem o é, com mais

força, que só o será aquelle que já tenha sido antes um crente.

E o scepticismo se tornaria assim uma auto-vaccina a immunisar as sensibilibidades capazes daquelle justiza de julgamento de quem venceu, disciplinando-a, a anciedade maior.

Porque é apenas essa maior resistencia à dor que distingue qualquer sceptico dos espiritalistas da reaccção. Ambos se alimentam da duvida, ambos têm o tirocinio da experiencia. Prova-se isso, verificando que são todos criticos, pois só o medo de incidir no dogmatismo theosophico e, portanto, no ridiculo das attitudes extremistas, levaria os ultimos à critica de suas proprias affirmações.

No grupo da reaccção, a crença ou a religiosidade é alimentada por uma série de duvidas successivas. E' verdadeira teia de Penelope, que se refaz a cada aurora, e que necessita socorrer-se da dialectica para firmar-se.

Ora, aceitando a duvida, porque, intelligentes, não a podem negar, teriam, fatalmente, que concluir que, para o temperamento religioso fica sempre latente na consciencia o desejo de afirmar. No sceptico, ha, perennemente, o vago e impreciso e fugidio anseio, em tempo reprimido, de negar.

Se duvidar não é "crer", tambem não é "não crer".

Não parece justificavel que se argumente, para aceitar a crença, com a necessidade de uma sancção extra-terrena afim de reter o homem dentro de uma esphera moral conveniente. Bastava ponderar que a vida tem direitos e exigencias que escapam à alçada da dialectica.

E' ademais, o scepticismo, o sereno e olympico scepticismo é uma attitude cheia de belleza e cheia de nobreza. E' o calmo commentador que ensina a transigencia e que ensina a acuidade perceptiva e a sagacidade critica. Sob seu manto se aninham todas as crenças da terra e todas as theorias, que seu pallio é essa entre todas unica e sagrada das conquistas do espirito: a tolerancia, a marca de fogo da superintelligencia intellectual, a faculdade mestra de todos os cérebros bem conformados, que se não pagam de manipulos e de fetiches, sejam elles religiosos, scientificos ou literarios.

Sceptico é Nietzsche quando affirma que todo philompho tem de ser sceptico

e que suas afirmações só valem pelo momento em que são expressas, como pontes e degraus de sua dúvida permanente.

Sceptico é Ingenieros quando, para fazer de sua "metaphysica da experiencia", lança aquelle luminoso conceito que irradiava de uma luz unica as paginas admiraveis de sua "Psychologia": "Todo ideal é uma hypothese. Como ella vive e como ella serve".

Sceptico era, havia de ser o catholicissimo Renato Almeida, pelo menos quando escreveu estas palavras serenas: "Belleza, sabedoria, bondade, ou o conjunto de tudo quanto suspeitamos ser a perfeição, o que caracterisa esse "além" é ser inatingivel e o que caracterisa nossa miseria é essa certeza, talvez a unica restante sobre a terra".

Desaas palavras o scepticismo pôde fazer o seu lema, pois, se dellas, para uns, resulta a necessidade de voltar á Fé, para outros ellas apenas mostram o grande chao do universo e a maior ainda inutilidade da vida.

Porque, pois, repudiar o scepticismo?

O HORROR DA CONTRADIÇÃO

No fundo de toda esta questão o que subsiste é um nucleo de homens de constituição mental affectiva que não pôde, pela intelligencia, dominar as proprias tendencias. A crença atrahiu-os e exerceu sobre elles o seu irresistivel encanto.

E depois de, pelo soffrimento, haverem negado o valor da razão, essa mesma intelligencia retomou a primazia e elles vieram, pela analyse, discutir a propria fé. Mostraram assim, translucidamente, a estrutura fundamental de seus espiritos, que é o "horror da contradição".

Altas mentalidades de um feito profundamente diverso, não sentiram, e quizeram contrariar, aquelle irreverente e desanforado conceito de Remy de Gourmont: "Philosophicamente, eu considero a contradição como necessaria ao equilibrio intellectual e passional. Sem ella cahiríamos na mania e da mania na convicção, que é uma forma de inferioridade".

Sid. Menucci.

("O Estado de S. Paulo")

ECONOMIA NACIONAL

Os assumptos de ordem economica constituem a principal das preoccupações dos povos. Assim como nos individuos o problema capital é o pão, o alimento e o vestuario, assim, na vida das nações, a questão economica é basica e fundamental, premente, preterindo todas as outras, que se tornam accessorias e de segunda ordem.

Na trama da agitação humana na face do planeta cruzam-se e entrelaçam-se os phenomenos de ordem social, politica, moral, esthetica, religiosa, mas o phenomeno economico prepondera de modo notavel.

Sob o acicate das necessidades economicas, homens e povos se lançam á luta pela existencia, transformando o scenario desta rapida vida humana, de quarenta ou cinquenta annos na média, em um campo de batalha irrequeto de lutas vivazes, incessantes e cruentas.

A proeminencia do phenomeno economico na existencia da humanidade levou Karl Marx a attribuir-lhe a causa unica, a propria razão de ser de todos os aconte-

cimentos politicos da historia. E' o "materialismo historico", fundado por este apostolo do socialismo universal. Por esta corrente de interpretação scientifica, os phenomenos economicos são a "essencia", a substancia dos factos politicos. A politica é a "forma", a economia é o "conteúdo". O homem se torna, conforme a theoria marxista, mero resultado da organização economica.

Em 1859, no prefacio de sua critica da economia politica, Karl Marx definia, a traços de genio, os fundamentos com que se constituem mais tarde o materialismo historico. Os homens entram em relações determinadas na vida social, relações necessarias, independentes de sua vontade, até atingir certo grão de desenvolvimento de suas forças de produção material. O conjunto dessas relações de produção, disse Karl Marx, "constitue a estrutura economica da sociedade, a base real, sobre a qual se eleva uma super-estrutura economica da sociedade, a base respondem formas de consciencia social determinadas". O modo de produção da

vida material governa o processo da vida social, política e intelectual. "Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, a realidade social determina essa consciência". Destas idéias fundamentais partiu Karl Marx para lançar o plano da revolução social baseada na modificação da estrutura econômica da sociedade moderna.

Conforme os princípios do materialismo histórico de Karl Marx, a economia de um país explica a sua história. Na vida do Brasil, por exemplo, teríamos de verificar que todos os grandes acontecimentos históricos foram, na realidade, produto de factores económicos. Não faltariam, talvez, elementos em nossa história para prova da teoria marxista. Poderíamos apresentar o nosso passado colonial como obra exclusiva dos apetites económicos dos exploradores. As riquezas agrícolas e os tesouros do sub-solo alheia para o Brasil as primeiras páginas de seus annaes. A fundação do Império por D. João VI é um acto de defesa vital e económica da Corte Portuguesa. A abolição é um debate em torno de um problema económico, o do braço do trabalhador agrícola: — seus reflexos são essencialmente económicos e explicam a miséria da lavoura da maior parte dos nossos Estados, que se viram impotentes para pagar a lavoura da terra, que era feita pelo escravo em condições extraordinárias de horratamento. A Republica e a Federação foram obra da necessidade de vida económica e financeira livre, por parte das antigas Províncias, que soffriam sob o guante da centralização excessiva do poder imperial. Eis, em traços rápidos, em breve illustração, um ensaio de applicação do materialismo histórico aos factos da evolução do nosso país.

O materialismo histórico exagerou, sem duvida, a importancia dos factores económicos sobre os factos políticos. Não deu aos factores económicos somente uma preponderancia, mas lhes attribuiu a origem principal e unica dos acontecimentos. Adeptos, até certo ponto, da theoria marxista, não vamos, entretanto, tão longe. Ficamos com Seligman, o eminente economista americano, que concebe a theoria de Karl Marx como uma "interpretação económica da historia", pela qual se deve dar aos factores económicos o primeiro lugar, não o unico, na explicação dos factos políticos.

Seligman, estudando em 1902, a these de Karl Marx, reduziu-a em seu ambito, dando-lhe o seguinte enunciado: — não devemos aquietar do direito, das instituições políticas, das ideologias, da arte, da religião ou da philosophia de um determinado povo, sem primeiramente conhecer, em toda a realidade, a sua "vida económica", a divisão historica de suas classes sociais, o desenvolvimento dos seus processos technicos e as condições naturaes da sua produção. Deesse estudo deverá surgir, luminosa, a verdade historica. Fôra esta igualmente a idéa de Benedetto Croce, quando assim definiu o materialismo histórico: — "Levar nossa attenção ao exame da infraestrutura económica da sociedade, afim de melhor conhecer suas configurações e mudanças".

Todas essas theorias servem para prova de preponderancia da economia nacional na historia de cada país. Assim como o homem na vida é levado pela necessidade primordial da alimentação, também as sociedades e os povos são governados pelas suas necessidades económicas no desenvolvimento de sua expansão organica.

O problema da economia brasileira é base de sua vida politica. As mais brilhantes manifestações de nossa cultura, instituições de governo ou de arte, terão valores ephemeros, se não fundarmos em bases solidas a economia nacional, a organização da produção e do trabalho, da circulação e da distribuição das riquezas. País vastissimo, ficará como um gigante desarticulado e primitivo, se as energias dos seus habitantes não lhe derem uma firme estrutura económica, apoiada na qual hão de se irradiar as luzes de nossa grandeza e poderio no concerto dos povos.

Embora sem rigor scientifico, o nosso Alberto Torres, em um lance de talento, nos ultimos annos de sua vida, havia estabelecido a formula do desenvolvimento brasileiro nestes periodos lapidares: — "A Nacionalidade" é a vida de um povo, feita pelo calor e pela energia de um "espírito", sobre a saúde de uma "economia". Nós temos de fundar a "economia" da nossa Patria, fazendo revelar o "espírito" das suas raças, sobre a sua natureza tropical. Para isso, só ha um caminho a seguir: traçar a sua "politica"; e para conceber a sua politica, é mister formar uma "consciencia nacional".

Nuno Pinheiro

("Gazeta de Noticias", Rio)



DEBATES E PESQUISAS

POESIA POPULAR

2. — LITERATURA POPULAR E LITERATURA CULTA

Procurámos deixar bem estabelecida, no capítulo precedente, a existência de duas grandes divisões da poesia e música popular: uma urbana, semi-literária, cultivada; outra, sertaneja, espontânea, não escripta e tradicional. E' esta uma distincção que se impõe desde logo, pois sem ella não se pode ter a justa comprehensão nem de uma, nem de outra das duas elaborações que prosseguem lado a lado.

Pondo agora de parte esse ponto, convém considerar um processo mais largo, que abraça as duas correntes, ligando-as á literatura em geral.

Assim como não ha linha de separação clara entre essa arte inculta e essa arte semi-culta, não ha, igualmente, marcos divisórios entre a literatura propriamente dita e aquilo a que se chama "literatura popular", com pouca propriedade, visto que grande parte da chamada literatura popular não se escreve.

Esta, como é sabido, tem sido em muitos paizes o nascedouro, e pelo menos uma das grandes fontes da poesia escripta e cultivada. Na França, na Italia, na Alemanha em todas as velhas nações, a literatura appareceu e viveu largo tempo como continuadora de uma arte local e popular, fixando-lhe as fórmulas e tendências.

Em Portugal, a poesia dos antigos cancioneiros é toda de fundo popular, nacional e provençal, embora já literalizando.

No Brasil, a poesia do povo (de origem portugueza, com poucos traços de indigenismo e de africanismo, sobretudo no Sul) veio com os primitivos colonos, a par de uma literatura culta já bem distincta daquelle. Assim, as duas grandes esgalhas tem evoluído cada um de seu lado. Porisso, durante muito tempo, dir-se-ia que a literatura brasileira, inteiramente destacada do solo, era uma especie de planta de estufa, inclinizada e inclinimatavel.

Entretanto, aos poucos foi surgindo nos centros povoados, a custa dos residuos dessa literatura e a custa da actividade propria do povo, aquella corrente urbana da para-literatura plebea, a que nos metos referido, e essa corrente restabeleceu de algum modo o contacto entre a elaboração culta e a elaboração popular. Seguiu-se, porém, marcha contraria á das velhas povos, cuja arte literaria, embora reagido por sua vez sobre a do povo, representa contudo historicamente a cultura e afinamento de informes materiais e confusos impulsos da criação anonima; a nossa literatura, dedicada, no nascedouro, da alma popular, vem depois a influir sobre esta, mas sem desta receber nenhuma influencia consideravel.

* * *

Apenas, de quando em quando, ora ao sabor de modas literárias e nacionalistas, ora por efeito de meras preferências individuais, alguns literatos se têm dedicado a imitar a poesia do povo, às vezes a sério, assimilando-a, porém, mais frequentemente de maneira afectada ou caricatural, e com intenção de arremêdo.

As duas maneiras estão fundidas nas escritas de Caldas Barbosa, que fabricou muito vidrilho barato, mas a quem toca o merito de ter sentido a significação nacional das inspirações e das formas e ritmos populares, e foi o primeiro representante desabastado e tenaz do brasileiro literário — a ponto de desdenhar o elemento culto, inteiramente importado e sem raízes na alma do povo.

Ao "fulo Caldas" parece que devemos o início da nossa "modinha", a qual, como notou Silvio Romero, não é criação popular, mas, inspirada em motivos e sugestões populares, teve larga aceitação entre toda a gente culta e semi-culta, tanto no Brasil como em Portugal, apesar dos raras e isolados protestos de alguns puros artistas escandalizados.

Após a Independência houve um período muito interessante, que nos oferece largo campo a estudar, durante o qual esse nacionalismo populista se manifestou vivamente na poesia e na musica, como em tudo o mais.

A modinha passou a abranger toda composição poética sentimental, ou feita expressamente na índole da canção, ou tirada de autores em voga e posta em musica. O "lundu", que também fôra lançado e popularizado por Caldas Barbosa, passou a ser toda peça mais ou menos brejeira e grotesca, de toada alegre e jocosa.

Para se avaliar até que altura chegou essa epidemia, basta considerar que autores ilustres e graves não se dignaram de escrever modinhas e lundus para o povo. Assim, como se tem visto modestos e sérios funcionarios publicos, em seus devaneios poeticos, se improvisarem Matamoras ou Manfredos, espirrando odes flamigeras ou elegias apaixonadas, assim naquele tempo se viram bons conselheiros e pacatissimos pais de familia garatujar brejeirices desavergonhadas ás mulatinhas com e sem caroco, ou lirinsadeiras rimadas mais ou menos no genero dos "numeros" das revistas de anno. Fizera-mas Porto Alegre, Bittencourt Sampaio, Tri-

xeira e Sousa, Joaquin Manuel de Macedo, José Mauricio, Joaquin Norberto, e até sacerdotes como o padre Telles. Multas-as, em São Paulo, Elias Lobo.

De toda essa demorada torrente, que se expandia das grandes cidades, principalmente do Rio (e que aliás não se interrompeu até hoje, mas apenas variou com as modas) ainda restam espalhados pelo paiz alguns farrapos de toada e de letra, a lembrarem as glorias da "Mulatinha do caroco", do "seu Pereira de Moraes", do "Vem cá, Bitu" e outras joias. É possível que também restem traços della, diluidos na massa da elaboração sertaneja, como acontece com outras velhas composições esquecidas, cujos despojos fragmentados um exame minucioso pode rastrear na memoria de povo, através das suas criações contemporaneas.

De alguns decenios para cá, essa poesia do violão (que também foi do piano) já não é cultivada pelos homens de letras e vem sendo banida dos serões familiares.

O "trovador" de hoje tende a fugir ás reminiscencias da modinha e do lundu e anda muito impregnado de canções estrangeiras. Continua, entretanto, a orientação geral do primeiro movimento: o mesmo lirismo quente, os mesmos dengues melancolicos e a mesma patuacada, com o mesmo arremedo exterior e fantasioso do roceiro, tudo misturado de elementos vindos de toda a parte — empréstimos literarios, ritmos, neumas e frases de samba e cateretê, de capudocios da Saudade, de embarcadicos da praia do Peixe, de cantigas do Nordeste e do Sul, de reinações de pretos.

* * *

Mas o "trovador", por isso mesmo que tem a pretensão de desdenhar o roceiro e de o "representar" nos seus cantares, sem com elle se confundir, e por isso mesmo que é incapaz de discriminar as correntes literarias regionaes, sociaes e étnicas e tudo mistura, vai elaborando nos centros urbanos uma "arte popular brasileira", que propende a ser uma síntese de todas essas correntes e a tornar-se por sua vez um factor de caldeamento psicologico.

Tal síntese já se sente bem nisso que se denomina "musica brasileira" ("flor amorosa de tres raças tristes"), a qual não vem especialmente do branco, nem do ne-

gro, nem do caboclo, e tão pouco do Norte ou do Sul, mas lembra tudo isso, com alguma predominância, de certo excessiva, de boleios e plangências negroides, — o que se deve a sedução do pitoresco selvagem e a constante sugestão do elemento negro que se aglomera nas cidades litorâneas.

Como factor de caldeamento moral, o alcance dessa arte semi-culta é facilmente apreensível.

O prestígio dos grandes centros urbanos, a graça e novidade dos seus productos, os processos imitativos da moda, tudo lhe propõe a irradiação pelo país inteiro, por todos os povoados. O proprio cantador da roça, desde que vá morar para a cidade, substitue prazerosamente pelas ultimas cançonetas as cantigas bizônhas e monotonas do mato, e troca a viola humilde pela violão ambicioso. O ensino, por sua vez, pondo o jovem roceiro em contacto com a civilização, faz-lhe desdenhar e esquecer as coisas do "sítio" e preferir essa arte mais experta, mais disertada.

A pouco e pouco, essa arte vai contribuindo para se apagar nos espiritos as diferenças sociais, raciaes e regionaes e para se constituir um tipo psicologico e um gosto nacional. Sob este aspecto, é muito superior á politica e a outros factores dissolventes, que só labutam por criar agrupamentos, sistemas especiaes e fechados, onde se faz a cozinha electiva á revelia do sentimento popular, e vivem suscitando incompatibilidades e choques de interesses e de paixões entre classes, como entre Estados e zonas do país. É também superior á propria literatura culta, pois como quer que seja desempenha um activo papel na vida nacional, ao passo que a outra não se dirige ao povo, nem lhe pede inspirações, nem o pretende orientar em coisa alguma — muito pelo contrario.

* * *

Em resumo: a literatura, no Brasil, pouco recebe da para-literatura popular; em troca, sobre ella exerce uma constante influencia, através da corrente urbana, com que se acha mais em contacto. Essa corrente, no seu character mesclado, serve de intermediaria entre as letras verdadeiramente cultas e a elaboração genuinamente rustica, não permitindo que essas

duas extremos permaneçam absolutamente alheios um ao outro.

Contudo, o que consegue instillar na memoria de roceiro é bem pouco e esse pouco só demoradamente penetra. Quando se ouve entre o povo do sertão algum canto que trai a presença de residuos literarios, pode-se ter a certeza, nove vezes sobre dez, de que essa raizinha são velhos de varios decenios, e provieram de composições já esquecidas pela corrente urbana e inteiramente abandonadas ao pó e á traça dos arquivos da literatura culta.

É verdade que de quando em quando apparecem nas colectaneas de cantigas piebás alguns versos de origem literaria recente, e até de autores conhecidos. Pode dar-se o caso de versos taes se haverem vulgarizado rapidamente, por qualquer circunstancia. Mas é preciso desconfiar da facilidade com que muitos colectores dão de "popular" ou "popularizado" a tudo quanto respigam.

Frequentemente, basta-lhe uma vaga informação, basta-lhes saber que os versos foram ouvidos a uma ou duas pessoas do povo. Ora, nem tudo quanto se ouve a pessoas do povo é "popular"... Nada impede que individuos incultos saibam de cor por acaso, até composições parnasianas do mais acendrado artificialismo.

Para que uma peça poetica deva ser considerada "popular" ou "popularizada", é preciso que onde de facto incorporada ao patrimonio tradicional do "povo", e não apenas á memoria de meia dúzia de individuos numa determinada localidade. Como se reconhece essa incorporação? Pela presença dos versos em varios pontos diferentes, e — como o povo não os guarda senão de cabeça — pelas alterações inevitáveis que vão soffrendo, pelo incoercível pulular das variantes pela dispersão dos seus elementos através de outras composições populares.

Portanto, não é sufficiente dizer que uma dada peça é popular ou popularizada, é necessario prova-lo; e a prova só se pode fazer por um trabalho lento, paciente e minucioso de colecta e confrontação de documentos.

* * *

Além da influencia que exerce na poesia rustica através da corrente urbana, exercerá a literatura alguma outra, directamente? Sim, mas rara e debil.

Hã, por exemplo, entre o povo da roça umas cantigas religiosas, que são visivelmente de origem literária, e não lhe vieram de certo pelo intermédio dos "trovadores" citadinos, pouco dados a expansões devocionaes, mas pela acção da Igreja e de pessoas leigas, mas ou menos cultas, amadoras desse genero especial de locuções. Pertencem a este numero, entre larga copia dellas, as seguintes quadras colhidas em Capivari, as quaes na sua imperfeição actual ainda conservam sinaes da pena estudiosa e anonima que laboriosamente compoz a sua primeira versão, não se sabe quando nem onde:

O meu santo S. João,
o meu Baptista sagrado,
é o anjo do "Empireu"
que por Deus foi humanado.

Pede, sim, que triunfemos
do pecado e de mil vícios,

que oprimem as nossas almas
entre immensos sacrificios.

E estas, de Barneri:

Nós escolhemos a vós, Pedro,
por um singular patrão.
Alcançe de Deus eterno
das nossas culpas o perdão.

Na porta do céu vós 'stais,
como a primeira luz.
Peço que nós dêis a glória
para sempre, amem, Jesus.

Casos desta ordem, porém, podem ser considerados acidentaes. A regra geral é aquella: a literatura só influe sobre a arte rustica muito de longe, demorada e levemente, por intermédio do ramo urbano da poesia popular.

Augusto Amaral
("O Estado de S. Paulo").

CIVILIZAÇÃO PERDIDA

I

Publiquei, ha poucos dias, neste "Diário de Pernambuco", um artigo sobre a viagem do coronel Fawcett que já deve ter chegado no Rio de Janeiro donde, com alguns technicos, se transportará a Matto Grosso, para explorar as cidades soterradas de cuja existencia ha vestigios.

Referi-me, nessa occasião, á existencia de outras cidades no interior do Brasil e especialmente no Piahy e na Bahia, e, endossando conceitos do sr. Napoleão Reys, admitti a hypethese que vem sendo discutida pelos archeologos, de ter sido o Brasil, no periodo anterior ao seu descobrimento, milênios de annos antes, habitado por um povo de civilização relativamente adiantada, o que poderá provar-se com explorações scientificas e com o estudo comparativo do idioma tupy.

Ao tempo em que desenvolvia eu essa these no "Diário de Pernambuco", publicava o prof. dr. L. Schwennhagen na "Pacotilha" do Maranhão, trabalho em que vizava a fim semelhante, basante em observações proprias, de volta de sua visita ao interior do Piahy onde explorara a curiosa Pedra do Sal, na embocadura do

Parnabyba, e as decantadas ruínas de "Sete Cidades", referidas no meu artigo.

O prof. L. Schwennhagen não só teve a bondade de enviar-me o seu estudo, como me informou que virá em breve nos sertões de Pernambuco, onde, informam-lhe, ha elementos para o reforço de sua these: que existiram no Brasil nações de indios, politicamente confederados e possuidores de certa civilização.

Por muito interessantes, resumirei os trabalhos do illustre sciencista austriaco.

Suas primeiras observações se referem á Pedra do Sal, no delta do rio Parnabyba.

A Pedra do Sal é uma penedia de 10 metros de altitude collocada na parte septentrional da embocadura do Parnabyba, como baliza natural para os navegantes. Distante tres kilometros, para o interior, ha outra baliza com a mesma disposição e nesta se encontra hoje o pharol.

No rochedo de terra, isto é, no do interior, onde se encontra o pharol, ha uma grande cavidade, feita numa tal altura, que a agua do mar só penetra nas grandes marés. Com a evaporação da agua marinha fica ali um deposito de sal.

Num e noutro rochedo ha cavidades mais elevadas e mais profundas para deposito de

água de chuva, com capacidade para mil litros d'água potável.

Tais depósitos de sal e de água doce para os navegantes existiam na antiguidade, nas costas da África e na península Ibérica — assevera o explorador austríaco, citando Plínio.

Mais admirável ainda, continua o prof. Schwennhagen, é que no rochedo de fóra, isto é, no que se encontra na ilha mais avançada do delta, existe a pedra denominada "globo": uma grande rocha, esférica, collocada sobre tres menores, com tamanha segurança que não pode ser abalada pelas ondas. A superfície do globo é coberta de signaes, parecidos com os de Itacatiara e os que se vêem em pedreiras na costa do Estado da Parahyba.

O prof. Schwennhagen compara esse globo de pedra ao que existia sobre os rochedos do estreito de Gades, hoje de Gibraltar.

Os phenícios conheciam a forma redonda do nosso planeta e representavam-no em globos de pedra em diversas estações maritimas, para nortear os navegantes.

Dahi a admissão da seguinte hypothese: a barra do Parahyba, assinalada por um globo de pedra semelhante aos dos phenícios, teria sido uma das estações desses navegadores e a ilha de São Luiz, no Maranhão, um grande emporio commercial, ha 3.000 annos, frequentado pelos navegadores do velho mundo.

II

Antes de divulgar a hypothese archeologica do prof. Ludovico Schwennhagen, preciso de dar uma idéa do que é Sete Cidades, no Piahy.

A primeira informação que se conhece dessa maravilha é um artigo do sr. Jacome Avelino, publicado na "Constituição" do Ceará, em 1886, e levado ao Instituto historico brasileiro, no mesmo anno, pelo sr. Tristão de Alencar Araripe, que o divulgou no seu trabalho "Cidades petrificadas e inscrições lapideas no Brasil".

O sr. Jacome Avelino localiza Sete Cidades a cinco leguas ao sul do Piracuruca. Atravessou oitenta e cinco leguas para a conhecer de visu.

Resumo sua descripção. As ruínas "da cidade petrificada ou construida por um

povo antiquissimo de que já não temos mais noticias" occupam uma legua de circumferencia, cercadas por uma muralha de seis metros de altura por quatro de largura, com uma entrada estreita. Sobre a muralha ha peças de artilharia, umas juntas ás outras e todas presas á base. O comprimento dos canhões corresponde a largura da muralha.

Tudo lembra uma praça forte, com torres de observação.

As ruas dessa praça forte são bem alinhadas e as casas separadas, de modo que dão passagem a um homem. As pedras das casas e das torres são diferentes da da muralha e das dos canhões.

Os canhões estavam entupidos com areia alva e o visitante poude desobstruir um delles.

As sete praças se communicam por abobadas.

Na maior praça ha um olho d'água que forma um riacho; este atravessa a muralha por uma especie de boeiro, torna-se subterraneo adelante e reaparece alem.

A descripção dessa maravilha archeologica pareceu uma phantasia de viajante. O imperador d. Pedro II que, como se sabe, era apaixonado pelo estudo de nossa historia, mostrou grande interesse pelo assumpto e o Instituto historico pediu informações ao presidente da provincia do Piahy. Este transmittiu o pedido á camara da villa de Piracuruca.

A Camara nomeou uma commissão de tres veredores para ir ao local e sua resposta consta do officio publicado na "Revista do Inst. hist. brasileiro", tomo LV, parte I. Delle transcrevo o seguinte periodo: "Em distancia de 4 leguas ao sul desta villa, e entre as fazendas e sitios Bom Successo, Bananeiras, Bom Gosto e Gamelleira existe, em uma area de mais de 4 leguas quadradas, uma extensa agglomeração de grandes rochedos alantillados de diversas cores e tamanhos, medindo alguns mais de 50 metros de altura, dispostos profusamente fingindo torres, fachadas de edificio, muralhas, fortalezas, etc., cuja variedade offerece á contemplação do visitante um quadro pitoresco e da mais linda perspectiva. Compridas pedras ôcas, postas sobre o rochedo da entrada, fingem peças de artilharia, mas estas já estão quase todas quebradas, umas pela acção do tempo outras pela mão do homem".

Os vereadores emitem opinião científica sobre a origem de Sete Cidades...

O engenheiro José Corrêa Rabello, da E. P. de Sobral a Theresina, visitou recentemente Sete Cidades e embora formule algumas hypotheseas geologicas ("Revista do Inst. historico do Piahy", tom. I) termina julgando necessario o estudo de algum competente.

São de sua descripção em termos technicos:

"Ao longe, esta (a primeira pedra) parecia uma fortaleza blindada; a forma geometrica de um paraboloide hyperbolico, o revestimento hizarro do tecto e das paredes, semelhante grandes placas pentagonaes de aço e dispostas em estrutura embricada: sua situação isolada na entrada das Sete Cidades, tudo isto lhe dava o aspecto de uma fortaleza feita por duendes ou por maos espiritos que habitassem a região, como pretendia o nosso guia.

Subimos nesta fortaleza e dali avistamos parte das Sete Cidades: torres isoladas e altas mantendo-se por um prodigio de equilibrio; zimbórios elipsoidaes perfectos, uns muito achatados, outros muito alongados e revestidos como a fortaleza; paredes blindadas de castelos em ruinas; cupolas esplendidas, escadarias derrocadas; ruas estreitissimas em certas regiões, largas como avenidas em outras; alguns templos sem torres em cuja nave se pode penetrar e mil cousas que os olhos vêem, o espirito apprehende e é difficil descrever.

Visitámos grande parte da cidade; sobre as pedras lisas e brancas ha desenhos e signaes vermelhos feitos provavelmente por aborigenes do Brasil".

Sete Cidades não é, portanto, uma phantasia. Existe no interior do Piahy. O geologo defenderá a hypothese de que essas suppostas ruinas são o producto da erosão das rochas de quartzito. O archeologo procura outra explicação.

Vejamos agora a hypothese que, sobre essa maravilha do passado, formula o explorador austriaco prof. L. Schwennhagen, em recente artigo da "Pacotilha".

III

O prof. Ludovico Schwennhagen, a quem me referi nos artigos anteriores, mostra-se maravilhado com a visita que fez ás ruinas de Sete Cidades, no Piahy, e entende que

o assumpto não pode ser explanado num artigo do jornal. Tirou photographias, levantou plantas e vai publicar um trabalho especial com a descripção illustrada dessa maravilha archeologica. Parece que elle não conhecia os trabalhos anteriores por mim citados e muito menos as hypotheseas geologicas formuladas sobre essas curiosas ruinas.

Adeanta, contudo, em publicação resumida na "Pacotilha", que Sete Cidades — nome dado pelos navegadores estrangeiros que antes de Cabral penetraram no interior do Brasil guiados pelo glóbo da Pedra do Sal — era a capital federal da Confederação dos habitantes do norte do Brasil.

Segundo o illustre explorador, os tupys provieram de Carahia, terra que desapareceu e em cuja superficie se encontra hoje o mar Carahico. Entraram pela ilha de S. Luiz, foz do Parahyba, e ahí se estenderam, pela serra que é considerada a columna vertebral do Brasil, do Piahy a Santa Catharina, e posteriormente no rio da Prata.

A primeira estancia era a Confederação do Norte, formada por sete povos: os tupinambás, no litoral do Maranhão e do Pará; os guajajaras no interior do Maranhão; os tabajaras, entre o rio Parahyba e a serra; os guenés, no sul do Piahy; os potiguaras, na zona septentrional, desde a serra até o Recife, e os cactés e os tremembés, no sul do Ceará e nos sertões do Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco. Estes sete povos tinham como centro nacional, politico e religioso a grande metropole, perto de Piracurua, chamada Sete Cidades. Cada um possuía uma parte da cidade, com uma area de cerca de 1 kilometro quadrado, e todos estavam agrupados em redor dum alto Castello, residencia do maior da Confederação. Nesse castello havia um grande templo quadrangular e aberto, como os da antiga Babilonia.

O prof. Schwennhagen promette demonstrar essa hypothese com a planta das ruinas de Sete Cidades e as photographias colhidas "in loco".

Phantasiando um pouco encontra o prof. Schwennhagen qualquer relação entre a confederação dos sete povos tupys da area de sete Estados do norte, agrupados em torno de Sete cidades, com o sonho de 1824 da Confederação do Equador, cuja

capital federal seria no centro do território confederado.

O nome de Sete Cidades não é de origem tupy. Teria sido dado por navegadores estrangeiros.

O sábio explorador austriaco reforça ainda a sua hypothese com o facto de conhecerem os geographos gregos uma localidade denominada Heptápolis e de ser, ao tempo do Imperio Romano, o Brasil apertado como Insula septem civitatum, mais tarde Ilha das Sete Cidades. Refere-se a duas expedições saídas da península ibérica, uma em 734 e outra em 1147, em procura da Ilha das Sete Cidades, na suposição de que o Brasil fosse uma ilha e Sete Cidades a sua capital. E conclui: "Então, mil annos atrás, muita gente na Europa sabia do Brasil mais do que muitos

dos modernos brasileiros, que não conhecem até hoje as Sete Cidades".

Verdadeira ou não, a hypothese archeologica do prof. L. Schweinhagen merece ser meditada. Talvez não estejamos longe da decifração do grande enigma que é o Brasil para os archeologos. Felizmente os especialistas estão lançando os seus olhos para esse problema e já em nosso sôto se encontra uma missão inglesa para a exploração desse thesouro pre-historico.

Se está hoje provado, pelas descobertas archeologicas, que existio uma civilização pre-colombina no Perú e no Mexico, por que julga-se impossivel em nosso país, tanto mais quanto a existencia da Atlantida tem sido admittida pela maioria dos geólogos?

Mário Melo

("Diário de Pernambuco", Recife).





NOTAS DO EXTERIOR

UM INQUERITO INTERESSANTE

O sr. Isaac Goldberg concluiu seu inquerito para a revista de New York *The American Mercury*, entre um grupo de escriptores sul-americanos que lhe pareceu representativo, sobre a litteratura dos Estados Unidos.

O resultado parece lhe ter dado a impressão de que os sul-americanos se consideram todos em relação aos norte-americanos verdadeiros exenos de heraldica elegância em relação a adutras escuras e feias. Admittindo a supremacia economica e technica do povo do Norte não lhes admittem sequer a egualdade na cultura e na criação intellectual. E o sr. Goldberg registra quasi zangado esta impressão falsa dos sul-americanos; e que no exaggero de escrever como si fosse de um país verdadeiramente culto.

O sr. Goldberg tem, até certo ponto, razão. Succede de facto que a litteratura dos anglo-americanos é hoje a mais forte e a mais sinceramente creadora das jovens litteraturas da America. E é também facto que sob a illusão de sermos povos idealistas, sonhadores, em cujo seio deveria ter nascido Edgard Allan Poe, estamos rapidamente a desenvolver um gosto pela posse das cousas, um furor de resultados immediatos, um pragmatismo, enfim, verdadeiramente espantoso.

Enquanto isto se verifica, nossa cultura soffre consideravel depressão. Nossos congressistas, sem chegar á degradação men-

tal das 'bomems que enchem com os seus ventres e os seus charutos e os seus pés de meio-metro o horrivel Congresso Federal de Washington e os varios congressos estaduais da democracia norte-americana, já não são aquellas figuras boas de senadores e deputados do imperio — de uma grave nobreza intellectual alguma — Nabuco de Araujo, Zacarias de Góes, o visconde da Rio Branco; toleravelmente accacianos outros. Nossos theatros, outrora centros de cultura musical e de vida mundana, americanizam-se em *vaudivilles*; o cinema norte-americano invade o Brasil todo com o seu má gosto e com a sua vulgaridade. A vida de sociedade, que florescen durante o Imperio, desaparece também, minada pelo cinema. O jornalismo, igualmente americanizado já não é a força de cultura que foi no tempo dos nossos avós; sensacionalista, opportunistas, vive em grande parte de alugar as opiniões a quem dá mais. As casas editoras, também americanizadas publicam aos milhares o que o gosto baixo do grosso publico pede, escancarando formidaveis bocas sujas.

E o phenomeno é este: enquanto os Estados Unidos se desamericanizam aos poucos, nós rapidamente, nos americanizamos da maneira mais torpe. Esse nós é continental: inclui também a Argentina, o Uruguay, o Chile, o Perú, Cuba, Porto Rico.

A medida que nos americanizamos, continuamos a supor os norte-americanos todos uns rudes homens de enormes pés e dentes acavallados, no meio dos quais seria impossível desabrochar uma dessas flores raras que nos enfeitam a sala de visitas: o genio de romancista do sr. Coelho Netto ou o talento colonial — no sentido botânico de colonial — de Ruy Barbosa. E enquanto nos Estados Unidos surge uma litteratura de introspecção social com os trabalhos de Randolph Bourne, Van Wick Brooks, Spingarn e uma poesia e um theatro característicos — os dramas de O'Neil, por exemplo — nossa litteraturinha no Brasil, é cada vez mais um brincado, attingindo ao ridiculo maximo nos recentes trabalhos dos sr. Pinto da Rocha, Coelho Netto, Esmeraldino Bandeira, Affonso Celso, Antonio Austregesilo.

Do Brasil o sr. Goldberg inquireu sobre a litteratura norte-americana tres individuos diversissimos: o sr. Oliveira Lima, o sr. Monteiro Lobato e en. O sr. Oliveira Lima disse ao escriptor de Boston que Emerson e Hawthorne eram lamentavelmente ignorados entre nós, conhecendo-se entretanto *O Corvo*, de Poe. E recordou o sr. Oliveira Lima a personagem de Eça — um Netto, aliás — que pergunta n'*Os Meias* ao Carlos da Maia: "E diga-me cá, sr. Carlos da Maia, ha romancistas e poetas na Inglaterra?" Para o sr. Oliveira Lima o brasileiro vive com relação ás lettras norte-americanas no mesmo estado de innocencia que o politico português com relação aos poetas e romancistas inglezes. Aliás, antes ignorar os primeiros que os ultimos.

O sr. Monteiro Lobato escreve ao sr. Goldberg que Hawthorne era desconhecido no Brasil; Longfellow, ainda que traduzido ao português, quasi ignorado; Poe lido em francês — a excepção d'*O Corvo* vertida

ao português por Machado de Assis e por Emilio de Menezes. Quanto aos escriptores norte-americanos modernos constata-se a sr. Lobato a apreciação de Nick Carter mesclada com a de Mark Twain e William James.

Na minha resposta annunciei entre banalidades a triumphal invação do nosso mercado de livros pelo Austregesilo yankee: o dr. Orison Sweet Marden, auctor dos seguintes livros que se acham traduzidos para o português e á venda nas excellentes livrarias do Recife: (1) *A Alegria de Viver*; (2) *O Emprego Excepcional* (arte de fazer caminho pela vida); (3) *O Sucesso pela Vontade*; (4) *Sê perfeito*; (5) *A Harmonia do Bem*; (6) *O Optimismo*; (7) *Porque envelhecer?*; (8) *Os Milagres do Anão*. (Creio que ha uma differença-zinha de preço para o lote).

O argentino sr. Manoel Galvez escreveu ao sr. Goldberg que a ignorancia da litteratura norte-americana no seu país era quasi completa. O jornal *La Nación* tem publicado edições populares de Cooper e Bret Harte em hespanhol.

O sr. Galvez não perdeu a excellent opportunity de pizar o sr. Goldberg com uma ironiazinha, perguntando-lhe porque era tão lido nos Estados Unidos um escriptor tão superficial e de terceira ordem como o hespanhol Blasco Ibanés.

O sr. Jorge Manach, de Cuba, escreveu ao sr. Goldberg que no seu país os "valores litterarios norte-americanos eram ignorados". Poe é conhecido em Cuba, segundo o sr. Manach, através de Baudelaire. Entretanto Mark Twain tem na ilha do assucar verdadeiros apaixonados, juntamente com Anatole e Eça de Queiroz.

Gilberto Freyre

("Diario de Pernambuco", Recife).

OS PREMIOS NOBEL

Agora que estão sendo distribuidos os premios Nobel de 1924, vem a proposito reproduzir a lista dos premiados desde o inicio, segundo uma lista publicada pelo jornal "Esperanto Triumfonta".

Litteratura — 1901, Sally Prudhomme; 1902, T. Tommsen; 1903, Bj. Bjornson; 1904, Fréd. Mistral e José Echegaray (metade a cada um); 1905, Henryk Sien-

kiewicz; 1906, Giosuè Carducci; 1907, Rudyard Kipling; 1908, Rud. Eucken; 1909, Selma Lagerlof; 1910, Paul Heyse; 1911, M. Maeterlinck; 1912, Gerh. Hauptmann; 1913, Rabindranat Tagore; 1914 (não concedido); 1915, Romain Rolland; 1916, Werner Heidenstam; 1917, K. Gillerup e H. Pontoppidan (metade a cada um); 1918 (não concedido); 1919, C. Spit-

teler; 1920, Knut Hamsun; 1921, Anatole France; 1922, Jacinto Benavente; 1923, William Butler Yeats.

Physica — 1901, W. C. Roentgen; 1902, Hendrik Antoon Lorentz e Pieter Zeeman (metade a cada um); 1903, H. Becquerel, Pierre Curie, Marie Curie (um terço a cada um); 1904, Lord Rayleigh; 1905, Phil. Leonard; 1906, J. Thompson; 1907, Alb. Albr. Michelson; 1908, G. Lipmann; 1909, Gugl. Marconi e Ferd. Braun (metade a cada um); 1910, J. D. Wauhs; 1911, W. Wien; 1912, G. Dalen; 1913, Omnes Heike Kamerlingh; 1914, M. V. Lave; 1915, W. Bragg e W. L. Bragg (metade a cada um); 1916 não concedido; 1917, Chas. G. Barkla; 1918, M. Planck; 1919, Joh. Stark; 1920, Ch. Ed. Gléau; 1921, Alb. Einstein; 1922, Niels Bohr; 1923, Rob. Millikan.

Química — 1901, Jak. Mendr. van't Hoff; 1902, Emil Fischer; 1903, Svend A. Arrhenius; 1904, Sir Will. Raman; 1905, Adr. V. Bayer; 1906, Henri Moissan; 1907, Ed. Buchner; 1908, Ernest Rutherford; 1909, Wilh. Ostwald; 1910, Otto Wallach; 1911, Marie Curie; 1912, Victor Grignard, Paul Sabatier (metade a cada um); 1913, Alrd. Werner; 1914, Th. W. Richards; 1915, Rich. Willstätter; 1916 e 1917 não concedido; 1918,

Fritz Haber; 1919 não concedido; 1920, Walther Norst; 1921, Frederik Soddy; 1922, Francis Will Aston; 1923, Fritz Pregl.

Medicina — 1901, E. A. Bhering; 1902, Sir Ronald Ross; 1903, Nels Ruberg Finzen; 1904, Ivan Petrovié Pavlow; 1905, Robert Hock; 1906, Camillo Golgi e Ramon y Cajal Santiago (metade a cada um); 1907, Chas. L. Aplh. Laveran; 1918, Paul Ehrlich, Elias Metchnikoff (metade a cada um); 1910, Albr. Cossel; 1911, Alvar Gullstrand; 1912, Alexis Carrel; 1913, Ch. Richet; 1914, Rob. Bárány; 1915-1918, não concedido; 1919, Jules Bordet; 1920, Aug. Krogh; 1921, não concedido; 1922, A. V. Hill e O. Myerhof (metade a cada um); 1923, F. G. Banting e J. R. Macleod.

No XVI Congresso Universal de Esperanto, realizado este anno em Vienna, tratou-se da questão de pleitear o premio para o dr. Lazaro Ludoviko Zamenhof, iniciador do Esperanto.

Segundo os estatutos da Instituição dos Premios Nobel, em certas condições o premio pode tambem ser dado aos successores do premiado. Nesse caso o premio seria entregue á viuva de Zamenhof.



JANUÁRIO 1924

AS CARICATURAS DO MEZ



O amigo — Meu Deus! Que é isso?!...

O chefe da casa — Não é nada, meu amigo. Estou garantindo a ordem...

A MODA EM PARIS



— Qual, minha filha, o decote está caindo em Paris.

— Ainda mais?



MAL COMPARANDO

— Sabes? O medico mandou repetir a receita.

— Logo vi. Esse sujeito tem cara de orçamento.



— Mulher, não se assuste. Eu no sabbado de Carnaval só posso chegar aqui na... quarta-feira de cinzas.



Nutrion

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a função
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

Ultimas Edições da

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, enc.	30\$000
MOLESTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25\$ enc.	30\$000
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Enc.	20\$000
DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch.	20\$000
CONCRETO ARMADO — Theoria e Pratica, segundo as prescripções allemãs, Dr. Raul Gomes Porto	20\$000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch.	8\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	8\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	5\$000
CONVERSAS AO PÉ DO FOGO, Cornello Pires, broch.	5\$000
NARRANDO A VERDADE, General Abilio Noronha, broch.	5\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	5\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch.	5\$000
A MORENINHA, J. M. Macedo, broch. 2\$000, enc.	4\$000
CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart.	4\$000
O BRASIL E A DOUTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
MENINA E MOÇA, Bernardim Ribeiro, broch. 1\$500, enc.	3\$000
O CRIME D'AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch.	3\$500
FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch.	4\$000
QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch.	4\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	3\$000
O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, enc.	2\$000
MANUAL DE GYMNASICA, Victorino Fabiano, broch.	3\$000
DODÓCA, Dolores Barreto, para crianças, cart.	5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO

A Revista da Sociedade de Educação

*deve ser lida por todos quantos se
interessam pelos assumptos didacticos.*

Redactores

Dr. A. Almeida Junior

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Prof. Branca do Canto e Mello

Prof. José Ribeiro Escobar

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual 128000

POLYBIBLION

REVISTA BIBLIOGRAPHICA UNIVERSAL

5, Rue de Saint Simon, 5

PARIS, VII

"Polybiblion", que está no seu 58.º anno de existencia, apparece mensalmente com duas partes distinctas:

I — Uma "Parte literaria" (2 volumes por anno), contendo: 1.º) "Articles d'ensemble" sobre os differentes ramos da sciencia e da literatura. 2.º) "Comptes rendus" das principaes obras publicadas em França e no estrangeiro. 3.º) Uma chronica resumindo todos os acontecimentos referentes á literatura. — Desde os fins de 1914, "Polybiblion" dá "comptes rendus" relativos á guerra européa.

II — Uma "Parte technica" (1 volume por anno), contendo: 1.º) uma "Bibliographia methodica" das obras publicadas em França e no estrangeiro, com indicação dos preços. 2.º) os summarios de numerosas revistas francezas e estrangeiras e dos grandes jornaes de Pariz (artigos literarios, historicos, scientificos e artisticos e artigos que se prendem de perto ou de longe á guerra européa).

PREÇOS DE ASSIGNATURA.

Parte literaria	Estrangeiro	38 fr.
Parte technica	"	31 "
As 2 partes reunidas	"	50 "

Amostra mediante a remessa de 1 franco em sellos postaes brasileiros.

NOVIDADES

Dr. Waldemar Ferreira

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

Dr. Azevedo Marques

DA HYPOTHECA

Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)

PSYCHOLOGIA DOS CIUMES

A PERSONALIDADE SENTIMENTAL
COMO NASCE O AMOR

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
tem no prélo as seguintes obras juridicas:

Dr. Martinho Garcez

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CIVEIS
E COMMERCIAES
CODIGO CIVIL EXPLICADO

Dr. Eduardo Espindola

DIREITO DE FAMILIA
PARECERES

Dr. Alfredo Bernardes da Silva

PARECERES

Dr. Diogo Carlos de Menezes

DICCIONARIO JURIDICO

Melchisedech Jehovah de Brito

MANUAL DE JURISPRUDENCIA MILITAR

Instituto dos Advogados Brasileiros

LIVRO DO CENTENARIO

Henry George

PROBLEMAS SOCIAES

Pedidos á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO

LIVROS ESCOLARES

<i>Eduardo Carlos Pereira</i> — GRAMMATICA EXPOSITIVA — Curso elementar	3\$000
Curso superior	8\$000
GRAMMATICA HISTORICA	10\$000
<i>A. de Sampaio Doria</i> — COMO SE ENSINA	3\$000
COMO SE APRENDE A LINGUA — Curso elementar	3\$000
Curso medio	3\$500
Curso complementar	6\$000
O QUE O CIDADÃO DEVE SABER.	3\$000
<i>Thales de Andrade</i> — SAUDADE	3\$000
<i>A. de Almeida Junior</i> — CARTILHA DE HYGIENE	2\$000
<i>Othoniel Motta</i> — LIÇÕES DE PORTUGUEZ	7\$000
O MEU IDIOMA.	6\$000
<i>Monteiro Lobato</i> — FABULAS.	2\$500
NARIZINHO ARREBITADO	2\$500
<i>B. M. Tolosa</i> — CARTILHA DE ALPHABETIZAÇÃO.	2\$500
<i>Mello e Cunha</i> — ALGUMAS REGRAS DE CALCULO MENTAL	1\$500
<i>Miguel Milano</i> — SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES — HYGIENE.	3\$500
<i>Edgard Vieira</i> — FACTORAÇÃO ALGEBRICA.	4\$000
<i>João Gomes Junior</i> — CANTIGAS DA MINHA TERRA	3\$000
CADERNOS DE PROBLEMAS PARA O ENSINO PRIMARIO — Caderno de Problema (1.º anno)	1\$000
<i>Fausto Lex</i> — A PESCA	2\$500
<i>Joaquim Pereira de Camargo</i> — LIÇÕES DE TACHYGRAPHIA	8\$000
<i>Leonardo Pinto</i> — CONJUNÇÕES	2\$500
LOCUÇÕES ADVERBIAES FRANCEZAS	4\$000
CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS DA LINGUA ITALIANA	4\$000
<i>Alduino Estrada</i> — ESTRADA LUMINOSA	3\$000
<i>Henrique Geenen</i> — COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA	10\$000
<i>Ernani M. de Carvalho</i> — TRATADO DE CORRESPONDENCIA COMMERCIAL	15\$000
<i>Olavo Freire</i> — CHOROGRAPHIA DO BRASIL	12\$000

PEDIDOS A —

Cia. Graphico-Editora



Monteiro Lobato

PRAÇA DA SÉ N. 34

S. PAULO - CAIXA 2-B